FON
FON
ANNO XXIII — Nº 11
Rio, 16 de Março de 1929.
Preço: 1$000

—Quando soffria um ataque de enxaqueca,

a dôr e o mal estar tornavam-se tão intensos, que ella ficava horas e horas soffrendo horrivelmente num quarto escuro, sem poder sequer supportar a luz.

Que achado, que allivio, quando, depois de haver experimentado meia duzia de remedios, sem resultado, tomou uma dóse de

Passados poucos momentos, e a dôr e o mal estar tinham desapparecido como por encanto!

Dôres de cabeça em geral; dôres de dentes e ouvido; nevralgias, cólicas menstruaes e rheumatismo; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.

"o meu unico allivio"!

Não *affecta* o *coração* nem os *rins.*

O conto brasileiro

Assombrações

UMA tempestade horrivel se desencadeava. Encharcados até os ossos, atolados na lama, os quatro caçadores e o guia só conseguiam ver o caminho á luz dos relampagos. E, ao ribombar dos trovões, respondiam, com uivos e pios terriveis, os habitantes da floresta.

— Irra! — disse um dos rapazes — eu tremo de frio e... de medo.

— Ora, "seu" Juca — respondeu o outro — você com medo de...

Mas, um grito allucinante, que escapou de seus labios, não deixou que terminasse a phrase. Cascavel immensa, a chocalhar, passava, viscosa, ondulante, por entre suas pernas ageis, que o pavor ainda mais ageis tornara. Felizmente o reptil nenhum mal lhe fez, e, á claridade de um novo relampago, viram o rancho que o guia, desnorteado havia varias horas, procurava.

O grupo era formado de tres estudantes e do dr. Hilario, um solteirão capitalista, já maduro, que só se sentia bem na companhia de gente moça. Incredulo, bonachão, ria de todas essas superstições e lendas que infestam o nosso Brasil.

Quando, já enxutos, fumavam ao redor da fogueira que crepitava fumarenta no meio da choupana, repararam no guia, um "cabra" de musculos rijos, que não tinha medo de gente, mas que se encolhia todo, com os olhos brilhantes, persignando-se a cada estrondo do trovão.

— Que tens, Damião? — perguntou um dos estudantes.

— Ah! patrão, é que esse mucambo é mal assombrado. Dizem que em noites "cuma" de hoje vem aqui "cantar" e tocar viola a "arma" do defunto Zé Matuto, que morreu numa noite egualzinha á de hoje, de morte matada, quando cantava umas trovas p'ra dona do seu coração. "Antonces", quando a chuva chove "cuma" hoje, elle vem "acabá" a trova que estava cantando quando morreu.

E, como para affirmar as palavras do Damião, o vento, passando por entre as folhas das arvores, deu aos ouvintes a impressão nitida de uma viola a cantar. Pela espinha dos rapazes correu um leve arrepio.

O silencio que se fez foi cortado pela gargalhada satyrica do dr. Hilario.

— Ora! Assombrações... Então vocês acreditam nisso? Verdade é que eu tambem já acreditei, mas foi só por alguns momentos. E' melhor que lhes conte, emquanto não cessa essa maldita chuva.

E, accommodando-se como pôde, elle começou a narrativa:

— Se não me engano, sou descendente do Judeu Errante. Desde cedo que se revelou em mim essa mania de correr terras. Depois, era bem facil satisfazer aos meus caprichos, pois acharam os meus antepassados que deviam juntar dinheiro para que eu o gastasse. De mim só exigiram uma formatura em direito, porque, infelizmente, no Brasil, só é gente quem é doutor ou... coronel. Viajei. Corri quasi todo o mundo e nunca soube o que foi ter medo, nem do salteador da Serra Morena ou do nosso cangaceiro; jamais me apavorou o uivo do jaguar traiçoeiro, nem a peste das regiões pantanosas; mas, tremi, acreditem, por causa de uma assombração.

"Faz muitos annos, porém é bem vivo na minha imaginação o pavor que senti naquelles curtos momentos. Estava eu em Recife e, por um capricho, resolvi fazer um passeio á noite pela costa. Um dia calido, dia quente do Norte, fazia prevêr grande tempestade. Aluguei um cavallo para fazer a excursão. Queria ver, á noite, o aspecto imponente da fortaleza do Brum, obra solida e majestosa, feita pelos hollandezes durante o periodo da sua invasão e permanencia em nosso paiz. Mais adeante ficava a fortaleza do Buraco, meio em ruinas, e, entre duas fortificações, a celebre "Cruz do Patrão". E' uma dessas cruzes communs que vemos sempre nas beiras das estradas dizendo ao viajante que alli morreu alguem. Ora, a "Cruz do Patrão" tem varias lendas e entre ellas a seguinte:

"Dizem que naquelle logar foi assassinado, numa noite tempestuosa, um rico senhor de engenho. Voltava elle de receber o dinheiro de um assucar vendido, quando, de repente, lhe appareceu na frente, armado de faca, um seu empregado, homem no qual depositava toda a confiança. Foi tanto o medo e tão grande o espanto da dolorosa surpresa, que o infeliz enlouqueceu, morrendo a gargalhar. Quando, no dia seguinte, encontraram o cadaver, a bocca roxa, os musculos da face repuxados, os olhos vitreos, tudo parecia rir, um riso que nunca mais havia de terminar. E o povo dizia que, nas noites de trovoada, um phantasma gargalhava nos braços da cruz que

O Commentario

Passou a data do jubileu da Avenida, que Passos abrio, refrescando o velho Rio de Janeiro e modificando-lhe as idéas. Foi essa arteria, que hoje leva o nome do grande Rio Branco, o elemento preponderante do progresso moderno da capital do Brasil. Ella mereceria, por isso, ser cantada em prosa e verso como aquella famosa Gran Via de Madrid.

A Avenida transformou os habitos da cidade, modernisou-a, ventilou-a, deu-lhe umas perspectivas de vida e novo rumo aos ideaes, alargou-lhe o pensamento e durante vinte e cinco annos foi pouco a pouco acabando com todos os vestigios da cidade colonial. O Rio metropolitano é producto da Avenida. Bem haja, pois, os que a abriram ha um quarto de seculo. E por esse motivo toda a população carioca vibrou de fé, de gratidão e de enthusiasmo celebrando o jubileu da sua rua principal.

protegia a sua sepultura. Pois bem, essa lenda ainda mais aguçou minha curiosidade.

"Quando cheguei á praia, grossos pingos de chuva batiam de encontro á minha capa de borracha, emquanto ao longe o trovão se annunciava, num surdo ribombar. E a borrasca se desencadeou. Nunca vi espectaculo mais soberbo e ao mesmo tempo terrivel. O mar, em furia, levantava montanhas de agua negra, que se arremessavam á praia como féras. O vento assobiava lugubre, indo de encontro aos mangues, que se partiam com estalidos seccos. E tudo vibrava, tremia, á luz dos raios que ziguezagueavam no céo. Eu gozava extasiado a revolta dos elementos.

"Quando me aproximava da "Cruz do Patrão", o vendaval attingira o auge. Mais alguns passos, e eu a alcançaria. O animal, porém, relinchou e, empinando-se

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

* * *

todo, não obedeceu nem ao freio nem ás esporas. Luctei um pouco com o cavallo, até que, de repente, senti o sangue parar nas veias — eu ouvira, entenderam, ouvira uma gargalhada partir da cruz. Instinctivamente, meus olhos se voltaram para a sepultura, onde divisei dois pharoes de fogo que luziam na escuridão. Ah! meus amigos, confesso que tive medo, terror.... Espavorido, criei forças, chicotei a montaria, que deu um arranco e passou colceando para depois tornar a parar. Como que fascinado, não tirava os olhos da cruz, ou por outra, do logar onde ella se achava, pois era tal a escuridão, que apenas distinguia um vulto. Porém, um novo relampago, uma nova gargalhada, um bater de azas e eu vi a assombração. Uma coruja que descansava nos braços da cruz.

Tive vergonha de mim mesmo. Chicoteando com raiva o animal consegui que elle voltasse. Sahira em busca de sensações novas e aquella me bastava."

O dr. Hilario terminára a narrativa. Alguem perguntou então:

— Ainda existe a "Cruz do Patrão"?

— Não sei, mas é possivel que não. Ha quinze annos que não vejo a Recife, e dizem que as obras do porto fizeram maravilhas e... atrocidades. E' possivel que a civilização, na sua ansia de progredir, tenha destruido mais uma das nossas tradições.

A tempestade passára. Lá fóra a lua prateava as poças dagua, e as arvores mirando-se nas sombras pareciam phantasmas a bailar ao som de uma orchestra de rãs...

YARA DO RIO

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

Confissões de Outomno

DE JOSÉ NUCETE-SARDI

ELLA se estirava no divan felina e esquiva, admiravel de fórmas, coroada por uma cabelleira loira, e, não sei por que complicações de minha phantasia, presenti nella uma alma loira como sua cabeça de garçonne, como suas aureas sobrancelhas.

Ia ficando deserto o café, aquelle café com ambiente de castello, onde todos os ruidos eram opacos, como envoltos entre tapetes e cortinados pesados. Um piano batido por mãos femininas soluçava notas exóticas — como a alma daquella gata loira, — notas que me fizeram pensar nas planicies da Hungria, de onde minha imaginação fazia vir aquella mulher melancolica e errante, que, por estranha casualidade, o destino fizéra minha companheira de café. Ella me falava com estranha suavidade, e suas palavras tinham alguma cousa da musica que vibrava no ambiente.

Falava de si com frialdade de desencanto que me fazia olhal-a nos olhos, como para procurar em seu fulgor estranho o mysterio de sua vida. Falava e ria com riso ironico, e olhava-me com seus olhos profunda, languidamente verdes, para novamente rir indifferente, esperando minhas respostas.

— Ideologias — disse-lhe eu. — Mania do exótico, talvez, bella amiga, torturas de seu cerebro refinado de mulher que gosta de se torturar a si mesma quando não póde torturar aos outros.

— Ideologias? — repetiu ella. — O que queira, meu amigo...

E metteu suas mãos longas e claras na cabelleira aurea. Depois, continuou:

— A vida, que foi um pouco cruel para commigo, me ensinou a ver hoje, de modo diverso, aquillo que hontem vira com côres de primavera. Os sonhos de meus quinze annos, defraudados quasi todos por uma sina impia, me deixaram vaga recordação, suave e amarga, que me faz olhar com desdem — hoje, quando já estou perto dos trinta — tudo o que se refira ao amor...

— Bem — conclui eu, assombrado e confuso, — quero crer, por suas palavras, que em sua vida ha uma dôr mysteriosa, que você esconde sabiamente, para que perfume melhor o ambiente de recordações em que se encastella. Fala do amor e da vida com profunda indifferença, que eu julgo apparente. Aguça suas ironias corjá que você os confessou sinceratantes e (perdôe que lhes recorde, mente): seus trinta annos triumpham harmoniosos e alegres em seu corpo pagão, em sua pelle de leite, no fulgor de seus olhos, amendoas verdes que atormentam com fulgores estranhos, e na polpa vermelha e gloriosa de seus labios de febre...

— Você estyliza, meu amigo... Faz literatura... Não é assim?

E seu sorriso côr de purpura deteve minhas palavras. Levantando-se, bateu minhas mãos com as suas, como em uma caricia, e concluiu:

— Tenho uma enorme tristeza de amar. Eu não quero ver no amor nada vulgarmente alegre e corrente. Quero-o mysterioso e estranho; vago, longinquo e ao mesmo tempo muito profundo, como lithurgia de uma religião rara, e assim amei eu... Mas desgraçadamente, vocês os homens, ás vezes, insistem em fazer-nos amar a seu modo, de um modo...

— Egoista, não é verdade? — interrompi-a.

— Dil-o você, e não sei si é isso propriamente. Mas afinal, nunca me adaptei ao modo de amar de nenhum dos homens que encontrei em minha vida. Não se aborreça. Você quero excluil-o do conjuncto. Você é, esta noite, um confessor amavel e talvez ame e se deixe amar em um enorme recolhimento, misturando no amor o suave veneno das divinas torturas... Mas é tarde, muito tarde, e minha alma, hoje, a caminho do outomno, tem medo de começar de novo...

Entre dentes murmurei algo trivial, e ao ouvido continuei:

— Para amar nunca é tarde. Nos caminhos do amor ha sempre primavera, e Pan, alegre e bruto, corre, sôa sua frauta magica. Você, com seus labios de febre, saberá pôr as rosas da primavera e com seus olhos verdes porá tambem a nota mysteriosa e estranha. Beba ainda na fonte pagã do divino prazer, conservando a visão melancolica desse outomno que invoca, mas procurando não chegar tão prematuramente a elle.

Seus olhos olharam-me sabiamente. E recolhendo a capa negra meio cahida sobre o dorso admiravel, poz o index alvissimo sobre meus labios para obrigar-me a calar, e deixou-se absorver pelas melodias daquella rapsodia hungara, emotiva e longinqua, que a pianista arrancava do velho piano, a um sombrio recanto do café, e que no ambiente pesado do recinto se extenderam lentas e graves, cahindo sobre nós como uma renuncia...

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas:
82, Rua Republica do Perú, 82
(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: C. 0377
Administração: C. 4136 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 97 —

Rio de Janeiro

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil. 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPREZA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.
Praça do Patriarcha, 8 - sob.
Caixa do correio, 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris. — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

As Victimas do Acido Urico

Gotta

Rheumatismos

Areias da bexiga

Arterio-esclerose

Azia

«O Urodonal não é somente o dissolvente mais energico do acido urico conhecido actualmente, pois é 37 vezes mais poderoso que a lithina age, além d'isso, preventivamente, na sua formação, oppõe-se á sua producção exaggerada e á sua accumulação nos tecidos peri-articulares e nas articulações.

Dr P. Suxão,
ex-Professor das Escolas de Medicina Naval, ex-Medico dos Hospitaes.

Aconselhado pelo Professor
LANCEREAUX
ex-Presidente da Academia de Medicina de Paris, em seu TRATADO da GOTTA

Envenenado pelo acido urico, atenazado pelo soffrimento, só pode sêr salvo pelo

URODONAL

porque o URODONAL dissolve o acido urico

Estab. Chatelain, 12 Grandes Premios. Fornecedores dos Hospitaes de Paris, 2, r. de Valenciennes, Paris, e em todas as Pharmacias

Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica do Rio de Janeiro — N. 83 — 10 de Junho de 1910

Depositarios exclusivos para o Brasil: Antonio J. Ferrel & C. — Caixa Postal 624 — Rio de Janeiro. — Recusar todo o producto que não tiver a etiqueta AZUL assignada «FERREIRA» e cujos prospectos não sejam em PORTUGUEZ.

"O URODONAL fabrica-se em granulado e PASTILHAS"

Representantes exclusivos e responsaveis no Brasil

Julien & Rousseau

Rua General Camara

174

RIO DE JANEIRO

PROPRIETARIOS E INQUILINOS...

(Anecdotas de G. R.)

— O senhor joga o xadrez? — perguntou o proprietario da casa a um inquilino em perspectiva.

— Não, senhor. Nunca me preoccuparam as damas, as torres nem os cavallos.

— Então o senhor não me serve — proseguiu o proprietario. — Prefiro inquilinos que sejam apaixonados por esse jogo, porque são methodicos, vivem recolhidos e não se mudam frequentemente de casa...

* * *

UM inquilino queixou-se ao proprietario, quando este lhe foi cobrar o aluguel da casa que habitava, de que nenhuma das portas fechava bem.

— E' que a casa é nova — respondeu-lhe o homem — e será necessario que transcorra algum tempo para que as portas fiquem assentadas.

— Nesse caso — falou, então, o inquilino — como eu tambem sou um arrendatario novo nesta propriedade, necessitarei de algum tempo para assentar-me nella, e, portanto, será melhor que volte outro dia para receber o aluguer...

* * *

UM cavalheiro, que desejava alugar uma casa nos arredores do Rio de Janeiro, leu um annuncio no jornal offerecendo uma residencia encantadora *a apenas dois passos da estação.*

Apresentou-se no endereço indicado pelo annuncio, e que era a residencia do proprietario, o qual o acompanhou á casa desalugada, que ficava a dois kilometros da estação.

Depois de visitar a propriedade, o interessado dirigiu-se ao dono da mesma e, com gravidade, lhe perguntou:

— O senhor poderia apresentar-me á pessôa que deu *dois passos* da estação até aqui?

* * *

— A casa me agrada — disse o inquilino em perspectiva ao dono da propriedade, — mas ouvi falar que é mal assombrada e que recebe frequentemente a visita de phantasmas.

— Senhor — respondeu-lhe, com orgulho, o proprietario. — Os phantasmas só se apresentam aos inquilinos que não pagam ou se recusam a mudar-se.

* * *

— A casinha me agrada muito — commentava o interessado em alugal-a, — mas o edificio que fica em frente lhe tira toda a vista.

— Isso não é nada! — respondeu-lhe o dono. — Trata-se de uma fabrica de dynamite e póde voar pelos ares de um momento para outro!

* * *

— Esta casa é inhabitavel! — queixava-se o inquilino ao dono da propriedade. — Ha tanta humidade nas paredes, que estas se acham cobertas de musgo!

— De musgo, sim, senhor! — respondeu o proprietario. — Mas queria o senhor que estivessem cobertas de orchidéas pelo aluguel que paga?!

* * *

UMA pianista estava alugando um apartamento mobiliado.

— Quanto cobra de aluguel por este apartamento, incluindo o uso do piano? — perguntou ella á encarregada do edificio.

— Antes de fixar-lhe um preço, senhorita — respondeu-lhe a senhora — preciso ouvir como toca. Eu moro no apartamento vizinho!

O sabor dos biscoitos de Côco eguala ao mais fino desse doce, tão apreciado em nosso Brasil. Peça, Côco!

BISCOITOS AYMORÉ

SECC PROP.
MOINHO INGLEZ
J. P.

NATO

DE PAUL POUROT

O casal Chapins vivia tranquillamente em Tolombes, perto de Paris, em uma casinha de sua propriedade.

Elle, fumando seu cachimbo, e ella, dedicada aos meudos cuidados do lar, se felicitavam de levar uma existencia tão methodica e plácida.

Não lamentavam a esterilidade de sua união, porque as crianças, pelos cuidados que exigem, afastariam delles essa felicidade sem emoções, que consiste em viver um pouco egoisticamente.

De modo que quando o senhor Chapins ouviu a proposta para ficar com um de seus sobrinhos, de tres annos, sentiu viva indignação.

— Quem tem filhos, que os crie! — exclamou severamente.

Mas a mulher de seu irmão insistiu, transformando a proposta em humilde supplica.

— Pelo menos fiquem com elle até o verão — implorou.

Para fazer um serviço ao proximo, os esposos Chapins acceitaram, e, embora resmungando, deram bôa acolhida ao menino.

Este, intimidado e aterrorizado pela ausencia da mãe, permaneceu surdo e mudo durante alguns dias. A tia não conseguia distrahil-o com caricias nem com guloseimas.

— Tens medo de mim?

— Não.

— Queres brincar?

— Não.

— Queres dar um passeio?

— Não.

— Tens fome? Estás com somno?

— Não.

Era impossivel arrancar-lhe outra resposta.

— Este menino aborrece! — disse Chapins, menos paciente que sua mulher.

E ameaçou-o de leval-o para a casa de seus paes.

Mas o menino começou a gritar, aterrorizado:

— Nato não quer! Nato não quer!

A tia teve que tranquillizal-o, estreitando-o em seus braços.

— Pois bem — disse Chapins. Então não quer? Agora comprehendo a cousa. Os paes, com certeza, o embruteceram a pancadas. O que devemos fazer, agora, é distrahil-o.

— Mas, como?

— Deixa-o commigo. Eu me arranjarei.

Para isso, Chapins se fez amestrador de cães, gymnasta e prestidigitador. E o pequeno se civilizou muito depressa vendo "Meudor" andar em duas patas, ou seu tio engulindo facas e garfos.

— Outra vez, papae! Outra vez! — dizia Renato.

E Chapins, orgulhoso, acariciava o sobrinhozinho, que lhe devolvia os beijos.

A senhora Chapins, muitas vezes, quando o tinha adormecido em seus braços, dizia:

— Precisávamos de um filho como este.

— Adoptal-o-emos, si quizeres — propoz Chapins.

— Oh, sim! Ficaremos com elle. Teu irmão não terá a coragem de nol-o tomar.

Rodeado de cuidados e de mimos, Renato crescia feito um diabinho. Não respeitava nada em casa, tão bem ordenada, nem o jardim, nem as camas, sobre as quaes rolava dando voltas. Dava muito trabalho a sua tia, mas esta cada vez o queria mais e não se sentia com forças para reprehendel-o.

Orgulhosa de passear com elle, se ruborizava quando alguem lhe perguntava si era seu filho.

Os dois iam buscar Chapins á estação, e os risos não acabavam emquanto não chegavam em casa.

O pae e a mãe, depois de se contentarem, durante longos mezes, em receber simples noticias de Renato, resolveram, um domingo, ir vêl-o.

Não se sahiram muito bem com essa visita, pois a criança lhes fez má cara e se manteve longe delles, como si tivesse medo daquelles dois *estranhos*...

E quando sua mãe, irritada por isso, disse que ia leval-o comsigo, o menino protestou a grandes gritos e correu a refugiar-se nos braços de sua tia.

— Nato quer ficar aqui!

— Sim, ficarás. Mas dá um beijo em tua mamãzinha.

E a criança só se tranquillizou quando seus paes haviam partido.

A mãe se foi muito encolerizada, porque suppunha que sua cunhada lhe estava tirando o carinho do filho. E, para vingar-se, resolveu levar a criança por alguns dias.

E uma noite, quando Chapins voltou do ministerio, encontrou sua mulher chorando copiosamente.

— Deixaste que o levassem? — perguntou em tom de reprovação.

— Que querias que eu fizesse? Tua cunhada ameaçou-me até com a policia. Mas, certamente o trará de novo, porque deixou aqui a roupa.

— Eu arranjarei as cousas — disse Chapins.

E no dia seguinte falou com seu irmão propondo-lhe adoptar o menino. O pae de Renato achou tentadora a proposta, e disse que ia consultar a mulher.

Os esposos Chapins não duvidavam do exito, e o coração lhes palpitava com violencia, quando nessa mesma noite ouviram soar a campainha do portão.

— Ahi está! — disseram, com alegria.

Era Renato, com effeito, mas conduzido por um agente de policia.

— Elle estava perdido, não é verdade? — disse o soldado. — Encontrei-o, e elle me disse que se chamava Nato Chapins e que seu pae morava em Tolombes... E' um menino muito intelligente.

Mas Chapins comprehendeu que o pequeno havia fugido da casa dos paes, e pediu ao policia que os avisasse para tranquillizal-os.

No dia seguinte, appareceu a mãe, furiosa.

— Vagabundo! — gritou, sacudindo violentamente o menino. — Fugiste de casa?... Muito bonito!... Mas, garanto-te que não mais o farás... Vamos...

E levou outra vez Renato, a despeito das lagrimas e das supplicas de Chapins e de sua esposa.

Com difficuldade pôde dominar o menino, que tentava por todos os meios desprender-se das garras maternas, gritando:

— Mamãe!... Mamãe!... Não deixes que me levem...

Pobre Nato!... Quarenta e oito horas depois morria de uma violenta meningite.

SONHADORA (Capital) — Oh, que gentileza a sua cartinha! Gostei muito das considerações que faz sobre a minha pessoa e, sobretudo, das suas irmãs de sexo.

O diabo é que V. Ex. declarando que sou "impolido quando atacado pelos cretinos e invejosos, *ipso facto* está fazendo a minha defeza. Si eu me sentindo aggredido, fosse tratar os meus adversarios com *bombons* e *champagne*, seria um cretino authentico como os que, no seu dizer, arremettem contra mim.

Em todo caso, como V. Ex. fala mal de si mesma, affirmando: "como nós" mulheres, quasi sempre idiotas e convencidas", segue-se que, da ponta da sua lingua, só escapa Nosso Senhor Jesus Christo.

Mas vejamos o que V. Ex. me escreve:

"Yves — Esta cartinha lilás é a portadora de toda a ventura que te desejo pelo teu natalicio.

O nosso anniversario é um dia feliz, que todos nos cercam para nos felicitar, temos, pelo menos nesse dia, a impressão de sermos muito queridos... E os teus consulentes não deixam de apparecer, embora como esses mascaras carnavalescos que nos falam, chamando-nos pelo nome, referindo-se á nossa vida, sem que ao menos saibamos de onde vieram.

E quantas verdades não se dizem anonymamente, com voz de falsete...

Se, por exemplo, um teu consulente te desej...e muita saude e longos annos de vida, tomarias por insincero... No entanto, elle só não quiz ou não teve foi a audacia de accrescentar: a secção "Saibam Todos" nos diverte tanto, seria pena si ella acabasse... Mas o sr. é impolido, quando atacado pelos cretinos e invejosos e que não comprehendem a situação de quem está no logar que o sr. occupa, aliás tão fatigante e de tão grande responsabilidade.

Ai de nós, miseros mortaes, si não fosse a illusão que cada um tem de ser o melhor especimen que Deus collocou na Terra; o que melhor pensa, o mais perfeito, o unico que se salva, como nós, mulheres, quasi sempre idiotas e convencidas.

Deixando para outra occasião considerações philosophicas, e me elevando muito em regiões ethereas, imagino-te com o rosto carminado dos labios rubros de uma — *Sonhadora*".

Agora, que tudo está esclarecido, aos olhos dos leitores, peço licença para lhe fazer esta pergunta: uma pessôa educada será capaz de affirmar, de cara, que uma outra,

— que nunca a offendeu — é impolida?

Não o creio. Salvo si essa pessôa foi educada entre os cafres...

INCOGNITO — (Capital) — Dirija-se á Livraria Francisco Alves — Rua do Ouvidor, 166, que lá encontrará os livros que deseja.

CLÉO MARIA (S. Paulo) — Côr de cinza. Papel de linho, finissimo. Eis o que é a sua carta perfumada. Vejamos agora o seu conteúdo. Dois pontos:

"S. Paulo, 13 de Novembro de 1928 — *Yves* — "E' permittido, mesmo ao mais fraco, ter bôas idéas e revelal-as." Assim disse Victor Hugo através da Legenda dos Seculos, e é escudada nessa admiravel these do grande escriptor francez que eu mais uma vez, bato ás portas do "Saibam Todos".

Yves, nunca siquer, passou-me pela idéa a ingenua lembrança de arvorar-me em escriptora ou cousa semelhante, pois para isso falta-me o merito e a cultura necessaria. Longe de mim tal pensamento pretencioso!

Quiz eu, simplesmente render-te o culto e o preito de uma sincera admiração! Com teu scepticismo algo mysterioso, despertas em nós o desejo de aproximação.

Apesar de te dizeres sceptico, vejo através das tuas phrases indifferentes, uma alma cheia de anceios, cheia de Amor, que volve constantemente a olhar, a interrogar o mysterioso horizonte, onde não apparece siquer o vulto do objecto ha tanto esperado. E talvez nunca chegará, espiritos como o teu, anceiam sempre, esperam constantemente!..

Yves, S. Paulo, hoje despertou cheio de luz, cheio de vida! Ao amanhecer, o sol diffundia raios por toda parte e uma poeira de ouro cobria tudo! Nunca vi S. Paulo tão lindo assim em um dia de primavera. Já não é brumoso, nem côa a luz através daquella gaze cinzenta dos dias invernosos. Hoje, tudo brilha, tudo palpita, tudo é vida! A alma do paulista está em festa. Dentro, o seu coração nimbado de luz, nem siquer palpita ao toque da saudade. Por quanto tempo elle estará assim? Não sei...

Enquanto houver luz, enquanto houver sol. Amanhã si garôar ou de bruma se cobria o céo, então a alma do paulista se cobrirá de arminhos e por entre as almofadas de um "Packard", passeará egoista e magestosamente a sua glacial indifferença.

Oh! como és feliz Yves, tu que podes sorrir sempre (apesar do teu scepticismo) ao esplendor deslumbrante do sol carioca, mirando-se com requintes de faceirice no admiravel espelho da Bahia de Guanabara!

Disseste que a minha letra revela uma série de significados graphologicos. Serás tão amavel, que me enumerarás essa *série de significados?* Foste o culpado. Não ousaria pedir-te semelhante cousa, mas despertaste a minha curiosidade. Rogo-te encarecidamente, dizê-la-m'o. Embora as tuas revelações sejam completamente desfavoraveis ao meu caracter, eu não direi como Victor Hugo, ainda na Legenda dos Seculos:

"... ... ... Je te salue, Maitres, je ne suis point de la taille voulue,

E vous avez raison .. ..

Direi simplesmente como Maeterlinck em A Sabedoria e o Destino: "A sabedoria é a luz do amor, e o amor é o alimento da luz".

A mais humilde das tuas admiradoras. — *Cléo Maia*"

Ahi está! Como literatura a sua missiva passa: muito bonita, cheia de imagens, tratada n'um estylo sobrio e sereno. Agora, — como elemento para estudo graphologico — não serve. E não serve porque lhe falta o principal: a sua assignatura authentica, traçada normalmente.

Por que é que as mulheres, em geral, receiam dar o seu nome verdadeiro? Julgam que eu vou utilizar delle para... Para que, finalmente? Que me adeanta saber que a leitora tal se chama Miquelina ou Dorothéa?

O mais interessante é que ellas enviam sempre um nome falso e um pseudonymo. Exemplo:

Maria das Dôres do Cafundó. No appellido — "Flor de ortiga". No emtanto o seu verdadeiro nome não é Maria das Dôres do Cafundó, mas sim — Francisca Latagão Carapuças.

Ora, tratando-se de graphologia, a exigencia do nome é feita por que elle confirma ou não os traços do caracter. E' como uma synthese deste.

Si ella manda um nome ficticio, é claro que o estudo da sua letra sairá imperfeito e, no caso, quem se illude é ella mesma.

E' o mesmo que pedir a uma pessôa que lhe compre um remedio para tosse, quando a sua doença

a dôr de dentes. Quem compra o medicamento nada perde com isso. Que mentalidade brilhante! E é assim que ellas se batem pela victoria feminista! Pois sim...

FRANCESCA (S. Paulo) — Francesca! E' lindo o nome. Presuppõe a existencia de um Paolo e de um inferno — embora imaginario.

Sob quantos nomes já a conheci? Miragem, Larme Sombre, Yole e tantos outros!...

Palavra de honra como tenho saudades de V. Ex., através da variação de cada um desses disfarces. Porque cada um delles me dava margem a crear um typo diverso, com uma alma semelhante.

Póde crêr, mlle. Miragem, (ou Yole, Larme Sombre e Francesca) que tudo é possivel, menos transfigurar a nossa alma:

Acceito que se possa mascaral-a como V. Ex. a mascarou, tantas vezes, procurando dar a impressão de ser uma creatura que não era... mas a verdade é que um bello dia, a nossa alma se revela tal qual é.

Aliás, V. Ex. nunca chegou a ser uma "illusionista" perfeita, comediante digna de uma platéa de elite. Não. V. Ex. não sabia dissimular a sua personalidade. E nisso havia um grande erro. Suppondo esconder o seu *eu*, a face da sua Psyche, V. Ex. fazia crêr apenas ser uma embusteira inhabil, que confiava photographias alheias, [illegible] — para logo depois ser apanhada em flagrante delicto de mentira. No fundo, a sua alma permanecia immutavel, com os seus toques de sensibilidade enfermiça, a sua melancolia ingénita e a sua finesa de embaladora doçura.

Si V. Ex. me julgava um ingenuo, illudido com os seus ardis e disfarces, eu me divertia com V. Ex. á maneira de certos adultos que "brincam de esconder" com as crianças. Vendo-as detraz da porta, elles, para não quebrar o encanto e desfazer a alegria dos pequenos, continuam a procural-os, pesquisando, — até que os garotos se accusam, n'um triumpho de quem havia logrado: "Estamos aqui!"

Eu bem que percebia a sua dissimulação, a sua alegria timida, quando me enviava uma photographia de mulher, e punha embaixo esta legenda fria: "Ao *Yves*, esta lembrança amiga de Yole". Sabia bem que me escrevia aquellas cartas tremulas de emoção, em baladas de ternura e de sonhos, e onde parecia vir preso, em cada phrase, um reflexo de melancolia estranha, semelhante ao de certas estrellas que demoram no céo quando a manhã não justifica mais a sua presença, no fundo azul do céo, afogueado pelo sol despontante.

Era assim que interpretava a sua tristeza, a sua fingida tristeza de fingida...

Mas havia tanta graça, tanta belleza, tanta poesia nesses peccados da sua imaginação, que eu a perdoava de tudo, e fingia, por minha vez, que entre nós existia uma linda comedia de amor espiritual... Es-pi-ri-tu-al... (Palavra idiota, não é? Idiota — neste seculo...)

Quem sabe? Talvez nessa farça V. Ex. fosse mais sincera do que vivendo a sua vida, na sua realidade cruel. Viver pela mentira não será a mais bella fórma de viver? A mentira é prodiga e generosa, porque é creadora e fantasista. Por ella podemos viver as mais bellas e grandiosas emoções da nossa vida. E a verdade? E' estupida, prosaica, restriccionista, destruidora de sonhos e miragens.

O proprio amor só é bello e grande quando tem a illuminal-o o fulgor de uma dourada mentira...

Agora, V. Ex. me escreve uma nova cartinha, sob o pseudonymo de *Francesca*.

Será mais verdadeira do que nas precedentes?

Dolorosa interrogação!

Uma coisa, porém, é certa: é que V. Ex. sabe mentir em portuguez, em francez, em hespanhol e italiano.

Eis a sua carta:

"*Yves*. — Ha momenti che la vita sembra fuggire di noi... tutto si cambia... guardamo a noi stessi e gli altri per uno prisma strano, dissomigliante e il limpido cristallo dei nostri occhi luminosi si turba involto nella amarezza serena e senza rimedio, della malinconia.

E' il tedio? Forse... infermità dell' epoca. Malattia — "raffinée" — vizio del piacere e sensazioni diverse. La vita non é piu quella Yves, che hai sognato in quelli versi che sono il tesoro delle bibliotheche scelte e discrete.

E oggi, non so perché, uno di questi momento di fatica e amarezza mi visita... oggi che bramerei mi fare uno spirito gaio, ridente, puro, per esprimerti tutto il mio sentimento e la mia simpatia, in questo giorno del tuo anniversario.

Perché? Non so... Forse per questo giorno grigio e triste? Ho una anima che si cambia con la luce del sole, con la gioia chiara della natura. Ora, questa é triste a fare piangere e si volessi portarti un pé di luminoso desiderio, avrebbe, solamente il consolo di potere, senza dubbio, disideranti una speranza nuova, una felicità serena e forte, come il raggio abbagliante di questo sole incomparabele del Rio.

Se voglio tutti i beni che m'hai dato in momenti incomparabili di poesiá e di ternura.

Per l'incanto sereno, per la dolcezza luminosa del tuo pensiero, bramerei dirti — grazie.

La simpatia profonda di questa sconosciuta, ma riconoscente admiratrice. — *Francesca*"

Ah, é verdade: sabe que acolhi muito bem o seu pintor? E sabe que é uso dizer: "Muito obrigado!" quando recebemos uma gentileza?

A. M. (S. Paulo) — Vamos ler a sua missiva em voz alta. Eil-a com todos os pontos nos i i:

Snr. *Yves*, sei muitissimo bem — não fosse eu uma sua leitora — que não gosta absolutamente fazer estudos graphologicos.

No entanto preenchendo os requisitos que o snr. julga indispensaveis para conseguir um bom exame e formulando o meu pedido delicadamente espero de sua gentileza o favor de ser attendida. Jogo ao acaso. Receberei uma sua resposta? Sei que é preciso escrever umas tantas linhas num papel sem pauta e assignar o nome verdadeiro, para que o snr. consiga um exame certo. E' o que eu faço. Bastará? Si não bastar, si estou em erro, peço-lhe que me desculpe. — Para uma resposta só, A. M. — Multissimo agradecida."

Como V. Ex. se interessa pela sua graphologia, vou dal-a aqui com todas as suas verdades.

A sua letra revela um temperamento indeciso, vacillante, em virtude de V. Ex. não ter força de vontade e não gosar de bôa saude. E' muito sensivel. Quasi se póde dizer: é uma sensitiva. Emotiva, é capaz de sentimentos e gestos delicados de affeição. Nervosa. Muito nervosa. Apezar disso, é um pouco alegre, e se não está sempre de bom humor, a verdade é que não é uma carrancuda: é uma creatura de riso facil. E' irrequieta agil, como... como quê? — como um azougue. E' um tanto zombeteira,

Aos nossos leitores. — **Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.**

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú', 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

***FON-FON* — 16-3-1929**

Data da consulta ....

Nome do consultante ....

....

e não raro gosta de ferir com a ponta do seu sarcasmo. Economica, agarrada ao dinheiro, é pouco amiga de franquezas. Digamos a verdade: é sovina. Oh, moça, que coisa feia!

Ouça ainda este trem de ferro de qualidades (ou defeitos?) que exornam a sua alma de mulher: desencorajamento (a locomotiva) agitação, (o carro do correio) temor (carro restaurant) apprehensão, (carro de passageiro, 1ª classe) angustia (outro carro de passageiros) e cansaço (dormitorio).

Gostou dessa graphologia ferroviaria?

ARISTON CHAVES (Capital) — As minhas leitoras intelligentes sempre me pedem que lhes dê a conhecer um poeta futurista, que seja um pouco tragico. Uma especie de Eschylo, n'um *travesti* de Marinetti.

Ora, os poetas, nesse genero, são raros. Os taes poetas futuristas são assim como certos pandegos que vêem em tudo a nota humoristica das coisas. Elles querem é a barafunda, a pilheria, a *blague*, a jocosidade. Segundo se affirma por ahi, os adeptos dessa anarchia literaria, estão fazendo um esforço herculeo para se cretinisarem. Isto é, desejam ser *á merveille* o que já conseguiram com brilho.

N'uma palavra: é difficil encontrar um poeta futurista com ares de tragedista.

De modo que o seu apparecimento nesta secção ha de fazer um successo.

Vejamos antes a sua carta:

"Rio de Janeiro, em 22-1-929. — Illmo. Snr. Yves — Sinceros cumprimentos. Envio-vos esta pequenina missiva, com o objectivo de narrar o meu affecto profundo, que de ha muito tenho pela sessão litteraria do fon-fon, que sabe sempre propocionar aos seus leitores a mais completa liberdade de idéas. Sendo eu apaixonado da litteratura, e almejando d'ora avante cultivar o meu pouco, ou nenhum sentimento pelas lettras, remetto-vos um pequeno trabalho em estylo futurista, que vae annexa, para vossa valiosa critica altamente justa, para dar o destino a altura verbologica ao mesmo da vossa brilhante e inconfundivel competencia.

Sem mais, sou com toda sinceridade de vos admirador."

E a poesia?

Ah! E' um encanto! Eu até nem queria publical-a... para não matar de enlevo as minhas leitoras bonitas...

Emfim, não se lhes póde negar uma tão grande maravilha.

Lá vae! Cuidado, gente! O poeta é fu-tu-ris-ta. — tragico.... Escreve versos deliciosos de fundo [illegible] feitamente maluco...

Eis a poesia:

NEREIDAS DA NOITE

Sósinha

Deitada na areia da praia
fruindo a luz do luar,
que parece enxaguar as estr[illegible]
um conto celestial.
Nisso, um vulto apparece,
fascinado para...
Tudo manifestou-se no [illegible]
ao olhar.
Ella ao trepidar;
joga-se ao mar,
deixando desapparecer os ca[illegible]
de azeviche, no fluxo da mar[illegible]
como uma ave maritima, que [illegible]
no mar um peixinho.
E alguem como um [illegible]
ficou horas pensativo e inanim[illegible]
cantando a canção do amar...
Até!...
Enlouquecer.

O mais difficil agora é [illegible] para o hospicio o *alguem* que enloqueceu. Que trabalheira! Em [illegible] do caso, não ha de ser triste a viagem de um louco, a berrar [illegible] ções de amor... Mas si a tal [illegible] não chegou a morrer, — quando se atirou ao mar? E si ella [illegible] fazer uma pilheria com o heroe do poema?

Havia de ser deliciosamente tragica, essa comedia futurista, sr. Chaves!

YVES.

KOHOUT.

UM CASAMENTO POR INTERESSE

(Novella em dois tomos)

De Anton Chej...

Na casa da viuva de Muselin se realizava um banquete nupcial. Vinte e tres comensaes. Oito delles não comem nada: Cochilam e asseguram que estão *embriagados*. As velas, o acetilene e o candelabro coxo, alugado na hospedaria vizinha, resplandeceu tanto, que um dos convidados — o telegraphista — pisca os olhos e fala melindrosamente da electricidade, prophetizando o dominio deste ultimo systema de illuminação:

— A' electricidade, em geral, está reservado um grande futuro.

Mas os convivas o escutam com certo desdem.

— A electricidade — murmura o padrinho, fixando seus olhos aturdidos em seu prato — a electricidade, ou seja a illuminação electrica, não passa, na minha opinião, de uma armadilha. Mettem alli um carvãozinho e pensam que a gente é idiota. Não, meu amigo! Dê-me luz que não seja um carvãozinho, mas algo substancioso, ardente, que arda! Dê-me fogo, comprehende? Fogo verdadeiro! Não imaginario.

— Si o senhor visse de que se compõe uma bateria electrica — contesta o telegraphista, dando-se ares de autoridade — falaria de outro modo.

— Não tenho o menor desejo de vêl-a... Sois uns espertalhões!... Enganaes ás pessoas simples, ingenuas! Eu vos conheço! E o senhor, joven senhor... não tenho a honra de saber seu nome, em logar de defender essas bobagens, beba e convide os outros a beberem...

— Sou inteiramente de sua opinião, padrinho — interveiu, com voz de falsete, o noivo, Aplombof, joven de pescoço vasto e cabellos em ponta. — Para que entabolar essas conversações scientificas? Tambem eu gosto de falar de inventos novos. Mas noutra occasião e noutro logar. Que te parece, *ma chère?* — prosegue, voltando-se para a noiva.

A noiva, Dachenka, que tem assignaladas em suas feições todas as qualidades, menos uma — a faculdade de pensar — ruboriza-se e balbucia:

— Vejo que vocês querem ostentar sua instrucção. Estão sempre a falar de cousas incomprehensiveis.

— Passámos, com o favor de Deus, toda a vida privados de instrucção, e, no emtanto, esta é a terceira filha que casamos com um homem de proveito — observa, do lado opposto da mesa, a mãe de Dachenka, dirigindo-se ao telegraphista; — si lhe parece que não somos bastante instruidos, para que vem aqui? Vá-se, em bôa hora, com os seus, os illustrados!

Faz-se um silencio. O telegraphista está envergonhado. Não podia suppôr que a palestra a respeito da electricidade tomasse um gyro tão inesperado. Este silencio está cheio de hostilidade. Notando o descontentamento geral, julga necessario desculpar-se, e diz:

— Respeitei sempre sua familia, e si falei agora da electricidade, não foi por orgulho... Quanto a beber, é assumpto meu... Desejava sempre a Dachenka um bom marido. Nos tempos que correm é difficil encontrar um homem que reuna bôas condições. Todos querem casar por interesse, por dinheiro...

— E' uma allusão?... — pergunta o noivo, emquanto suas faces se enrubecem e sua cabeça se move.

— Não ha nenhuma allusão — responde o telegraphista, assustado. Não se trata dos presentes. Falei em geral... Não leve a mal, por Deus!... Todos sabem que o senhor se casa por amor... O dote é, aliás, insignificante...

— Não, nada insignificante! — replica, offendida, a mãe de Dachenka. Fale o que quizer, mas não diga asneiras. Não somente lhe damos mil rublos, mas tambem tres capotes, a cama e este mobiliario. Que procure em outro logar um dote semelhante!

— Mas si eu não digo nada!... O mobiliario, na verdade, é muito bom... Digo-lhe apenas no sentido de que se julga offendido. Crê que é uma allusão...

— Não tem o senhor para que fazer allusões. Honramol-o para seus paes. Convidamol-o para o casamento, e nos sae o senhor aqui com indirectas. E si sabia que Jegar Federovitch se casou por interesse, por que o não disse antes? Devia ter vindo e dizer-nos claramente que Fulano procurava um dote...

E, dirigindo-se ao noivo, diz, com voz chorosa:

— Tu... tu és um canalha! Criei minha filha com mimo! Tratei-a como uma joia... e vens por interesse...

— De modo que a senhora está disposta a acreditar em todas as calumnias? — exclama Aplombof, levantando-se e agitando os cabellos. — Muito obrigado! Agradeço-lhe muito a opinião em que me tem! Quanto ao senhor Blinchikof — acrescenta, dirigindo-se ao telegraphista — apesar de ser meu conhecido, não lhe permitti viesse promover escandalo em casa alheia... Faça-me o favor de retirar-se...

— Que está dizendo?!

— Que faça o favor de retirar-se! Quizera o senhor ser um homem tão honrado como eu... Numa palavra: faça-me o favor de retirar-se!

— Cala-te já! — dizem-lhe os amigos, procurando acalmal-o. Não vale a pena... Senta-te! Deixal-o!

— Não. Eu quero provar que elle não tem nenhum direito de expressar-se assim. Eu me caso por amor... Por que não se levanta o senhor? Faça-me o favor de retirar-se!

— Mas, si eu não tenho culpa de nada!... E' que eu apenas... — balbucia o telegraphista, completamente atordoado. Não comprehendo por que motivo... mas, si quer, retirar-me-ei... mas antes devolva-me os tres rublos que me pediu para poder comprar seu saco branco... Beberei ainda um copo... e retirar-me-ei... Mas devolva-me antes o dinheiro...

O noivo cochicha longamente com seus amigos. Estes fazem uma collecta e lhe entregam

CAMIZAS, CUECAS E PYJAMAS DE LUXO
O CAMIZEIRO
28/32 — ASSEMBLÉA
A MAIS IMPORTANTE
CASA DE CAMIZAS DO RIO

moeda meúda os tres rublos, que o noivo atira ao telegraphista, o qual, depois de muitas pesquizas, consegue dar com seu gorro, se despede e se retira.

E eis como acabou uma innocente conversação sobre a electricidade. Mas o banquete está terminado... é noite... o discreto autor põe freio a sua phantasia e deita o véo do mysterio sobre os acontecimentos...

Chega, por sua vez, a manhã, e esta lhe dá novo material para o

SEGUNDO E ULTIMO TOMO

E' uma cinzenta manhã de outomno. Ainda não são oito horas. Mas ha grande movimento na rua onde fica situada a casa da viuva de Muselin. Os porteiros e uns guardas municipaes correm com muita agitação pelos passeios. A' entrada, se agrupam criados com expressão de perplexidade em suas caras geladas pelo frio... Em todas as varandas debruçam-se vizinhos. Na janella da lavanderia apparecem numerosas cabeças de mulheres.

— Que será isso? Parece neve; mas não é! — ouve-se por toda parte.

MAU CASAMENTO POR INTERESSE

(Conclusão)

No ar, desde os telhados até o solo, revoluteia algo branco, muito parecido com a neve. As calçadas, os tectos, os bancos dos porteiros junto ás entradas das casas e até os hombros e os gorros dos transeuntes — tudo está branco.

— Que ha? — perguntam as lavadeiras aos guardas...

Estes não respondem, fazem gestos desesperados e continuam apressados os seus caminhos.... E' que elles mesmos não sabem nada.

Mas, por fim, apparece um porteiro que anda devagarinho, gesticulando e falando comsigo mesmo. Evidentemente, vem do logar da occorrencia e conhece esta.

— Que houve, compadre? — perguntam-lhe as lavandeiras, de sua janella.

— Um desgosto! — responde elle. — Em casa da viuva de Muselin, onde hontem houve casamento, enganaram o noivo, pois, em logar de mil rublos, lhe deram apenas novecentos.

— E que fez o noivo?

— Encolerizou-se muito..., agarrou uma navalha..., cortou os travesseiros e os esvaziou pela janella. Olhem quanta pluma... Parece neve!...

— Levam-no! Levam-no! — ouve-se por toda parte.

Da casa da viuva de Muselin sae uma verdadeira procissão. Na frente, caminham os guardas municipaes, com aspecto preoccupado. Em seguida, vem Aplombof, com seu abrigo novo e seu chapéo de copa alta. Seu semblante parece dizer: "Sou um homem honrado; não permittirei que me enganem!"

— No tribunal vereis do que sou capaz! — murmurava, voltando-se a cada passo.

Atraz delle, chorando, vêm Dachenka e sua mãe. Um guarda, seguido de uma multidão de meninos e carregado de papeis, fecha a comitiva.

— Por que choras? — perguntam as lavandeiras á desposada.

— Quanto sinto a morte dos travesseiros! — responde, em seu logar, a mãe.

A procissão desapparece atraz da esquina... A rua se tranquilliza... A pluma revoluteia até a noite...

PERSONAGENS: ROSALIA — HELENA

Rosalia. — Tanto te afflige essa tolice?

Helena. — Então não ha de affligir-me!?... Si me parece que me veio o mundo em cima...

Rosalia. — Mal de muitas, filha, mal de muitas... Apenas umas o tomam ao tragico, como tu, emquanto outras o enfrentam a riso, como eu... Questão de temperamento.

Helena. — E de coração.

Rosalia. — Oh!... Não has de gostar de teu marido mais do que eu do meu... Mas, de que me serviriam o protesto ou a queixa?... A vida é amarga ou doce, conforme a hora... ou a fatalidade. O destino é que se encarrega de tudo. Cabe, pois, a elle atirar-nos a colherada de fel. Para que antecipar-nos ao destino?

Helena. — Tu dizes que gosta de teu marido, e eu te digo que não, que é impossivel, porque, si assim fosse, não estarias tão tranquilla, tão despreoccupada...

Rosalia. — Cada um sabe o que sente... A dissimulação é em nós uma segunda natureza, mais vigorosa, talvez, que a primeira, porque a vamos formando dia a dia, á força de vontade de contracção, de renuncia... O poder de uma mulher que sabe fingir é absoluto não só sobre ella, mas tambem sobre os outros... E chega a vencer todos os obstaculos, as maiores resistencias... Vês que é tão grande que até abafa a voz do coração

Helena. — E' inutil é inutil... Tudo isso é phraseologia d'*A perfeita casada* ou do *Kempis*, os dois livros mais frios, mais áridos que já li em minha vida... Eu não me posso conformar nem me posso resignar a que, um anno depois de casada, meu marido me abandone...

Rosalia. — Mas isso não é verdade!

Helena. — E', sim... Elle dá-me casa, criados, vestidos, alimentos, joias diversões..., mas me deixa no abandono moral mais espantoso!

Rosalia. — Mas deves de comprehender, Helena, que a lua de mel não ha de durar sempre.

Helena. — Por que não?... Eu me approximo hoje de meu marido com a mesma emoção com que me approximei delle no dia em que trocámos o primeiro beijo... E quando o abraço, tenho a impressão de que me afogo num mar de alegria, que estou sonhando, sei lá!... Eu não posso, como dizem muitos, como dizes tu, fazer com que o amor seja costume... Minhas illusões de noiva são as mesmas de casada... Espero João, á hora em que sei que ha de voltar, ansiosa, com o coração pulsando-me, exactamente quando elle, outr'ora, ia visitar-me uma vez por semana.. E si elle se retarda, nem sei o que penso... Começo a ver sombras, catastrophes, quadros que me põem maluca... Por que, si o quero assim não ha de querer-me elle tambem?... Palavra como, nos primeiros tempos de nossa vida conjugal, elle bem se preoccupava em olhar-me, em dar-me attenção... Era o mais apaixonado dos homens!... Agora... E' carinhoso, sim, mas como quem cumpre uma obrigação, que não é penosa, mas que tanto faz fazel-a como não fazel-a... E é contra isso que eu quero lutar: defender nosso amor da vulgaridade, da opacidade de uma vida sem emoções e sem paixões... Eu sonhei um carinho infinito, sempre igual, e o vejo empallidecer, extinguir-se pouco a pouco, para ficar reduzido a essa placidez conjugal esmagadora, que é a morte da alma e o tormento do corpo... E não me conformo, repito-te. Sim, não me conformo!...

Rosalia. — E que vaes fazer?...

Helena. — Não o sei... Qualquer disparate.

Rosalia. — Mas não te convences, não acabas de comprehender que o homem é differente de nós?... Pensa, sente, ama de outra maneira. Talvez melhor, porque não tem perigosos enthusiasmos... E essa *placidez conjugal*, como tu ironicamente a chamas, é para elle o *summum* de felicidade... Porque nós concebemos a ventura na exaltação, mas elles a concebem no repouso... Não queres transformar o amor em costume?... E si soubesses que é essa a melhor maneira para que elle perdure!... Um amor se rompe, se quebra, se anniquila. Um costume, quando se arraiga, deita raizes tão profundas que, si o arrancas, se vae com ellas a vida... Já não ha orientação, equilibrio, normalidade... E' como si nos faltasse o ar que respiramos, a luz para os olhos, o terreno firme onde apoiar, com segurança, o pé... E' mais facil resistir á morte do amor que á do costume... Porque o amor póde, em qualquer momento, se improvisar, mas o costume necessita annos inteiros de consagração... Serena teu espirito, reflecte, compara... Talvez teu marido saiba melhor que tu. O casamento, disse não sei quem, é o porto seguro em que o homem lança a ancora...

Helena. — Sim... Mas a crava em nosso coração...

FANFRELUCHE.

Seja moderno — ande com conforto.

Abandone os choques, as pancadas e os solavancos desagradaveis que causam os saltos de couro, pouco resistentes e duros.

Mande collocar saltos Goodyear no seu calçado. Elles têm estylo — são a ultima palavra da moda. São verdadeiras almofadas de borracha fresca, macia, cheia de vida!

E além d'isso são economicos — por terem uma duração muito maior que quaesquer outros.

De um pouco de folga aos seus nervos — abandone o barulho de saltos duros.

Mande collocar um par de saltos de borracha Goodyear hoje mesmo — ande confortavelmente.

GOODYEAR

2-28-26

SALTOS DE BORRACHA

A' venda nas seguintes casas: Augusto Seramota [illegible] Senado 27; Azamor Guimarães & Cia., rua do Ouvidor 85; Carlino & Lima, rua Sete de Setembro 45; [illegible] Amaral, rua dos Andradas 12; Casa Assembléa, rua Assembléa 67; Casa Cadete, rua Gonçalves Dias 43; [illegible] Carneiro, rua 7 de Setembro 73; Francisco F. Ferreira, [illegible] Carolina Meyer, 9; Casa Ouvidor, r. do Ouvidor, 171; Casa Halmos, Av. Passos 26; F. J. de Oliveira & C., rua dos Andradas 95; Francisco Tambasco, rua do Carmo 4; Guimarães Pinto & C., rua da Quitanda 34-36; J. F. Pereira, rua Senador Euzebio 107; Madeira Araujo & C., rua da Alfandega 202; Orlando Ribeiro & C., rua da Alfandega 190; Roberto Gonçalves & C., rua dos Andradas 25; Sapataria Bristol, rua São José 108-110, e Silva Braga, rua Senhor dos Passos 116.

NOTA HISTORICA

UM DUELLO QUE NÃO SE REALIZOU

EM fins do anno de 1829, a fragata franceza "Moselle", de 60 canhões, se deteve, sem fundear, em frente a Valparaiso, o momento preciso para que desembarcasse o visconde de Espinville, que vinha investido das funcções de vice-consul.

A "Moselle" continuou sua viagem para Callao, conduzindo tambem o vice-consul no Perú, M. de Saillard.

Esses dois representantes da França eram typos oppostos. O visconde era um sympathico normando, de vinte e seis annos de idade, elegante e bom rapaz. M. de Saillard era um provençal, filho de um modesto receptor de rendas, pequeno, gordinho, e apparentando uns trinta annos. Seu genio era altivo e iracundo.

Para matar a monotonia de longa navegação, uma noite, os dois vice-consules se entretinham em uma partida de naipes, quando, a proposito de uma jogada, promoveu Saillard uma discussão, e tanto os animos se agitaram, que Espinville vibrou um bofetão em seu collega. Intervieram o commandante da nave e os officiaes. Mas ficou concertado um duello para quando os adversarios se encontrassem em terra. Durante o resto da viagem, os dois não mais se cumprimentaram nem trocaram palavra.

— Até breve, M. d'Espinville.

— Até quando queira, M. de Saillard.

O vice-consul acreditado para o Chile foi muito bem acolhido pela alta sociedade de Valparaiso, e passou oito mezes de passeio em passeio e de baile em baile. Entretanto, Saillard passava seu tempo, em Lima, esquivo, sempre que lhe era possivel, a frequentar a sociedade, adextrando-se no manejo da pistola até conquistar fama de eximio atirador.

Um dia, soube por um commerciante francez que o visconde se casaria dentro de poucos mezes, e Saillard disse:

— Pois volte depressa a Valparaiso, e faça-me o favor de dizer-lhe que os homens que têm dividas como a que elle precisa pagar-me, não podem casar-se sem faltar á honra e á lealdade.

O negociante cumpriu sua missão, e o visconde lhe respondeu:

— Si o senhor escrever a esse cavalheiro, diga-lhe que sou de raça de bons pagadores.

O duello realizou-se em Polanco, na manhã de 13 de junho, dia de Santo Antonio, quando, por ser data do anniversario da noiva, se preparava em casa desta um esplendido sarau.

O visconde cahiu com o coração atravessado por uma bala.

Saillard embarcou immediatamente em um navio baleeiro, que ás duas da tarde levantou ferros com destino ao porto de Callao.

* * *

AGORA narremos o que motivou o duello, a cuja realização se oppoz a Providencia, com o general Castilla, que em 1839 era ministro da Guerra no governo no presidente Gamarra. Tambem Saillard havia progredido em sua carreira e era, então, consul geral da França no Perú.

Era uma noite de grande tertulia em palacio, e para ella fôra convidado o corpo consular.

Eram u mgrupo de militares se conversava sobre cousas de milicia, e M. de Saillard, talvez estimulado pelo champagne, se excedeu em criticas pouco prudentes sobre a maneira como estava organizado o exercito peruano.

Don Ramón Castilla, que até então havia escutado com indifferença as intempestivas criticas do francez o interrompeu com estas palavras:

— Moderação, senhor consul! Moderação!

Para o impulsivo Saillard essa phrase foi como avivar uma fogueira. Elle se encarou com o ministro, e este lhe voltou as costas, murmurando, com o accento que lhe era peculiar:

— Ora!... Deixe-me em paz!...

No dia seguinte, Saillard enviava dois padrinhos a Castilla.

O bravo don Ramón respondeu:

— Está bem... Quando queira... Sou o desafiado e tenho o direito de escolher as armas... Escolho as dos soldados de cavallaria... Bater-nos-emos quando elle quizer... a cavallo e de lança na mão.

Os padrinhos voltaram á tarde á casa do general e lhe communicaram que o afilhado acceitava bater-se a cavallo, mas necessitava de um prazo para aprender o manejo da lança.

— E que prazo lhe concede, general? — perguntou um dos padrinhos.

— Homem... por mim... tanto faz um mez como um anno.

Saillard pediu sua transferencia para Venezuela, e quatro mezes depois era nomeado consul em Caracas.

Sciente do seu destino, tomou como professores de equitação e manejo da arma os dois *primeiras* lanças de Colombia, que haviam militado com Páez na guerra da independencia.

Dentro de poucos mezes de lições, os professores declararam a Saillard que elle sabia tanto quanto elles, emfim, que era um *primeira* lança.

Faltavam pouco mais de quarenta dias para terminar o prazo combinado, quando Saillard se dirigiu ao porto de Guaira, com a firme resolução de embarcar immediatamente para o Perú.

Mas o homem põe...

Dois dias depois de sua chegada a Guaira, recebia christã sepultura o cadaver do rancoroso e vingativo provençal, que fôra victima da febre amarella.

UM SALTEADOR QUE ERA MEMBRO DO PARLAMENTO PROVINCIAL HUNGARO

ANTES que fosse identificado como o mysterioso salteador de Carintia, o Hon. Thomás Puschl era uma das figuras mais influentes de seu Estado e o primeiro cidadão de sua cidade natal, Tuerholz. Possuia uma granja e grandes extensões de terra naquella cidade, mas residia na capital do Estado, em uma luxuosa e confortavel casa. Era um homem de profunda instrucção e grande intelligencia. Ha pouco mais de tres annos foi eleito membro do Parlamento do Estado, onde não tardou em se distinguir. Sabia como adquirir influencia no partido e todo mundo lhe augurava uma prospera carreira politica.

A politica, no emtanto, custa mais tempo e dinheiro do que dispunha Puschl. Este passava a maior parte de seu tempo em Klagenfurt, capital de Carintia, descuidando-se de sua granja e vivendo faustosamente. Seu exito na vida politica desordenou seu juizo e sentido commum, e como queria continuar vivendo dessa maneira, começou a especular na Bolsa.

A principio teve éxito nessas operações financeiras, mas não tardou em perder seus lucros e se ver obrigado a hypothecar suas propriedades. Por ultimo, não poude continuar suas especulações na Bolsa de Vienna. Como necessitava sempre de mais dinheiro do que o que possuia, concedeu um projecto desesperado para financiar sua vida extravagante e poder viver como um grande senhor.

Foi nesse tempo que appareceu pela primeira vez o bandido mysterioso em Carintia.

Um dia, o automovel de um Banco, conduzindo, de Fuerholz para Voelkermark, grande quantidade de dinheiro, foi assaltado por um bandido solitario, que obrigou os dois conductores a abandonarem o vehiculo, se apoderou do dinheiro e desappareceu na selva. Os empregados do Banco declararam que o bandido usava uma mascara negra; que era um homem alto, de grande vigor physico, e que falava allemão, com pronunciado sotaque carintio. O audacioso roubo causou verdadeira sensação, e a policia começou a fazer numerosas investigações para capturar o salteador. A investigações inuteis se prolongavam ainda, quando um novo roubo se verificou, perto da cidade de Voelkermark. O bandido mascarado penetrou na casa de um rico granjeiro, aggrediu-o a pauladas, deixando-o desacordado, e desappareceu com seu dinheiro. O crime foi seguido rapidamente por outros da mesma natureza, praticados evidentemente pelo mesmo bandido. Este se introduzia de noite, nas granjas solitarias, assaltava as joalherias e até chegou a roubar nas caixas dos hoteis. Geralmente operava nos districtos do condado ou em pequenas cidades, mas provou varias vezes que não o assustava a policia das grandes capitaes.

A situação se tornava cada vez mais difficultosa para as autoridades. Os jornaes atacavam a policia por sua inaptidão para dar com o ladrão, e o Parlamento Provincial chegou a pedir uma reorganização desse departamento publico. Thomás Puschl pronunciou um discurso a respeito, no qual dizia que essas depredações mostravam quão mal protegidos estavam os granjeiros contra os criminosos. Ridicularizou a idéa de que todos esses roubos houvessem sido commettidos por um só homem. O Parlamento nomeou uma commissão de investigação e o Hon. Thomás Puschl fez parte della.

Com tudo isso, no emtanto, não se conseguiu que o bandido mascarado deixasse de aterrorizar a co-

DE

EMERY DERI

marca. Durante algum tempo, se especializou no salteamento de correios e hoteis. Depois dedicou sua attenção aos granjeiros opulentos, que conservavam grande quantidade de dinheiro em suas caixas. Muita gente entrou em contacto com o bandido e o descreviam como um homem de uma audacia incrivel, que não vacillaria um minuto si se tratasse de matar, uma vez encurralado. No emtanto, não contava em seus crimes com nenhum assassinato. Transformou-se em uma figura legendaria, e tal era o terror que inspirava, que os granjeiros nem lhe resistiam.

Como a maior parte dos crimes era praticada nas immediações de Fuerholz, as autoridades resolveram confiar ao tenente Drescher a chefia da policia do districto. Com o intuito de agarrar o mysterioso bandido, o tenente Drescher organizou uma força de soldados, armou-os convenientemente e os distribuiu pelos arredores de Fuerholz. Estava inteiramente seguro de que o quartel-general do salteador mascarado era aquella cidade.

No emtanto, o atrevido criminoso pareceu presentir que suas actividades eram cuidadosamente vigiladas em Fuerholz, e começou a fazer visitas de sua especialidade em hoteis e granjas afastadas desse centro. Durante alguns mezes Fuerholz permaneceu tranquilla, e o chefe de policia Drescher começou a acreditar que o mascarado havia transferido o campo de suas operações, quando, inesperadamente, se verificaram, successivamente, nada menos de tres atrevidissimos roubos na cidade. O chefe resolveu mudar de tactica. Deixou os edificios e casas que muito provavelmente podiam receber a visita do bandido, apparentemente sem vigilancia. Mas postou varios de seus homens de confiança nas proximidades dessas casas. Uma noite, em que o chefe estava em seu gabinete idealizando planos para a captura do bandido, recebeu a noticia, da parte de um vizinho, de que o criminoso estava forçando uma janella do correio central. Immediatamente se poz em acção, acompanhado por tres gendarmes.

Era uma noite escura e ventosa. Uma noite ideal para os bandidos e salteadores. Em poucos minutos os quatro policias chegaram ao logar indicado, precisamente quando o bandido saltava pela janella para fóra. Immediatamente se atiraram sobre elle. Foi uma luta furiosa. O bandido era um homem de extraordinaria força; mas, apesar de sua resistencia frenetica, os policias conseguiram pôr-lhe os grilhões. Em seguida, o chefe de policia arrancou a mascara negra que occultava a cara do criminoso. E ante elle appareceu uma cara sangrando, Hon. Thomás Puschl, membro do Parlamento Provincial do Estado de Carintia, representante da cidade de Fuerholz, e um dos directores da Associação de Granjeiros. Drescher não teve necessidade de interrogar o prisioneiro. Este estava disposto a tudo confessar amplamente.

"Eu seria um estupido si procurasse mentir agora" — disse — "Perguntarão vocês por que o fiz. Bem. Primeiro porque precisava de dinheiro. Depois, porém, não foi por isso: é que eu procurava a aventura. Verifiquei que essa vida era interessante e sensacional. Experimenta-se uma agradavel sensação quando se tem tanta fama. Antes de terminar, vou dar-lhe um conselho para sua futura carreira de detective: que o exito de um criminoso depende, principalmente, não de sua intelligencia nem de sua audacia, mas da estupidez natural dos homens!"

OS MARIDOS
SÃO MÁOS
ENFERMEIROS
Franz Kohout

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 11

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 16 de Março de 1929.

DEPOIS DO ARREPENDIMENTO...

(CHRONICA PARA OS QUE AMAM)

ENTRE as paginas de um livro de D'Annunzio, "Le Novelle della Pescara", encontro, amarellecida pelos annos, uma carta que um meu velho amigo de internato me enviou, logo após a um insuccesso sentimental.

Data de 1910.

Qual o interesse dessa missiva de desalento? Nenhum. Talvez nenhum. E talvez muito para os que amam, ou não souberam amar.

... "Tu me perguntas, — escreve Heitor d'Avellar — o motivo que determinou essa minha viagem apressada ao Velho Mundo... Creio que não ha uma razão. Eu mesmo não sei si é um irresistivel desejo de aventura, que me leva a assistir a uma tourada em Barcelona, photographar-me ao pé das pyramides do Egypto, — fantasiado de beduino, — vêr a quéda de um crepusculo de sêda no céo de Napoles, sonhar deante de uma mesquita de Constantinopla, ou á sombra das cerejeiras do Japão... Não sei, meu amigo! Fujo daqui. Um poeta escreveu: "Partir c'est mourir un peu"...

Que importa! Eu partirei para desabafar um pouco, ou para morrer "un peu". E' indifferente.

Como vês, não ha uma causa determinante da minha excursão á velha Europa. Mas, ás vezes, procurando justificar essa ansia de viajar, eu me pergunto si não será por causa de Nelly, que me vou ausentar deste Rio maravilhoso...

Ouve-me, e responde si não é bem singular tudo isso...

Nelly, — aquella Nelly de olhos de turca, que, certa vez, te apresentei, na praia de Copacabana — era a preoccupação mais séria da minha vida. Ella sabia disso. Não porque lh'o houvesse dito, de viva voz, mas porque os meus olhos falavam com os seus. A's vezes, temia que tripudiasse sobre esse affecto despontante, e que eu procurava insistentemente suffocar, adulterar, transfigurar com o corrosivo das minhas palavras de pessimismo e ironia:

— "O senhor não ama? — insinuava Nelly.

— Não digo que não ame. Serei capaz de amar. Mas não me casaria. Sou um estheta. E o homem que se julga um estheta não casa com a jovem que lhe agrada, — para não soffrer o desgosto de vel-a desvirtuar a linha subtil da sua silhueta. Uma senhorinha é sempre uma creatura leve e espiritual. E' um perfume; uma sombra...

— Continue...

— Quando muito, é o vidro que guardava esse perfume de uma vida"...

Nelly sorria — vendo nessa dissimulação o meu secreto *béguin* pela sua pessoa.

Um dia, recebi um golpe formidavel. Para me pôr á prova, ella se me apresentou com outro homem — um homem a quem eu jamais pudera supportar. Modifiquei, desde então, a minha conducta para com ella.

Comprehendi que Nelly jogava apenas uma farça vulgar. Não amava o homem que se me deparava como meu rival. As mulheres preferem, embora temporariamente, o homem que as não deseja, não porque este seja superior áquelle que as adora. Amam-n'o como a um vestido, indicado pelo figurino. Passada a moda, ellas o desprezam sem piedade.

Foi o que aconteceu ao meu rival. Quando Nelly percebeu que me tornára indifferente a todas as suas attitudes, até mesmo ás suas affrontas, ao meu amor proprio ferido, sentiu-se picada de remorso. Pela primeira vez chorou deante de mim. Supplicou-me que a perdoasse. Quizera apenas fazer uma experiencia. Era tarde. Estava traçado o meu programma: esquecel-a sem perdoal-a. E concebi esta viagem precipitada.

De repente, divisei, muito longe, o scenario do meu futuro indeciso: uma alma reduzida a frangalhos, uma dôr, uma melancolia, e uma linda mulher entrando no meu passado. Mas estendi-lhe a mão com um sorriso. Com um sorriso e um adeus que tinham o reflexo da eternidade."

E Heitor d'Avellar terminou a sua carta com esta reflexão de Maurice Magre: "On ne sait pourquoi les êtres sont attirés les uns vers les autres, pourquoi ils se cherchent aprement, se haissent avec fureur pour se rejeter ensuite..."

BASTOS PORTELLA

REVERBEROS

O segredo do exito daquella vitrina do Triangulo paulistano não estava, absolutamente, na profusão de frascos coloridos que o perfumista intelligente dispuzera com arte. Nem nas duas vividas figurinhas de Lenci que emergiam daquella profusão de côres, envolvidas num suave abraço, olhos nos olhos, bocca na bocca, como a viver, no seu feltro sem alma, o mais ardente dos beijos. Mas nos versos gentis que as figurinhas pisavam:

"Puis mettant la bouche sienne
Tout á plant dessus la mienne,
Me mord et je la remors."

Ninguem comprehendeu por que se puzeram alli taes versos. Mas todos foram vêr a vitrina, os bonequinhos de Lenci, os perfumes e os versos.

As jovens, que por alli passavam, remordiam e ruborizavam os labios, ou, então, os carminavam, como em ansia de offerecel-os. Effeitos de um verso... e de um bonequinho de panno...

Uma outra joven passou, uma vez, e se deteve. Derramou o olhar indifferente para aquella variedade de perfumes finos, e só depois, entreabrindo os labios num sorriso indefinivel, leu as palavras que os bonequinhos machucavam com os pés.

Um senhor, ao lado, indefectivel com a sua grande perola na gravata, balbuciou ao companheiro, sem olhar a ninguem:

"La dulce bocca que a gustar convida..."

Ella sorriu superiormente, certa de que era della, aquella bocca.

Eu me convenci tambem.

Disseram-me que aquella bocca pertence a quem vae ser "Miss S. Paulo".

Convenci-me de que ella será "Miss Brasil".

FILIGRANAS

Um bonde quiz beber... Talvez porque o seu dirigente tivesse bebido... Parece mentira, parece mas é verdade patente... Foi alli na esquina da praia de Botafogo com a rua de São Clemente que o extraordinario caso aconteceu. Alli, naquelle logar onde outr'ora existia um casebre assobradado servindo de delegacia de policia.

O bonde ia á disparada e, derepente, pulou dos trilhos, correu pelo asphalto e embarafustou por um botequim adentro... Queria beber, sem duvida...

O pobre motorneiro, que era quem tinha bebido, quasi morreu no desastre... e o bonde — segundo consta pelos jornaes — foi preso... para a officina.

Bonde futurista...

O Jubileu da Avenida Rio Branco foi festivamente commemorado pelos cariocas. Entre as varias solennidades com que a cidade celebrou, na penultima sexta-feira, o 25º anniversario de sua principal arteria, sobresahiram a sessão solenne do Club de Engenharia e a recepção em honra do senador Paulo de Frontin, na Associação dos Empregados no Commercio.

EM suffragio da alma dos engenheiros, já fallecidos, que tomaram parte nas obras de construcção da Avenida Rio Branco, foi celebrada missa, na manhã do dia 7 do corrente, na egreja da Conceição e Bôa Morte, sendo officiante o sacerdote que, em 1904, baptizára o nosso grande «boulevard», monsenhor Antonio Jeronymo de Carvalho Borges.

REVERBEROS

A cada dia que passa, prolonga-se mais, pela noite a fóra, o pyrilampear dos annuncios luminosos da Paulicéa.

A's vezes, a noite céde o seu logar á madrugada, e os annuncios continuam pisca-piscando, emquanto que pela Avenida S. João além desfilam os automoveis numerosos e interminaveis, e "trillam" os "grillos" nos seus postes illuminados, que regulam o transito.

Os "dancings" e "cabarets", ainda modestos e desageitados, regorgitam. O mundo que vive á noite se derrama á madrugada toda pelas ruas.

E' uma vida nocturna que renasce, brilhante, depois de um longo torpor.

E' S. Paulo que abandona a caturrice da aldeia, e começa a ensaiar ares de metropole ..

♣

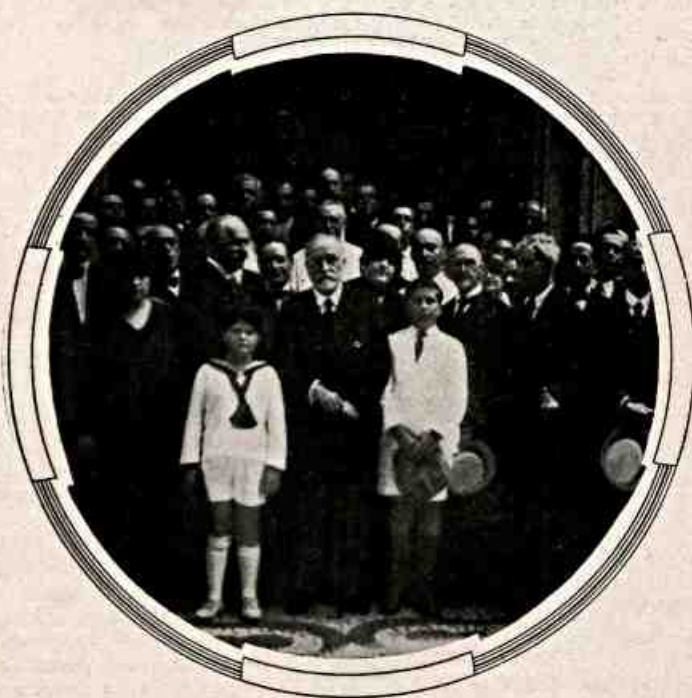
CINZAS

Quando eu traquinava pelos meus dez annos, a nossa vizinha recebeu do céo, numa cestinha florida, um bébé. Era uma menina. Linda como os amôres.

Muitas vezes peguei-a ao collo. Era manhosa...

Deixei de vel-a durante longos annos.

Corri mundo, quando me fiz moço e pensava que a vida era boa porque havia mulheres bonitas.

Voltei um dia á minha casa. Lolita ainda era nossa vizinha. O nome della era Lolita, de sabor castelhano.

A missa votiva, em acção de graças pelos engenheiros sobreviventes das obras da grande arteria carioca, foi rezada no dia 8, no mesmo templo em que se realizou a da vespera.

Certa noite, em palestra no salão da casa della, numa roda de jovens, eu teci lôas á belleza de Lolita, que já era uma moça capaz de provocar a quéda de um Imperio.

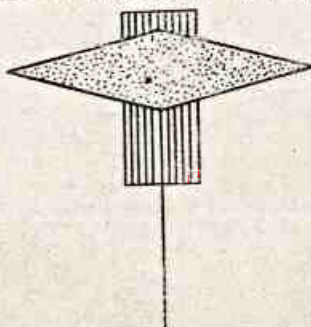
Um typo de belleza.

Para provar aos ouvintes que eu conhecia Lolita havia muitos annos, exclamei, desfeito em sorrisos, babado de ternura:

— Lolita? Peguei-a no collo muitas vezes..

Ella me fitou, com raiva, e murmurou entre dentes:

— Indecente! Atrevido...

MATTOS-ALEM.

COR DE CINZA

Um comboio apitando, além... na curva
Da estrada... No ar um arrepio
De frio.
Uma sombra parada, um olhar que se turva
De pranto...

Fim de romance. Desencanto
Da vida que, afinal, é só fumaça
Que vem e vae e passa.
Dia de chuva, o céu chorando
O seu pranto cinzento,
Longo como um lamento.
E o tédio açambarcando
Alma, espirito e coração.
Cinzento, nuance da indifferença,
Do «spleen» e da descrença,
E da resignação.
Cinzento. Cabellos grisalhos,
Sonhos falhos,
Castellos desfeitos em pó.
Neutra côr do desalento,
Do esquecimento
E da miseria de Job.
Côr das cinzas tão frias,
Que foram noutros dias
Cartas de amor... promessas, juramentos,
Um universo de deslumbramentos,
Que nos seduz e enleva...
Cinzas... que o vento leva...

Côr da garôa.
Da garôa tristissima que invade
A cidade
Linda e boa
Onde eu nasci.
Côr sem côr; que não diz, que não suggere nada!
Desencantada
Côr que me faz pensar em ti,
Na tua indifferença
Muito mais fria e intensa
Que a garôa
Que ennevôa
A terra onde eu nasci.
Côr da renuncia. Côr de quem passou na vida,
Trazendo nas retinas resignadas
Toda aquella saudade indefinida
De um bem que não existe.
Côr das flores fanadas
Ha muito tempo guardadas...
Incerta côr que embaça
O céu da minha terra sempre triste.
Côr do passado... côr sem côr... Fumaça
Que vem e vae... e passa...

Ide Blumenschein

Evanidade...

NA SAZÃO DA VIDA

— Aos trinta e oito annos, — dizia-me Flavio de Avellar — o homem pára "nel mezzo del camin di nostra vita", como quem pára deante de uma encruzilhada, sem saber que rumo ha de tomar.

E accrescentou:

— Falo do homem que sempre amou sem nunca ter conhecido o amor, como se lamentava o poeta.

— Explique-se melhor.

— Quer mais clareza do que isso? Quando o homem chega á minha edade — trinta e oito annos — e não póde contar com um affecto sincero, não sabe o rumo que deverá seguir... Amar? Deixar de amar? Consagrar-se a uma só mulher? Não se consagrar a nenhuma? Consagrar-se a todas de uma só vez?

— Talvez seja esse o melhor partido para um homem experiente da vida.

Flavio proseguiu como si não tivesse ouvido o meu commentario displicente.

— O homem pára no meio da sua vida, como o viajante que cansou e se sente desorientado. O seu desejo é deixar-se abater sobre a relva fresca do caminho, longe do bulicio da cidade, em contacto com a natureza selvagem, primitiva, innocente, tal como Jean Jacques Rousseau desejava.

— Mas é necessario proseguir.

— Sim. E' necessrio não se deter na viagem. Dahi a sua indecisão...

A voz de Flavio morreu na quietude do salão. Sobre o piano, as rosas brancas de um jarro côr de esmeralda se desfolharam sem sussurro. A tarde morria. A penumbra se desmanchara no ambiente, como si fosse a imagem de um perfume de solidão e doçura.

Ergui-me. Fui até a janella que olhava para o jardim, onde os geranios e as violetas tristes punham as nuances amaveis de uma suave poesia.

Quando me sentei de novo ao lado da cadeira de Flavio, elle disse sorrindo:

— Veja você... Eu sinto que estou nesse estado confuso de alma e coração.

— E de espirito...

— De espirito, não. Eu amo. E quem ama não raciocina. A logica, o bom senso são inimigos do amor. E justamente porque não raciocino, ou por outra — só raciocino com a alma e o coração, fiel ao conceito de Pascal, é que me sinto indeciso.

Outro silencio. E a seguir:

— Vejo deante de mim tres mulheres diversas... Sim, diversas, o que é bizarro, visto como são semelhantes entre si... Repare, si não é... Essas tres creaturas são diversas porque se parecem, umas com as outras, — naquillo que se refére ao coração. A regra é serem dissemelhantes...

— Não o entendo. Você é confuso.

— Não, meu caro, confusas são as mulheres. São differentes, quando se parecem; e quando não se parecem, são semelhantes.

— E' subtil, a sua these.

— E' um pouco perfida. Mas acceitavel... Vejo-me deante de tres mulheres, que possuem os mesmos defeitos, que exijo no coração das Evas de hoje. Essa triade me seduz pelos seus desequilibrios, e quasi direi, as suas taras, as suas psycheses.

— E então? Por que não se decide?

— Por que estou decepcionado com todas ellas. E já hoje não creio mesmo nem nos disturbios mentaes das mulheres. Acho que até nisso são fingidas.

— Ora! Nós homens é que as fazemos complicadas. Ellas são faceis, como um problema difficil.

Flavio piscou-me o olho:

— Por isso mesmo... Estou com Chamfort: "Pour être aimé des femmes il faut leur laisser croire qu'on ne les connait pas..."

NA praia de Copacabana:
— Qual de nós tres é a mais linda?
A voz de um tritão, saindo do seio das ondas:
— Entre «estrellas do mar» não ha o que escolher...

PIEGUICE — Neste fim de tarde somnolenta que parece a de uma sexta-feira da Paixão, eu me lembro de ti, e penso na inutilidade das palavras. Eu quizera saber dizer como é lindo este ambiente, este decor de serenidades fugitivas, para o desconsolo sem termo desta minha grande saudade.

As palavras são frágeis, são ôcas demais para conter a trepidação dos sentimentos grandes, das emoções violentas! São opacas em demasia para con-

ter as tintas frescas que coloram a paizagem da nossa vida interior...

Crepusculo côr de cinza. Percebes tu? Todo o meu esforço para descrever a languidez desta hora, os estremecimentos e desmaios da luz, a dolencia, quasi humana, da tarde lenta, que desfallece como uma rosa branca; todo o meu esforço resultaria inutil. Porque a minha palavra, como todas as palavras de arte, seria impotente para te transmittir as delicadezas do meu sentir, e as tintas das suggestões de que este morrer de tarde me povôa.

A minha imaginação arde. Arde n'uma fogueira de imagens e palavras, que se amontoam sem fórma. E' mais que uma fogueira: é um vulcão. Comprehendes esse estranho sentir?

Por não te saber dizer a eloquencia desta hora de ternura e esmorecimento, a minha imaginação se combúre, arde, freme, palpita na dôr voraz do brazeiro...

Si pudesses vêr esse quadro mental, terias a visão perfeita do bello horrivel. As chammas numa volupia doida, em linguas vivas, que ascendem e se enróscam.

Passam por todas as gradações chromaticas. Nellas está o arco-iris dos meus anseios, dos meus desejos, de todos os meus sentimentos.

As flammas se alteiam num incendio terrivel. E' a apotheose do fogo, na sua expressão requintada de esthesia e volupia. Arde. Ardem as palavras na sua inutilidade verbal... E, daqui a pouco, resta o montão de cinza de tudo que pretendi dizer, de bello e de grande.

Das cinzas mortas, sóbe, agora, um fio tenue de fumo, numa ascenção macia, que tem algo de uma pureza comburida. E' um incenso de dôr, de desejos inexprimidos, de soffrimento de inquietude, de amor e desespero...

Esse incenso se eleva em louvor de tua alma. Nelle se inscreve esta legenda de um poeta:

Il est des soirs d'amour
[dont on voudrait mou-
[rir...

CHARGE — DE YVES — Ellas são quatro creaturas distinctas e nenhuma verdadeira.

Os senhores estão admirados? Pois não ha motivo para isso.

Esperem... Eu me explico.

Ellas são quatro solteironas.

A primeira é a *dama de pau;* a segunda, a *dama de ouro;* a terceira, a *dama de copas;* a quarta, a *dama de espadas.*

— São figuras de baralho?

— Sim. Não d'um baralho de cartas, mas do baralho da vida.

A definição dessas creaturas, que fogem á sua nobre missão, — sobre a terra, — ser mãe! — é um tanto curiosa...

São quatro vizinhas.

A *dama de pau*, a gente logo adivinha o que ella é: cacête.

Imaginem que é rabujenta. Terrivelmente rabujenta. A sua preoccupação é bisbilhotar a vida alheia. Na sua rua, não ha uma joven cuja vida a *dama de pau* não devasse. Sabe os vestidos que possue, os logares que frequenta, as relações que mantem, e os namorados com quem conversa. De tudo ella dá noticia — com uma segurança absoluta.

E olhem que não ha ninguem mais rigorista do que ella. Por dá cá aquella palha, está invocando "as convenções sociaes". Para ella tudo é uma questão de principio. (Eis por que, em materia de amor, está ficando para o fim...)

... E não é que as lindas paulistas já ensaiam o seu sorriso bem carioca?...

A *dama de pau* é grotesca.

As suas *toilettes* são berrantes, espalhafatosas, e usa laçarotes amarellos, na blusa, e vastos babados, na saia.

Religiosa "á outrance". Não sae da egreja do seu bairro. Os livros da sua bibliotheca são: o *Thesouro Celeste, Minha Historia Sagrada, Officio Parvo da Santissima Virgem.* Por isso não admitte que as moças leiam romances amorosos.

— E' peccado! — exclama ella.

A *dama de ouro* deve andar pelos seus trinta e cinco annos. E' feia como um Quasimodo de saia. A sua vaidade é casar com um doutor que seja um tanto poeta.

Como é muito rica, se enfeita que parece uma vitrine de joalheria e um armazém de modas.

E' um gozo quando sáe para ir ao cinema. A rapaziada abre alas:

— Lá vae a *dama de ouro.*

— Quer casar...

— Com aquella cara!

— Por que não? Ella possúe a *nota*...

Mas, mesmo assim, a *dama de ouro* vae ficando para *titia*, — engrossando as fileiras do grande *exercito* feminino, que não casará.

A *dama de copas* é a mais curiosa desse naipe heterogeneo. Como as outras, já entrou na idade do *solteiranismo*. Dizem, então, que, desilludida de encontrar um infeliz que a quizesse para esposa, desanda a tomar os seus piléques. Ha, apenas, uma duvida: é quanto á natureza da bebida. Para uns é de champagne Cliquot; para outros é de cerveja; na opinião de terceiro é de vermouth, *whisky*, cocktail e *Porto*. Mas uma forte corrente está convencida de que ella se chama *dama de copas* por que adora a mais modesta das "champagnes"...

A *dama de espadas* é a mais interessante das quatro. Ainda não chegou aos trinta. Anda perto: 28 e picos. Mas quem a vê com os seus vestidos acima dos joelhos, pintada como um boneco hollandez, e ademanes de "jeune fille" do Sion, é capaz de jurar que anda pelos 18, ou 16, que é a idade eterna da mulher.

No bairro em que reside, córre a fama de que é valente. Dá pancada nos namorados que se divertem e puxa os cabellos

das "outras"? Será mentira? Será verdade?

"That is the question"...

O que é certo é que ella é filha de um coronel do exercito, (reformado) que possue uma espada longa, deste tamanho...

E quando a garotada local faz pilheria com essa Annita Garibaldi de fancaria, — é o que dizem — apanha a espada do pae — e — toma espaldeiramento, a torto e a direito...

Dahi o appellido: *a dama de espadas*...

Os senhores não as conhecem? Nem eu tampouco...

CHARLA — Na roda que se formára no *hall* do hotel falava-se de certas pessoas importantes, importantes pelo seu prestigio monetario, mas obscuras de espirito, vulgares, deploravelmente ridiculas. Alguem citou o exemplo, os exemplos que se pluralizam entre nós.

A nossa alta sociedade está cheia de "nouveaux-riches", cuja mentalidade é um attestado de innominavel chatice. Um referiu casos de certos cavalheiros que vão á Europa passear a sua importancia monetaria e a sua chatice obtusa.

Quantos não estavam nesse caso! Mas a verdade, philosophava outro, é que essa gente tinha o seu destaque social, pertencia ás "elites mundanas", aos meios finos e elegantes.

Na Europa, como em qualquer parte do mundo, esses representantes do ouro e da vulgaridade occupavam sempre os logares de relevo e distincção.

Foi nessa altura que um escriptor interveio na palestra:

— E' verdade. Sei de um commendador de bobagem que entendeu de viajar pelo Velho Mundo.

— Sozinho?

— Sim. Gabava-se de que não necessitava de auxilio de ninguem, para ir até a China, se quizesse.

— E foi até lá? — indagou uma senhorita arrepiada, que fazia parte da roda.

— Não sei, — retorquiu o escriptor — Sei apenas que elle esteve em Paris. Hospedou-se num dos melhores hoteis da cidade luz.

— E como se houve com o francez parisiense?

— Foi magnifico. E é isso o que vou contar. Na primeira manhã, foi despertado pelo empregado que lhe trazia o café. O serviçal bateu na porta. — "Quem é?

A graça feminina de S. Paulo representada por tres silhuetas de «elite»...

• • •

— indagou o commendador. — "Le petit dejeuner, monsieur".

— "Não me amole! — respondeu, mal humorado, o hospede *gaffeur*. E o creado: — "Monsieur, c'est le petit dejeuner" — "Não caceteie, já lhe disse. Esse sujeito não móra aqui. Móra o commendador Pelisimino Bredoégas. Arre! Que nem se póde dormir socegado neste hotel... E depois, fala-se em Paris, que Paris é isto, é aquillo. Bolas!"

— E em que ficou o caso?

— Mais tarde, com a intervenção de um interprete, tudo se esclareceu. Explicaram-lhe que se tratava do "primeiro almoço", do café. — Ah! E' o café que esse biltre me quer trazer? E porque elle não disse logo de uma vez que era café? Pensei que o tal "dejeuner" fosse p'ra ahi algum sujeito desclassificado...

A PAULISTINHA — de Ives — Eu nunca mais me hei de esquecer daquella paulistinha, franzina como uma boneca de porcellana, como aquella boneca que o poeta Mauricio Rostand dizia trazer nos braços, na sua travessia pela vida.

Imaginem, meus senhores.

Eu andava pelas ruas da Paulicéa, observando a maneira de ser das paulistas. Como ellas andavam. Como sorriam. Como vestiam.

Olhava-as quasi sem as fitar, sem preferencias definidas, assim como um garoto que foge da escola e se planta deante de uma vitrine de bazar.

Oh, as paulistas!

Ellas têm qualquer coisa que vae da graça soberba de uma Pompadour á graça vadia e irrequieta de uma Mimi Pinson. Uma face corada, naturalmente corada, quasi sem rouge, uns *boucles* de ouro a lhe espirrarem por baixo da aba justa do chapéozinho cloche. Um *tailleur*. Ou um *manteau*. Ou mesmo um vestido leve, simples. Outras vezes, de um tecido custoso, mas sempre guardando aquella linha de graça carioca.

Não sorri, é verdade. E' fria para o sorriso e o olhar guloso dos homens que as observam. Mas têm um modo de olhar, *en passant*, assim como quem não está ligando. Esse olhar, no emtanto, é semi-cerrado, um pouco pelo canto dos olhos, muito de lado, como o olhar de Clara Bow. Um olhar que é do outro mundo, minha Nossa Senhora!

O andar da paulista... Ah, não convem entrar em certos detalhes. Foi só do que não gostei: foi do andar das paulistas. Por que? — indagarão os cariocas, suppondo já que vou fazer alguma perfidia... Direi que andam muito depressa. Parece que são como os homens de negocio, que alli só pensam em ganhar dinheiro, em café, em industrias, que sei eu?

Não, paulistinha que olha de lado, com o lindo olhar de Clara Bow, — um pouco mais de vagar! Nada de correrias! Essa pressa quebra a linha esthetica da *toilette*, e compromette o rythmo da tua *allure*.

E' preciso andar como aquella musa de Baudelaire que, mesmo andando, parecia um passaro lindo e elegante...

...Mas, meus senhores, onde estou eu? Queria contar que nunca mais hei de esquecer aquella paulistinha que vi num largo qualquer.

Sabem por que?

Ella não olhava de lado, olhava de frente, — na linha recta do seu sorriso — tão raro nas suas conterraneas. Depois, os seus olhos eram

CREATURA ARTIFICIAL

Não sei quem seja aquella magricela!
Tambem não me interessa a sua historia.
Quem tem vida tão frivola e simploria
de chás e tangos, nunca será bella.

Bem o indica seu typo de gazela.
O oxygenio dos cachos; toda a gloria
rachitica, da forma transitoria,
quasi intangivel, que ella traz com ella.

Deus me livre, meu Deus, de moça assim,
que anda na rua ás quédas, de vertigem,
mais leve que uma folha de alecrim.

Degenerada, pallida, franzina,
enfeita os olhos myopes de fuligem,
pinta os labios com vermelhão da China.

ESDRAS-FARIAS.

---

côr de ferrugem, côr de bronze, de uma côr indecisa, que devia ser a côr do sonho, a côr do amor, a côr da alegria de viver.

Deus do céo! Como era linda aquella paulistinha do largo do Paysandú!

Os seus olhos tremeram, numa palpitação de palpebras; o seu sorriso, na sua bocca pentagonal, — como diria Pitigrilli, esse adoravel sceptico de "La Vergine a deciotto caratti" — encrespou as petalas dos seus labios lascivos.

Quando passou por mim, deixou uma onda

de perfume, um perfume eloquente, que parecia dizer: "Vem".

— Mademoiselle... estou encantado... Si me permitte... Sim... — gaguejava eu — si me permitte que a acompanhe...

Ella sorria, apenas. Não disse que sim nem que não. Mas acaso aquelle sorriso não era mais expressivo do que todas as palavras de annuencia?

Bom carioca, não desanimei; segui-a com esse desembaraço do homem da metropole.

Mas, senhores, São Paulo é uma grande cidade, onde não se dorme. Ali a vida é intensa e perenne. Não ha tempo a se perder. Maximé quando se segue uma paulista que parece uma tanagra...

...E a verdade é que a perdi na multidão febril e vertiginosa... Onde descobrir aquella paulistinha bonita? E' tão difficil achar uma paulista linda, que se perdeu entre as outras paulistas...

UMA CARTA COMO AS OUTRAS — Minha amiga — Foi assim que começou aquelle nosso vivo dialogo:

— "Tu não me amas como outr'ora.

— Sim, é verdade. Hoje sou uma outra mulher. Tambem não me soubeste comprehender. Nunca me desejaste ao pé de ti.

— Injustiça! Na minha vida so existe uma creatura amada: és tu.

— E por que me conservaste longe do teu coração, até hoje?"

Não recebeste a resposta. Mas pelo meu silencio doloroso deves ter percebido que eu soffria, que um mysterio qualquer havia na minha existencia.

Mysterio? Talvez não seja bem essa expressão.

Será mysterio o receio de uma decepção futura?

E' necessario comprehender bem o espirito de certas filhas de Eva. A's vezes todo o seu enthusiasmo por nós, pela nossa pessoa, por tudo quanto se relaciona com a nossa vida, está no desconhecimento em que vivem do que somos.

Todo o encanto do seu affecto reside nessa ignorancia bemdita. O dia em que nos revelamos, na fria nudez da verdade da nossa alma, essa revelação é a morte violenta do seu amor.

A mulher, curiosa em demasia, é extremamente sensivel para se accommodar á revelação daquillo que desejaria ignorar — uma vez que essa revelação desvirtue a encantadora feição do seu sonho.

Sim, minha amiga, não esqueçamos que todas as mulheres vivem, ou deixam que o seu amor viva de um sonho que é quasi sempre inaccessivel e bello de mais para resistir á realidade.

E não será dahi que decorre a infelicidade no amor? Não será esse espirito de fantasia exigente, esse idealismo exagerado, que concorre, mais de que tudo, para o infortunio de duas almas que se amam?

Ora, minha doce pequena, eu conheço os frios caprichos e absurdos do coração humano. Sei mais que a mulher é contradictoria por instincto.

No dia em que tivesses a certeza de que te amasse, cegamente, como desejas, (todas as mulheres querem ser amadas cegamente...) estou em jurar que te desprenderias de mim, desapaixonada, a reflexionar com essa logica paradoxal das Julietas: "Que tristeza! Pensei que elle não fosse assim, tão differente do que sonhava!" A propria convivencia, este estar junto, dia a dia, certamente te derramaria na alma o tedio invencivel de um fastio de amor.

E sabes que não ha nada mais triste, mais doloroso do que uma fala diga do coração, do coração que ama?

Si algum dia me dissesses: "Cansei. Estou cansada de ti!" eu creio que saberia sorrir, sorrir com infinito desdem. Mas, no intimo, dentro de mim, tudo quanto re-

presentasse delicadeza, ficaria sangrando, n'um desvairamento de morte.

Facilmente perceberás que, a uma phrase que me amarga, prefiro que me odeies, que me aggridas, que me insultes — mas desejando sempre o meu amor.

E ahi está, em ultima analyse, o motivo por que te conservo á distancia, á distancia dos meus olhos, dos meus defeitos, das minhas virtudes — dentro, porém, do meu coração offegante, febril e ardente como as proprias brazas do amor...

Teu — Y...

AS PALAVRAS DO SENTIMENTALISTA

Quando eu te conheci, tu eras tão lourinha,
Tão lourinha, tão linda e clara, que eu pensava:
— Ella não pode ser senão a Princezinha
De olhos da côr do céo, que a minh'alma sonhava...

Das tuas mãos liriaes, dos teus olhos me vinha
— N'uma ternura azul que me fanatizava —
Tua alma angelical que a minh'alma esperava...
Uma vaga impressão de que já fôra minha.

Por muito eu te querer — por te amar como um louco
Habituei-me, querida, a desejar bem pouco:
Sentir teu coração bem juntinho do meu...

— Creio que o nosso amor merecedor seria
De poderes dizer, falando em mim, um dia:
— O meu noivo era bom — era louro — e morreu...

CAETANO FIGUEIREDO.

A MULHER CHIC — Uma linda «toilette» de renda côr de ouro, ligeiramente nuançada de topazio. Modelo Jean Patou.

(Photo Luigi Diaz — Paris — Especial para o FON - FON).

LANTERNAS DE PAPEL

OS QUATRO ELEMENTOS

O MAR

A noite muito negra cobre a praia toda. Na vastidão escura do firmamento, uma ou outra estrella pequenina boia, a tremeluzir. Ha um silencio profundo na calidez das trévas, somente de espaço a espaço cortado pelo bramido do mar que bate de encontro aos rochedos.

E' como si o coração da noite estival e escura pulsasse, ás vezes mais forte, dentro do seu vasto seio negro...

Noite, cobres a minha alma com o crepe do passado; mas lá dentro, lá dentro, alguma coisa se move e grunhe e rosna e se espadana em frócos de espuma a rugir...

Uma saudade!

A TERRA

As nuvens correm baixas e velozes, rasando o recosto azul cinza das serranias acocoradas no horizonte como brutos animaes petrificados. Tudo está cinzento, abochornado, tristonho. Sobre a planicie vasta, a tenue claridade diffusa não esclarece o vulto dum pedrouço ou duma arvore. A terra parece concentrada e á espera de qualquer cataclysma...

Ao longe, no cinzeiro do horizonte indeciso, caem as teias liquidas dos chuveiros.

Toda a terra se estende e alonga entristecida pelo céo triste. Mas, de repente, um raio de sol rompe as neblinas vagarosas, rompe-as como uma lança brandida por mysteriosa mão e vae clarear, illuminar, doirar, fazer refulgir como uma joia, uma arvore isolada...

Assim, nos cinzeiros humidos das minhas lagrimas interiores, um raio de esperança vara as nevoas das tristezas recondidas e chispa scentelhas de oiro, todas de oiro...

O FOGO

As labaredas do incendio voraz queimam a densa matteria da lombada do morro agreste. Ennovelam-se. Sibilam. Estralejam. E vão por deante destruindo tudo, tudo, no seu furor horrendo e febricitante. Todavia, de subito, as chammas rubras e sibilantes se detém, hesitam, rodopiam, circulam uma moita verde e humida, lambem-na, procuram avidamente destruil-a e não o podendo, recuam desordenadas, créspas, violentas, rodeam-na e seguem ovantes, sem ter conseguido alcançal-a...

Desta sorte, ha no meu intimo logares orvalhados pelas emoções e pelos sentimentos que os incendios ferozes das decepções e as ardentes labaredas dos desesperos, nunca, jamais puderam attingir, ilhas de frescura e de sonho, abrigos providenciaes no meio das sarças em fogo...

O ESPAÇO

ILLIMITADO. Infinito. Azul. Todo cheio de astros luminosos. E varrido, na parte da atmosphera, pelas ventanias rispidas ou refrescado pelas brisas cheirosas. Somente o cortam, abaixo do giro eterno e pythagoricamente musical dos planetas e das estrellas, as asas dos passaros e dos aeroplanos.

Livre. Generoso. Forte. Indefinido. E' como o meu amor, apesar dos pesares, pela Vida e pelos Homens!

CLAUDIO FRANCA

OS NOSSOS ESCRIPTORES

BERILO Neves, escriptor dos mais festejados da moderna geração, é um irreverente espirito que sabe ver, sabe pensar e dizer. Elle vê as coisas, que o rodeiam, através de um prisma todo seu; sabe pensal-as e dizel-as com a elegancia, o brilho e a graça penetrante de um estylista, para quem a prosa alegre e irônica dos scepticos não tem segredos nem embaraços. De uma capacidade productiva pouco commum num escriptor joven, Berilo Neves é dono de um temperamento vibrátil, cuja caracteristica é a nota de sarcasmo educado, que se sente em tudo quanto a sua penna produz. «A Costella de Adão» é o primeiro livro de Berilo Neves. Nelle enfeixou uma série de chronicas, onde se fixam, por excellencia, os aspectos da vida moderna, com todos os seus vicios, os seus defeitos e as suas seducções irresistiveis. Por tudo isso, não é preciso accentuar que o seu volume está destinado, como todos os bons livros de pensamento, a um franco successo de livraria.

UM flagrante do acto da assignatura do recente Tratado de Conciliação entre a Santa Sé e o Quirinal, vendo-se, de pé, fazendo a leitura das suas credenciaes, o primeiro ministro sr. Mussolini, chefe do governo italiano, e, sentado, s. eminencia o cardeal Gasparri, representante do Vaticano.

FILIGRANAS

Fon-Fon publicou, a proposito do jubileu da Avenida, inaugurada ha vinte e cinco annos, uma serie de instantaneos de damas elegantes daquellas *priscas eras*...

Num omnibus, duas senhoras abrem deante de mim a revista e começam a folheal-a sem grande interesse. De repente, a pagina do passado lhes chama a attenção. Detêm-se nellas os seus olhos curiosos. E uma, a mais moça, diz para a outra:

— Yayásinha, olhe, esta aqui é você com titia...

— Eu não, retruca a menos moça, de máu modo, é uma irmã mais velha do que eu, coitadinha, que morreu antes de você me conhecer...

Fon-Fon commetteu varias indiscreções publicando aquella pagina...

* *

Com o frio excessivo, na Europa, até as fontes gelaram. A da gravura, é da historica Villa Borghese, em Roma. E aqui se morre de calor, nesta época asphyxiante...

FILIGRANAS

Lá do alto do agreste morro, que parece uma grande cabeça de granito com cabellos verdes, — as arvores que o vento açoita, contemplei o faiscante estellario da grande cidade illuminada que se estendia pelos desvãos das serras negras e formidaveis, invadindo as trevas da noite com os pyrilampos das suas luminarias.

E aquella visão se tornou para mim como que um symbolo: tudo quanto nós vemos de cima é assim illuminado e grande. Sómente o exame de perto, a observação proxima nos mostra os pequeninos defeitos, as pequeninas feiuras.

Devemos procurar vêr sempre a humanidade de longe e das alturas, ascendendo a ellas pela superioridade da propria alma...

* *

PROVERBIOS

Velho dictado,
bem adaptado,
põe carapuça em qualquer.
Ouçam bem:
Quem não tem o que quer,
deve amar o que tem.

Mas, quando se quer a alguem,
e si esse alguem é mulher,
deixem de historia,
dêem a mão á palmatoria:
Quem não tem o que mais ama,
só ama aquella a quem quer.

Dar conselho á mariposa
que não vá queimar-se á chamma,
E dar juizo a quem ama...
Pois não é a mesma cousa?
Olha o "soneto d'Arvers"...

Esquecer o que se quer
por amor do que se tem?
Eu, suppondo dizer bem,
disse isso a uma mulher
e ella achou que esse dictado
está desmoralizado:

— Isso é um dictado imbecil,
não diz nada. Nem ao menos,
nem ao menos é um ardil
para a conquista de Venus.
Nem ao menos é um ardil
de o tigre attrahir a corça...

Não. Quem quer o que não tem,
deve querer com mais força,
a ver si, querendo bem,
haja entre a posse e o desejo
só a distancia de um beijo
de ida e volta... Nunca, além...

BANQUETE DE NUPCIAS

O noivo está displicente.
Não come. Tantos fastios...
Vieram saladas e frios,
chegou o peixe... e está quente.
E elle, nada. Certamente,
acanha-se. E' a emoção.
Nesses dias, gente louca,
noivo não come com a bocca,
come, só com o coração.

Agora, depois do peixe,
vêm perús, patos e frangos.
E a noivinha, entre receios:
"Você não come?" — "Me deixe"...
Comidas, deixam resabios...
Depois do jantar, querida,
passados patos e frangos,
azeitonas e recheios,
hei de gostar da comida:
— a cereja dos teus labios
e os morangos
da pontinha dos teus seios...

TREPAÇÕES

Madame diz que não tem ciume do marido. E' uma mulher que está acima desses zelos amorosos, tão profundamente humanos, mas tão ridiculos neste seculo de civilização vertiginosa. Além do mais, sabe que não é feia, porque, si as amigas mentissem para consolal-a, não mentiriam os espelhos de puro crystal em que ella se mira todos os dias antes de tomar o seu automovel, para vir á cidade... De sorte que madame não póde ter ciume do marido, que não é nenhum Petronio e vive sempre envolvido com os seus negocios de financista. Quando elle sáe á noite, é para trabalhar — garante a joven e linda senhora. E si volta tarde, é porque o trabalho o reteve na rua até aquella hora.

Madame diz tudo isso para justificar a sua indifferença — ou por outra, a sua tranquillidade conjugal.

Entretanto, toda vez que o companheiro se expande um pouco mais com alguma de suas amigas, madame acha ruim e... dá o estrilo...

Ainda ha dias foi assim. Um grupo de cavalheiros e senhoras combinou um passeio a certo ponto pittoresco da Capital. Uma especie de pic-nic sem o classico jazz-band. Cada um levou o seu farnel bem provido. E os automoveis rumaram para o ponto combinado. Lá, todos saltaram, alegres, para o almoço campestre, porque a fome era negra. Improvisaram uma mesa sobre a relva. Sentaram-se. Comeram. Beberam.

A folhas tantas, madame amarrou a cara. O marido da bella senhora fez uma contracção como si tivesse sido picado por um alfinete ou... por uma fina unha de mulher...

E' que o esposo de madame começára a se desfazer em gentilezas para com uma bella vizinha, esposa de um dos cavalheiros do grupo. E ella não gostou...

E madame proclama que nunca teve ciume do marido...

OS ANJOS DA TERRA

BIBI. Conhecem-n'a? Aqui está a innocente Bibi, do Procopio Ferreira, a linda filhinha do grande actor. Bibi, na edade em que não se sabe bem si é mais innocente do que as bonecas, que conduz nos seus bracitos tenros, — Bibi tem feito chorar a seu pae — a seu pae que só nos tem feito sorrir... E' que Bibi é um anjo, e o grande artista está certo de que é tarefa ardua e difficil velar pelo destino dos anjos, que povoam a terra.

O logar dos anjos não é a terra...

* * *

Elle gastou as economias, tres ou quatro contos, porque os hoteis custam caro...

Porem, que deliciosos momentos, que dias encantadores!

Ella, casada ou divorciada, isto não importa ao caso, era uma creatura simplesmente adoravel.

Depois, deu-lhe para ter ciumes...

Quando elle, certa vez, disse que era noivo, houve um pequeno amuo.

Quando, em um domingo enrascado, o rapaz inventou uma visita á noiva, foi uma scena...

Mas, não ha mal que sempre dure, nem bem que se não acabe...

Ella precisou regressar para S. Paulo, pretextou a necessidade de uma estação em Poços de Caldas, onde podiam estar novamente juntos.

Elle, entretanto, não podendo afastar-se do Rio, teve a desdita de vêl-a partir, com uma lagrima escondida no cantinho do olho.

Agora, aguarda uma cartinha, que ella ficou de mandar...

Eis o romance vivido pelo rapaz moreno, sympathico, que está louco de saudade da garota colhida nas areias claras de Copacabana.

Maiores detalhes ficam para outra vez...

O calor não convida ao cinema. E', pelo contrario, até inimigo dessa diversão tão do agrado do carioca.

Por isso, tem causado estranheza a assiduidade daquelle medico tão conhecido e apreciado, em certo cinema da Avenida. Elle ali vae todos os dias, para ver... o mesmo film. E não se contenta com uma unica sessão por dia. A todo momento está comprando a sua entrada, que não custa pouco dinheiro. O calor não o espanta. Elle resiste, heroicamente, á temperatura senegalesca.

Penetrando no cinema, o medico assiste a um pedaço da fita, e sáe. Dahi a pouco está novamente na bilheteria, a comprar o seu ingresso.

A scena repete-se muitas vezes durante a tarde, mesmo com o excessivo calor que tem feito estes ultimos dias.

O medico quer provar que o cinema está, para elle, acima do calor.

Não sabemos si ha alguma bilheteira bonita pelo meio...

NATUREZA E ARTE

A Vida, mau grado o seu realismo grosseiro, realçado, sobretudo, na hora tumultuaria em que nos agitamos, ainda consegue suscitar, no homem de hoje, um alto surto de idealidade e de belleza, capaz de ennobrecê-la, de eleva-la, de marcar-lhe uma finalidade cósmica.

E' esse, precisamente, o seu aspecto maior, porque elle representa e encarna a dynamica maravilhosa da Acção.

Sem elle, a existencia não teria razão de ser.

Ânsia do Além, surto do Ideal, alegria mais alta de viver, — elle cria, ao lado da realidade crúa e do interesse despotico, um suave e lucido ambiente de ascencão moral, de superioridade emotiva, que condiciona a Virtude, estabelece a ordem suprema das idéas, conduz á Perfeição.

Eis porque o mundo, mais do que nunca, tem, hoje, necessidade do sonho, do amparo espiritual da Illusão.

Sómente com este, poderá conseguir-se a magica eurithmia da vida, o equilibrio estável dos povos.

A existencia actual do homem no planeta deve, por isso, logicamente resultar da synthese de duas grandes forças: — a Realidade e a Idealidade.

A predominancia ou exclusividade de qualquer dellas será o anniquilamento, a ruina total da Belleza, que, antes de tudo, deve ser rithmo, consonancia, harmonia perfeita.

Para tal, porém, é imprescindivel que elle se faça artista, mas artista na grandiosa eloquencia da expressão.

A Arte, portanto, não se póde constituir apenas o reflector servil da Natureza, nem, tão pouco, ascender ao vácuo, mergulhar na inanidade das abstracções, dissociar-se dos designios humanos de seu tempo.

Todos conhecem os debates que, nesse particular, o pensamento philosophico vem levantando, em delirio, dentro dos séculos.

Mas, em que pese á sua força, á rutilancia de seus conceitos e dos seus orgams, á suggestão avassaladora e imprevista de seus paradoxos, — o phenomeno esthetico não póde ser explicado por meio duma pobre formula unilateral e estreita, incapaz de focalizar-lhe a grandiosidade finalistica.

Os que assim o fizeram, ou, ainda, o fazem, já, escravizando-se á Natureza, já, desprezando a vida, evadindo-se do seu momento historico, perdendo-se numa falsa espiritualidade, num idealismo sem sublimidade humana, — todos esses, dentro dos seus chamados canones estheticos, a seu modo, desvirtuam a Arte. E inferiorizam-se. E desintegram-se. E, barbaros, mutilam o Bello.

Sob o primeiro aspecto, isto é, captivos da realidade absoluta, arvoram-se, desfarte, não raro, em escaphandristas da torpeza, em analystas vesanicos da criminalidade, em pesquisadores da morbidez em suas exteriorizações mais complexas. E, assim, com processos taes, — já o affirmára fino psychologo — só reproduzem as funcções inferiores da humanidade.

Eis uma visão subvertida da Arte. Certo que, sobre todos esses materiaes, não é vedado ao artista trabalhar. Certo que, nesse pantano, elle póde projectar a photosphera magica de seu espirito; mas cumpre que o faça sem obsessão doentia, do alto, procurando trazer, á tona da vida, as victorias-regias da Belleza. Sem isso, sem a criação de estados emotivos superiores, sem uma finalidade sociologica, sem um sopro apostolico de evangelização, a Arte teria, simplesmente, um objectivo inutil e mesquinho.

Mas si, por um lado, essa Arte-côpia photographica da Natureza, essa Arte-fac-simile do mundo exterior leva a esses resultados, por outro, a Arte-idealidade pura, a Arte-transcendencia, a Arte-metaphysica, a Arte-vacuidade não deixará de conduzir a consequencias mais ou menos semelhantes.

Erro tambem será, nesses domínios, collocar o homem em plano inferior á Natureza, conferindo a esta, na obra artistica, a maior contribuição. Ou, ao contrario, admittir a Natureza como uma copia da Arte.

Nem Emerson, nem Wilde.

Emerson viu, em todas as modalidades artisticas, a predominancia da Natureza sobre o homem. Na musica, na eloquencia, na poesia, na pintura, na esculptura, na architectura — elle lobrigou, como primaciaes, os elementos não espirituaes; e dahi chegar ao paradoxo de, até certo ponto, affirmar-lhes a inferioridade, comparados aos da Natureza.

Assim, para elle, tendo a musica sua base nas propriedades do canto e nas vibrações dos corpos sonoros, a simples vibração duma corda transmitte ao ouvido o prazer dum som agradavel, independente do coefficiente individual do artista.

Na oratoria, vê, sobretudo, a constituição do orador, o tom da voz, a força physica, o jogo dos olhares, a attitude.

Na pintura, as côres brilhantes, estimuladoras do olhar, antes de utilizadas na representação duma paisagem.

Na esculptura, na architectura, os materiaes como o granito e o marmore, considerados independentes do arranjo artificial.

E, nessa ansia de tudo interpretar em funcção do meio ambiente, si penetra a maravilha dum templo gothico, explica-lhe, em parte, a belleza, em razão do proprio templo, pelo sortilegio da luz do sol, do jogo das imagens, da paisagem circumdante. E é, ainda, como o resultante do prestigio exterior, que elle affirma a suggestão musical.

D'ahi, em synthese, o seu pensamento: — a Natureza sobrepuja á vontade do homem. Para elle, «ella pinta a melhor parte do quadro, esculpe a melhor parte da estatua, constrõe a melhor parte da casa, pronuncia a melhor parte do discurso».

Wilde encontra-se á margem opposta.

A Natureza, para o seu olhar interior, é uma criação humana. E ella, de resto, «decalca», exterioriza, reproduz a Arte. A Belleza não reside, propriamente, na immanencia das coisas. Está dentro de nós. Vive dentro do Artista. E' uma introvisão.

Não convém, porém, delirar...

E' necessario acceitar e proclamar um ponto de vista syncretico no perquirir desses phenomenos.

A Realidade e a Idealidade, a Natureza e o Artista, o Eu e o Não-Eu deverão fundir-se num todo unico, com um só arrebatamento para a perfeição, na suprema synergia duma vida maior.

BENI CARVALHO

REMINISCENCIAS — O nome do dr. Assis Brasil, cuja evidencia, mais do que nunca, se faz sentir neste expressivo momento da vida republicana, ha vinte annos já se destacava, aureolado por um halo de-prestigio individual. Secretario geral da Terceira Conferencia Internacional Americana, em 1906, o illustre brasileiro era homenageado, pelos seus collegas da delegação brasileira á mesma Conferencia, com um almoço, no Leme. Nesse agape, realizado a 3 de outubro daquelle anno, tomaram parte figuras que depois tiveram um notável relevo em todos os ramos da vida activa do paiz, e algumas das quaes já fallecidas. Os que apparecem no grupo são os seguintes: srs. Assis Brasil, Rodrigo Octavio, Olavo Bilac, Lafayette Rodrigues Pereira Filho, J. L. Starr Hunt, José Américo dos Santos, José Rodrigues Alves, Edmundo de Oliveira, José Boiteux, Eugenio Mergulhão, Douglas Watson, Mario Sampaio Ferraz, Jacintho de Barros, Oscar Lopes, Herbert Moses, Alpio

AS NOSSAS PRAIAS

A vida mundana, no verão, tem os seus dois aspectos extremistas: ou as rendas, os decotes e as transparencias vaporosas dos tecidos leves, esvoaçantes, ao sol da Avenida, ao esplendor dos lustres dos salões, nas grandes noites de «reveillons», ou a simplicidade reduzida dos «maillots», ao sol radioso das praias e aos olhos deliciados dos «mirones». De qualquer modo — nos salões ou nos balnearios — a carioca é sempre encantadora. Pela sua graça communicativa e pelo seu sorriso ironico.

Mil · historias · sem · fim...

POR MALBA TAHAN

107ª NARRATIVA

A caravana recusada

EM Bagdad vivia, outr'ora, um joven mussulmano chamado Ibrahim Ibn-Tahir, que passava os dias em festas e banquetes a gastar, sem pensar no futuro, a prodigiosa herança que lhe deixára seu pae.

Cedo viu-se o nosso heroe reduzido á penuria extrema. No dia em que fôra obrigado a separar-se de seu derradeiro dinar, proveniente da venda do ultimo escravo, occorreu-lhe appellar para o auxilio dos alegres companheiros que haviam compartilhado de sua mesa e de seu ouro quando aquella era farta e este abundante. Não houve, porém, um só que se compadecesse da situação afflictiva do desajuizado mancebo.

Comprehendendo que nada poderia obter de seus falsos e ingratos amigos, e resolvido a enfrentar corajosamente as vicissitudes da pobreza, regressava Ibrahim á casa, quando, ao chegar á rua em que morava, notou alli um movimento anormal. Vencendo, a custo, a massa de curiosos, deparou elle com uma caravana, recem-chegada de longinqua cidade, com seus guias, cameleiros e conductores.

O chabir — chefe da caravana — dirigiu-se ao joven e disse-lhe:

— Acabo de ser informado de que sois Ibrahim, filho do rico Tahir Messoudi. E' vossa, portanto, esta bella caravana que acabo de trazer de Bassora, através do deserto.

Convencido de que o chabir estava enganado, Ibrahim, que era honesto e incapaz de apoderar-se de qualquer cousa que não lhe pertencesse, respondeu:

— Estás enganado, ó amigo! Sou pobre e nada tenho de meu! Esta caravana não me pertence. Houve, com certeza, algum equivoco na indicação de quem t'a confiou, para leval-a a seu destino.

— Recusas, então, ó joven? — exclamou o chabir. — Recusas acceitar esta caravana tão rica e carregada de preciosas mercadorias?

— Recuso! — replicou com segurança Ibrahim.

Essa resposta do joven bagdaly causou aos homens da caravana uma impressão indescriptivel. Gritavam todos alegremente: "Allah! Allah Kerim!" Alguns arrancavam os turbantes e rasgavam as vestes entre risos estrepitosos; o proprio chabir chegou a rolar pelo chão, a rir como um fakir demente.

Ibrahim, surprehendido por tão inesperada manifestação de regosijo, agarrou o cameleiro-chefe pelo braço e gritou-lhe:

— Que significam essas risadas e chacotas? Por que ficaram todos tão contentes com a minha recusa? Exijo que me expliquem o mysterio desse caso.

Deante de tal intimação, o chabir narrou o seguinte:

— Deveis saber, ó joven...

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Uma promessa de felicidade, um aceno de esperança, uma affirmação de fé, julguei adivinhar, um dia, nos teus olhos, Boneca. Nos teus lindos olhos côr de cinza, em cujas pupillas illuminadas e cariciosas se reflectia a pureza de tua alma. De tua alma e de todo o teu ser. E o perfume de teu coração, com suavidade de beijos e doçura de caricia de braços frescos de mulher e de mãos quentes de desejos, que se buscassem, no espaço, fez-se, desde então, a alma delicada, vaporosa e subtil, da violeta mystica desta minha nova illusão.

Mas... Boneca, tu és mulher, e *toujours femme varie*. E eu — para não ter, novamente, a decepção de mais uma desillusão — finjo acreditar nas tuas palavras, nas doces e mentirosas palavras com que me fascinas e me encantas.

Vê a que estão, hoje, as mulheres reduzidas! Tanto encheram o mundo de fallacias; tanto usaram e abusaram da simploria credulidade do homem — o animal mais facil de ser enganado entre os que povoam a terra — que já se desconfia della, mesmo quando a sinceridade chora nos seus olhos afflictos, de incomprehendida!

Porque, Boneca, quero crêr em ti, pelo menos na boa vontade com que dizes que me amas, que fui e sou o teu primeiro amor, e o primeiro homem que beijou a rosa vermelha de teus labios carminados.

Lá fóra, porém, casando-se ao rythmo da minha duvida, uma victrola vae descantando a velha e sempre linda aria do Rigoletto:

La donna é mobile
Qual piuma al vento
Muta d'accento — e di pensier.

Mas eu acredito em ti, meu amor, minha bonequinha de olhos côr de cinza, onde palpita, agora, a inquietação tremula [illegible] de uma lagrima. Estava a brincar, estava a ver se tu serias capaz de chorar por amor de mim, da dureza, da crueldade das minhas palavras...

Com que facilidade, porém, teus sentimentos mudam *d'accento*. Agora, satisfeita e feliz, já estás a rir, e a lagrima mesma que teus olhos destillaram parece rir de contente.

E' que tu pensas que me enganaste, que, mais uma vez, triumphou a arte maliciosa e maligna da mulher — a mentira.

Se, come il viso, si mostrasse il core, talvez me fosse possivel acreditar ainda no amor das Bonecas, como tu, com quem a gente grande, como eu, vae divertindo a vida, sempre sujeita nos maiores perigos.

GUTINHA Ministerio, uma galante foliã, que em Juiz de Fóra fez successo no ultimo carnaval. E' filha do sr. Octavio Ministerio, nosso collega da imprensa daquella cidade mineira.

Brincar com Bonecas não é coisa tão facil como muitos pensam. E' um sport, uma diversão arriscada, de consequencias, ás vezes, bem desastrosas e desastradas.

Positivamente, não estou, hoje, para brincadeira.

Por que? Saberás tu por que, Boneca?

Se não sabes, tambem não o sei eu. Eu, que, apezar de dizer que não creio em ti, estou a sentir, como nunca, a necessidade da tua illusão, da tua suave e feitiça illusão, ó linda e encantadora Boneca da minha vida!...

BONECA NA AVENIDA

No dia da Avenida, do jubileu da grande alameda da graça, da bizarria e da elegancia carioca, Boneca parecia uma *petite Cendrillon* a render, ao capricho dos seus encantos, os corações de seus admiradores. Um garbo, uma *allure* de rainha, emprestava um que de majestoso e de imponente á sua soberana belleza. E' que a Avenida é a verdadeira sala do throno de Boneca e, ahi, a carioca sente-se mais á vontade do que em sua propria casa. E' a sua feira-livre, feira de artigos de vaidade e de elegancia. E não ha, de artigos de vaidade e como ella, para apregoal-os e exhibil-os, com uma graça e uma distincção *tout á fait* encantadoras.

Boneca, de facto, brilhou no dia da Avenida. Apresentou-se linda e garrida, e sua alacridade encheu de festa e de risos o grande e *chic boulevard*.

SORRINDO...

Madame, nervosa, depois de revistar longo tempo aquelle exemplar do FON-FON, que suas mãozinhas comprimiam, num gesto de quem quer torcer o pescoço a alguem, não se conteve, e falou, dirigindo-se ao marido, que, calmamente, lia os jornaes da manhã:

— Esses senhores de jornaes e de revistas têm, ás vezes, lembranças bem infelizes, não achas?

— E', filha. São uns idiotas, respondeu *monsieur*, sem maior attenção.

— Uns idiotas, não! Uns atrevidos! Uns maleducados!

— Mas, de que se trata? Que é isso! Por que estás assim tão exaltada?

— Pois não leste, não viste ainda o FON-FON?

Boiando em secco... á beira mar.

Não reparaste naquella pagina de photographias colhidas na Avenida, ha vinte e cinco annos atraz?

— Não. Mas, que tem isso? Deve ser bem interessante. Deixa-me ver.

— Interessante? Não sei por que será interessante! Um horror, é que é! E eu, que lá estou, no meio daquelle mostruario de coisas horriveis... Que modas, as daquelle tempo!

— Tu? Ora vamos ver como eras ha vinte e cinco annos, portanto com os teus vinte annos...

— Vinte, não senhor! Dezoito. Apenas dezoito!

— Seja. Deixa-me ver... Deverias ser linda, minha filha... Quando casámos, tu já tinhas trinta e quatro...

— E dois. Trinta e dois. Não quero, porém, que vejas esta revista.

— Tolice, que tolice, minha querida...

— Emfim, toma. Sei que não me reconhecerás e não serei eu quem te vá auxiliar... E dizer que tudo isso já foi moda...

Mas, elle reconheceu a então joven e galante *demoiselle*, e madame, nervosa — ella, que, hoje, parece ser mais nova do que era naquelle tempo — fez em pedaços o inoffensivo flagrante... E prometteu uma missa ás almas, se não fosse reconhecida por mais alguem...

Se lhe fosse possivel comprar toda a indiscreta edição de FON-FON, da sua revista tão querida, a cuja leitura ella tanto se habituára!

Por fim, já calma, acabou rindo-se, e mandou vir novo exemplar, que, naturalmente, ficou muito bem guardado...

Se a moda era aquella! A edade! Ora, que lhe importava isso, se ninguem lhe daria mais de trinta!...

POMBO-CORREIO

Quatro mezes! Lembras-te? Ha quatro mezes, querida, tu és o abençoado raio de sol da minha vida, a minha alegria e a minha festa.

E ha quatro mezes, no tôpo da escada de Jacob do meu sonho de amor e de felicidade — alta, tão alta que só lhe vejo o fim com os olhos verdes da minha esperança, da minha esperança e da minha fé em ti — teu vulto amigo e bom, tão meigo e tão puro, é o anjo tutelar da minha vida. Desta vida que, até o dia em que te vi e amei, era uma *via crucis* de soffrimento, um hôrto de desespero e de amargura.

Mas tu vieste, querida. Tu vieste para a minha felicidade. E eu te recebi de alma e coração abertos, a render graças ao Senhor por todo o meu passado soffrimento — esse torturado e silencioso soffrimento que me valeu o premio do teu amor, a dadiva do teu carinho, a doçura do teu beijo — quando, descrente, desillludido, eu já havia renunciado a qualquer aspiração, a toda ansia, a toda inquietação de felicidade!

Tu vieste, porém, querida, e eu te recebi e te guardei no recanto nunca habitado do meu coração: aquelle que eu reservára para a alma de minha alma. E tu és a alma de minha alma, a vida da minha vida, o meu doce e sempre abençoado amor!...

SEARA ALHEIA

Versos de M. P. J. Toulet

Sur le Canal Saint-Mar-[tin glisse
Une péniche en acajou,
Que l'on prendrait pour [un joujou
Avec ses volets à coulis-[se,
Ses panneaux peints au [minium,

Ses deux pots de géra-
[nium,
Et la Picarde dans sa
[taule.
. . . .
Je rêve d'un soir rouge
[d'or
Où pleure une chanson
[créole
Sur une barque qui s'en-
[dort.
— Ah, ce taxi, quelle
[charrette
C'est au grenier, votre
[entresol.
Je t'aime... Oui, c'est
[un tournesol.
Si tu savais comme il me
[traite...
Et tu parles... pour les
[cadeaux!
Ça c'est moi... Non, pas
[de rideaux.
— Le cœur vous est bien
[en dentelle.
— Mais il faut une heu-
[re, dit-elle,
Rien qu'à me lacer dans
[le dos.

ESTRELLAS CADENTES

L'homme n'aspire pas au bonheur. Il n'y a que l'anglais qui fait cela.

têm os inglezes. De uma maneira geral, todo mundo sonha com o advento de uma ventura que nunca corresponde ás necessidades mais essenciaes da vida, feita de sonhos que fogem aos limites traçados pela propria existencia, encarada na feição biologica da sua realidade.

Espiritos praticos, positivos, os inglezes se educam, amando e comprehendendo a vida, vivendo-a e sentindo-a profunda e intensamente, *en nature*.

Em contacto directo com as forças prodigiosas e mysteriosas da natureza, é nesse ambiente, claro e cheio de sol, ao ar livre, que elles fazem o treino alegre e sadio da vida.

Essa philosophia de puro sangue, providente e previdente — na phrase de um escriptor — é que dá ao inglez uma noção

ou melhor — *standard of life*.

E para gente assim sossegado só uma epopéa do intellectualismo, nem os do sentimento, nem os do sonho, a felicidade deve ser alguma coisa accessivel e de facil realização, por ser comprehendida e desejada como uma necessidade instinctiva, com sua expressão de animalidade e sua razão *en nature*...

PETIT-BLEU

O céo está sombrio. O tempo tambem. E, como o céo, e como o tempo, tambem tristes e sombrios estão minha alma e meu coração.

Não tenho tintas, tintas claras, alegres e vivas com que "palhetar" este *petit-bleu*. E um *petit-bleu* que não reflecta, sereno e calmo, um pouco do céo azul da alma ou do coração da gente, parece que não é bem um petit-bleu... especialmente escripto para ti, para o teu ser, todo feito

e para ti, que o *petit-bleu* de hoje fique por aqui, antes que a tempestade interior em que me agito se desencadeie, enchendo de coisas sombrias e tristes o céo azul do nosso... do nosso sonho de amor...

* * *

Porque tu me entristeceste profundamente, querida, quando, um dia destes, te perguntei se a data que transcorria não te recordava, não te fazia lembrar alguma cousa...

E tu me disseste que não. No emtanto, aquella data estava presa á historia mesma do nosso amor. E, naquelle dia, com a tinta da caricia humida de meus olhos verdes, eu traçára, na lamina scintillante de teus olhos negros, o primeiro *petit-bleu* de amor que te dirigi. E tu me respondeste, na mesma linguagem silenciosa e muda, como a me dizer que tambem me havias comprehendido e que eu podia... esperar.

Tão pouco faz, porém, e sequer já não te recordas daquella linda tarde de primavera, meu querido e ingrato amor de verão!

No emtanto, aquella tarde de novembro foi, é e será sempre a tarde mais linda e mais gratamente lembrada da mi-

Presa por ter cão...

Essas palavras de Nietzsche têm um grande fundo de verdade. A humanidade, em geral, não aspira á felicidade, ou, pelo menos, não tem da felicidade aquella noção clara, precisa, pratica e inconfundivel que della

perfeita e pratica da felicidade. Treinado, desde que nasce, habil e intelligentemente para a corrida, ou *grand naturel*, das pistas da vida, elle é, de facto, o typo-specimen,

de sonhos côr de rosa, tão vaporoso, tão subtil, tão suave como uma caricia ou como o perfume mesmo de uma illusão.

E' melhor, será bem melhor, porém, para mim

nha vida. Uma tarde que morrerá commigo, sempre a fazer cantar a cigarra do amor que despertou, de novo, para o sonho, minha alma e meu coração...

Mas tu já não te lembras disso...

BOHEMIOS

DE

ARNALDO DAMASCENO VIEIRA

A historia da vida de bohemia, entre nós, ainda está por fazer.

O que existe sobre o assumpto na "A Conquista", de Coelho Netto, no ensaio "Bohemios", de Arthur Bomilcar, em chronicas esparsas de Leoncio Corrêa e no recente livro de Paulo Prado, constitue subsidios valiosos, mas deficientes, para quem se propuzer escrever a respeito dos poetas e prosadores nossos, influenciados pelo "mal do seculo", de que soffreram Byron, Musset, Espronceda, Murger, Henri Heine...

A escola romantica, a que pertenciam aquelles illustres corifeus, tinha como caracteristicos externos — longas melenas, cobertas por largos chapéos de feltro, gravatas e colletes espaventosos; e por manifestações internas — apreciaveis dóses de alcool e vivos dotes de imaginação...

Trazido a estas plagas por Gonçalves de Magalhães, encontrou aqui o romantismo propicio campo de cultura, em que proliferou rapidamente, revolucionando as idéas e os costumes dos escriptores indigenas.

Castro Alves embóca a tuba altisonante de Hugo — arauto abstemio da escola; Alvares de Azevedo adopta o fatalismo de Manfredo.

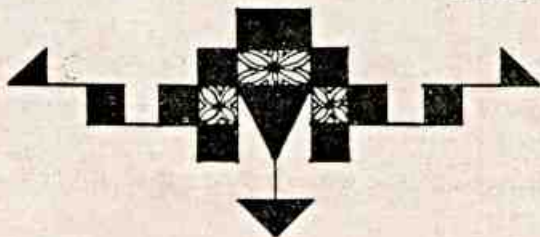
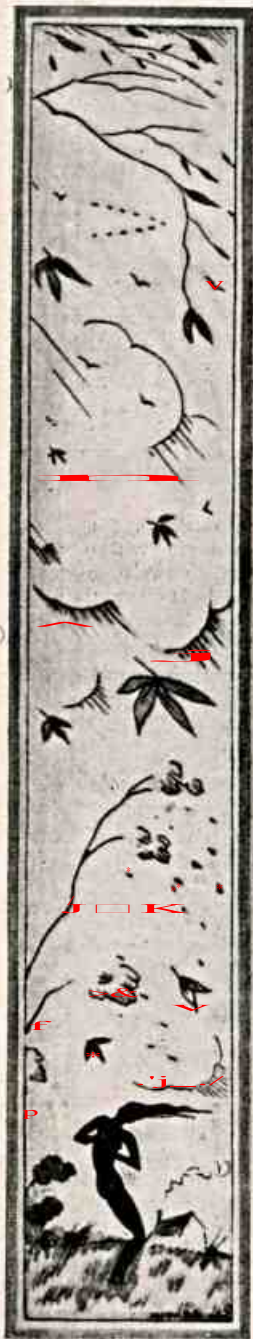
E' do programma morrer-se aos vinte annos; para cumpril-o davam-se os poetas ás attitudes mais extravagantes, com grave escandalo da pacata burguezia.

Numerosos foram os intellectuaes que se distinguiram no genero, bastando lembrar, entre outros menores, Fagundes Varella, Bernardo Guimarães, Laurindo Rabello, Lobo da Costa, Aureliano Lessa.

O parnasianismo e o symbolismo deram-nos tambem typos de bohemios interessantissimos. Além dos que passaram pelas letras *a vol d'oiseau*, sem deixar livro impresso, como Paula Ney, Arthur de Oliveira, Raul Braga e alguns mais, tivemos o grande Emilio, pontificando deante de um eterno copo de "whisky" nos "bars", e fazendo filtrar, através os vastos bigodes, seus epigrammas causticos e immortaes; B. Lopes, com sua indefectivel gravata *papillon rouge* e seus versos heraldicos á Sinhá Flôr; Marcello Gama, lyrico admiravel, tragicamente morto depois de uma habitual noitada de expansões; Lima Barreto, o ironico e enternecido amante da cidade, fazendo pervagar pela Avenida, Engenho de Dentro e adjacencias sua figura melancolica, encimada por um chapéo de palha em lamentavel estado de conservação...

Com Lima Barreto encerrou-se o vivo e pittoresco cyclo da bohemia, sob sua feição classica, no mundo das letras nacionaes.

Os modernos poetas e romancistas na época do futurismo, primitivismo, creacionismo e muitos outros *ismos*, possuem, como os da geração passada, brilhantes dotes de imaginação, e, quanto ao alcool, se permittem, de quando em vez, os excessos de uma taça... de guaraná espumante.

Está-se á espera do historiador que, reunindo as notas dispersas e juntando novos apontamentos, nos trace o estudo definitivo do esplendor e decadencia de nossa bohemia literaria.

Momo esteve tambem, este anno, no Ceará. E lá, como aqui, se viu maluco no meio das Colombinas que o festejaram nos salões do Club dos Diarios, onde o rei da folia teve condigna e delirante recepção...

O CARNAVAL NO CEARÁ

SEIXOS

A symphonia esplendida de teus beijos — a symphonia pagã e triumphal fez de minha vida uma surdina dolorida, illuminada, subtil, esplendorosamente linda...

E eu me crucifiquei á cruz desse calvario... Sorrindo. Contente e feliz. Disfarçando a angustia do passado em pranto de alegria. Mystificando a velha dôr de incomprehendido num sorriso claro de esperança...

E tu, minha dôce amiga, que me vias renascer para o amôr, miraculosamente, ante a orchestração dos beijos que me davas, fôste piedosa, como piedoso eu fui...

Outro flagrante do baile carnavalesco de terça-feira gorda, no Club dos Diarios, de Fortaleza.

O RIO DE HONTEM

A praça da Republica, ha mais de vinte annos, depois de reformada pelo prefeito Passos. O casarão baixo do Quartel General de Deodoro e Floriano. Vehiculos: Carroças a granel. Bondes de burro. Parallelepipedos. Tilburys. O gaz.

A praça da Republica nestes dias de progresso febril. O Ministério da Guerra de Hermes, de Bormann, de Caetano Faria e de Calogeras. Vastos abrigos. Cimento armado e asphalto. Nenhum burro e nenhum cavallo. O automovel e a electricidade.

(Do Album, inédito, do photographo Malta).

PAINEL DE AZULEJOS

A EPOCA DA AVENIDA

Commemorou-se o jubileu de nossa Avenida Central, chrismada depois em Avenida Rio Branco, a querida Avenida de todos nós, cariocas de nascença ou de coração, que marcou o inicio do grande desenvolvimento do Rio de hoje. E foi como si uma epoca resurgisse ante os nossos olhos.

Porque os jornaes illustrados reproduziram as photographias daquelle bom tempo, as visões das ruas e das modas, as figuras officiaes e as damas elegantes, os edificios e as carruagens, os uniformes e as sobrecasacas. E, assim, desfilaram outra vez deante de nós Rodrigues Alves, Passos e Lauro Muller, generaes e almirantes, tilburys e landaus, as fachadas premiadas de Jannuzzi e do antigo Odéon, os chapéos cloches*, as saias* entravés *e os* colletes devant droit.

Na rememoração desse tempo do Rio elegante do Binoculo*, dos cor sos commentados por Figueiredo Pimentel e dos* five ó clock teas *descriptos finamente por João do Rio, nós, os da velha guarda de* Fon-Fon*, cujo grito representou o progresso — o automovel matando o tilbury ronceiro e triste, não podemos deixar de relembrar a figura luminosa de alegria e de bondade de Alexandre Gasparoni.*

Esse homem amavel e intelligente, discreto e fino, encarnou a alma subtil da sociedade carioca, que era o seu meio natural, durante muitos annos. Gasparoni surgiu com o Rio modernista e desappareceu ao primeiro annuncio do Rio futurista. Elle foi pelo cavalheirismo, pela graça e pelo savoir faire *uma expressão admiravel dos bons tempos da Avenida. Espalhemos algumas flôres sobre o seu tumulo no jubileu de sua querida Avenida e evoquemol-o com saudades como o fez a brilhante poetisa e escriptora Maria Eugenia Celso numa chronica encantadora, em que a emoção se casou admiravelmente ás louçanias dum estylo claro e cantante.*

O ADULTERIO ENTRE OS AZTECAS

Na velha civilização mexicana dos aztecas — contam maçudos historiadores — o adulterio era punido de maneira terrivel. Apedrejava-se a mulher como faziam os hebreus e acabava-se por se lhe achatar a cabeça entre duas pedras. Quando o adulterio não ficava provado sufficientemente, a mulher nada soffria, porém o marido podia repudial-a. E, si por acaso após esse repudio, voltava a viver com ella, elle era, então, condemnado á morte...

Isto é que é estupendo!

Imagine-se que certos maridos e mulheres que conhecemos, que se separam e se tornam a unir, vivêssem no Mexico anterior a Fernão Cortez...

Enith, filhinha do sr. Manoel Salgado e de d. Edith Salgado.

Lya é a galante filhinha do sr. Eurico Marinho da Silva e de d. Nair Couto da Silva.

O FUTURISMO DE ADHELMAR TAVARES

Adhelmar Tavares, o grande poeta de Myriam, luz de meus olhos*, tomava o seu banho dominical no posto seis, em Copacabana. Mergulhando nagua, a fugir da canicula horrenda, o immortal conversava com alguns amigos sobre litteratura (elle é poeta até debaixo d'agua...), quando uma linda senhora lhe perguntou:*

— O senhor é passadista ou futurista?

Adhelmar sorriu e ia responder, porém um dos amigos inopinadamente o interrompeu:

— O titulo do seu livro de versos exprime a sua escola: Noite cheia de estrellas... *Si elle fôsse futurista, teria decerto publicado* a Estrella cheia de noites...

Adhelmar Tavares mergulhou...

O TESTAMENTO SENTIMENTAL

Castilhos Goycochea é um escriptor de verdadeiro talento. Seu livro de cartas, que formam um delicioso e subtil enredo, ligadas umas ás outras, sob o titulo O Testamento Sentimental de Lysandro de Sant'Yago *emociona e encanta. Elle mostra a intimidade duma alma venturosa e triste, ao mesmo tempo, duma alma grande, elevada, nobre, amorosa. Pensamentos delicados. Forma sóbria e elegante. Idéas altas. E' decerto a alma do autor que se extravasa no bello livro. Bella alma!*

Dom Carlos

DE SÃO PAULO

A pedra fundamental do novo «stadium» do Palestra Italia, no Parque Antarctica, foi lançada na tarde em que ali se feriu o jogo entre o club paulista e o nosso Botafogo F. C. Dois acontecimentos sportivos de grande significação para a vida paulista. Esta pagina fixa aspectos da grande tarde sportiva no Parque Antarctica: flagrante do lançamento da pedra fundamental do novo campo de foot-ball; a assistencia e os athletas do S. C. Corinthians Paulista desfilando no futuro «stadium».

SOMBRAS CHINEZAS

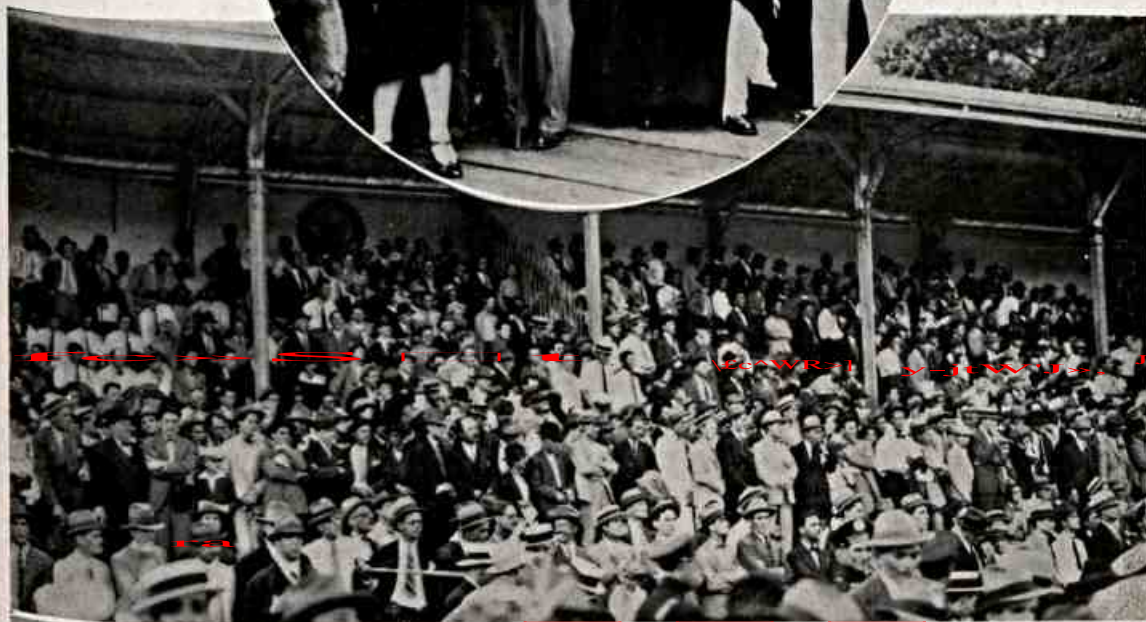



Photo film da Cidade

DECIDIDAMENTE preciso pingar um ponto final nesse meu béguin por Melindrosa. Se faz pena e se é doloroso isso, só eu o sei — eu que me habituei a querer e a admirar em Melindrosa tudo que a vida tem de falso, de artificial, de mentiroso, de futil e de.... of side em materia de amor e seus derivados.

Melindrosa é uma flor de graça e de seducção, mas de uma brejeirice tal que, por tanto se offerecer ou expôr ao cheiro dos que a admiram ou se dizem seus admiradores, já quasi não tem perfume. E' um vidro de extracto fino, lindamente falsificado, a rescender, meio aberto, por essas ruas afóra...

❦

E é pena que assim seja. Inconsciente do que vale como tentação, Melindrosa é uma especie de anjo-bohemio, azougado e inquieto, a passar pela vida incomprehendida, e, ás vezes, mal julgada.

No emtanto, dentro da sua cabecinha de vento ha mais juizo do que se pensa; e, no seu coraçãozinho, tão leviano, muita bondade e muita dedicação. E sua alma, sua pequenina alma feita de cocaina, é como uma pyra a levantar, de constante, para o ar, a espiral da fumaça do sonho que a faz arder.

❦

MAS estou fugindo ao assumbem pouco chinez desta sombra chineza de minha alma. Porque Melindrosa é e será sempre a sombra chineza da alma de alguem. Minha ou de Jacob, ou do primeiro almofada que se lhe depare na rua. A mim, porém, já me vêm custando muita attribulação certas coisas da.... China de Melindrosa. E, por isso, é que estou disposto — desta vez, firme e decididamente disposto — a romper com ella, cortando o mal pela raiz.

Pois não é que já venho sendo conhecido por "coronel" Esaú? Eu, coronel! Eu, um filho da raça de Israel, a gente com menos vocação para "coronel" que já veiu a este mundo!

❦

UM dia destes, suando em bicas, entrei em certa casa da Avenida, onde pedi um refresco. E estava a sorver, gostosamente, a minha limonada refrigeradora, quando alguem me chamou a attenção. Voltei-me, e que vi?

Paulo e João, filhinhos do dr. João Octaviano da Veiga Lima, clinico em Carmo da Cachoeira.

. . .

Melindrosa en tête à tête, com um almofadinha de calças largas, pata de elephante, de bigodinho pretencioso e pernostico!

E discutiam os dois. Afinei os ouvidos e puz-me, attento, a ver se pilhava o que diziam. Exaltaram-se e, oh manes de Israel!, foi quando ouvi o peralvilho dizer a Melindrosa a phrase insultuosa:

— Sim. Não tenho dinheiro, hoje. Estou "prompto", e não posso levar-te ao cinema...

— Sempre te conheci "prompto", e por isso é que vou procurar casar-me. Tu, como homem, não vales nada. Preciso pensar no meu futuro...

— Casar-te? Para que, Melindrosa, se tens o "coronel" Esaú?...

E riu-se o bonifrate. Melindrosa, porém, vibrando de indignação, num gesto de que nunca a julguei capaz, disse-lhe, calma e friamente:

— Escuta, almofada: Esaú não é e nunca foi... coronel, como dizes. E' um homem educado e distincto, um cavalheiro, na extensão da palavra, e a unica pessôa a quem realmente eu poderia amar, a quem eu amaria louca e sinceramente, se me fosse possivel confiar em mim propria... Casada com elle, eu não o enganaria nunca...

— E commigo?

— Comtigo? No mercado do casamento a tua cotação é nenhuma.... Nem eu seria tão louca para chegar a esse extremo...

— E se eu te matasse e a esse Esaú de uma figa?

— Tu, matares-me? Tu matares Esaú, almofadinha? Vê lá se não te conheces!

— Não te zangues, Melindrosa. Estou brincando. Mas, escuta, minha filha: paga esta despeza, pois agora é que noto que o dinheiro que trouxe não chega...

— Sim. Está direito. Pela ultima vez, por que eu tambem não tenho geito para... "coronel"...

❦

E sahiram, sem me vêr... Se Melindrosa tomasse juizo de verdade, quem sabe se não viria a ser madame... Esaú? Não. Nada de confiar. O juizo della é de maré: com alternativas de fluxos e refluxos. E eu não vou nesse jogo. Acabar, sim; afastar-me della, isso é que é o direito, o direito e o certo.

Mas, meu coração, como o turco, está desconfiado, das prestações, a rir, e a dizer-me:

— Jura pr'a mim que não estás me enganando, que vaes, de facto, brigar com ella?

Será que eu acabarei mesmo "pilhado" em flagarante de conjugo vobis, de casamento — quero dizer — com Melindrosa?...

ESAÚ E JACOB

OS directores do Club de São Christovam em companhia de seus collegas do Club Central, após o jantar intimo que estes lhes offereceram na séde do conhecido gremio elegante de Nictheroy.

FILIGRANAS

Os automoveis implicam commigo, si é que não sou quem implica com os automoveis...

Elles têm a mania de parar deante de minha casa, á noite, quando quero dormir e de fonfonar, abrir a descarga e fazer roncar o motor até dizer basta...

Nos domingos, durante o dia, não me deixam cochilar: a mesma barulheira infernal.

E não ha para quem reclamar. O outro dia, falei da janella a um chauffeur, humildemente, pedindo-lhe um pouquinho de silencio. O homenzinho, mostrando-se conhecedor de legislações civilizadas, replicou-me:

— Por que o senhor não vae morar na Suissa?...

O dr. Rudolf Mann e sua exma. esposa, quando desembarcavam, ha dias, nesta capital. O nosso illustre hospede é director da I. G. Farbenindustrie A. G. e personalidade do maior destaque na chimica pharmaceutica allemã.

Sonhos do Haschich

No silencio da noite as luzes da cidades scintillam; dir-se-iam myriades de velas batidas pelo vento.

A grande voz discordante da humana agitação cançou ao galgar a altura, e adormeceu além; ella não mais atordôa nossa alma tranquilla.

Já se apagou ha muito, nas aguas frescas da bahia, a braza rubra do sol estival, e o bafio escaldante da baixada não se mescla ao puro ar que respiramos.

Tudo, daqui, nos parece pequenino e vão; os arranha-céos ousados se assemelham a frageis brinquedos infantis, e o éco da maldade humana se dispersa ao longe, na esbranquiçada nevoa que rasteja sobre a terra.

No alto, o veludo negro do firmamento rasgado de estrellas é repousante e brando para os olhos fatigados de luz e movimento.

O seio profundo e sereno do céu nocturno empolga o pensamento como um grande gesto de amor eternizado.

E pelas curvas voluptuosas das praias a vida ficticia das phalenas electricas palpita e tremula, quaes finos grãos de mica num bloco de granito.

Sobre a toalha, por entre calices esvaziados e pratos renovados, o invisivel ponteiro do tempo faz brilharem e se extinguirem os minutos daquella hora de prazer.

Tu ergues lentamente a taça de vinho purpureo como um beijo de amante, generoso como um sacrificio de amigo, e bebes á nossa amizade, mais doce ainda que o nosso amor...

Em resposta, eu proponho sorvermos a ultima gotta que ficou no fundo claro do crystal pela fidelidade minha ao maior sonho de minha vida.

Talvez não comprehendas, companheiro, que não ha presumpção alguma no exaltado fervor que ponho no meu estranho brinde.

Talvez não reflictas que melhor fôra para mim soffrer uma ingratidão tua, do que descer eu mesma, sacerdotisa descrente e polluida, os degraus de chamma e de neve do templo do nosso amor...

PETITE - SOURCE

REVERBEROS

O paulista, quando se repoltrêa num theatro, geralmente não applaude. Mas tambem não pateia.

Se isso traz aborrecimentos aos grandes artistas dos brilhantes elencos que de vez em quando visitam a Paulicéa, constitue, no revérso da medalha, a bôa sorte desses "teams" de quinta classe que sobem aos palcos, fingindo de companhias theatraes.

Se tal não se désse, pobres dos theatros de São Paulo! Viriam agora abaixo, ao fragor das pateadas.

Nunca se teve, na terra progressista dos arranha-céus, uma temporada theatral como a presente. Os programmas annunciam luxo, espirito, brilho. Os "comperes" das revistas tambem vêm frequentemente ao proscenio, proclamando aquelle luxo, espirito e brilho. Mas o que só se vê é tolice, sal grosso e impuro, pobreza.

Os poucos barracões, que o cinema prospero ainda abandona ao theatro, são todas as noites envolvidos por um gran de bocejo...

Por que o Rio não empresta aos paulistas alguns dos elencos que lhe enchem os theatros?

A Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro, commemorando a data do 49º anniversario de sua fundação, a 7 do corrente, promoveu em sua séde brilhante solennidade, na qual foi empossada a nova directoria, recentemente eleita, da prestigiosa sociedade de classe.

* * *

UMA SAUDADE...

Não tenho mais amôr... Ficou-me, dolorida,
No fundo da retina, uma saudade immensa.
Esquisita, sensual, talvez indefinida,
Saudade que é esperança, amôr, odio, descrença...

Ficou-me, de teu beijo, uma lembrança dôce
— Sorriso de mulher em alma de cypreste...
Talvez uma ironia... assim como se fôsse
Todo o infernal prazer dos beijos que não déste...

Eras um paradoxo... e eu tanto te queria
Para o meu tedio e para a neurasthenia
Que me envelhece e mata e angustia e tortura!...

Ao lembrar-me de ti, eu procuro esquecer
O mal que me fizeste, amiga, sem querer,
Guardando tão sómente a illusão da ventura...

MOACYR DE SÁ.

SECVLO XX...

MENOR ESFORÇO

A lei do menor esforço é uma força tão poderosa, uma lei tão infallivel como todas as outras leis da Natureza, ás quaes muito acertadamente chamamos "leis divinas".

Ninguem poderá fugir d'ella completamente e sómente o poder da educação

Maria Geraldina, ou apenas «Lilita», filhinha do casal Antonio Moura Filho, de Recife.

põe um pequeno limite ao dominio terrivel da dita lei.

Aquelles que, devido á influencia do meio ou desleixo dos paes, desconhecem os preceitos da educação, são inevitavelmente dominados pela lei fatal.

Um sujeito que se ergue de uma cadeira para jogar pela janella, que está distante, a ponta de cigarro ou o palito de phosphoro, é um homem que fugiu á lei do menor esforço por influencia da educação que tem, porque o gesto natural, o gesto indicado pela força natural que nos rége, seria o de deixar cahir esses objectos sem o incommodo de olhar para elles.

Lei, porém, é lei, e essa, embora contrariada pela educação e bons costumes, não deixou de influenciar em nós, nas pessoas que conseguiram, com esforço, libertar-se dos seus mais maleficos effeitos.

Antigamente, no tempo a que chamamos "da cavallaria", os homens, quando cumprimentavam, principalmente a uma dama, retiravam com um gesto largo os seus sombreiros cujas plumas chegavam a tocar o solo. Era um gesto elegante, nobre, bonito.

Hoje, os "Valentinos", ao passar por uma senhora, levam dois dedos á aba do chapéo, que não é retirado da cabeça.

E' a lei do menor esforço trabalhando na demolição da polidez e do cavalheirismo.

Onde, porém, a influencia de semelhante lei produziu effeito contrario, foi no uso das iniciaes applicadas como abreviaturas.

Verdadeiras charadas para os não iniciados, passam a ser para estes a lei do maior esforço e, ás vezes, cousa peor: a lei da confusão.

Por exemplo:

Li uma vez a noticia da reunião da directoria do A. C. B. e julguei que se tratasse do Aero Club do Brasil. Enganei-me, pois quem se reunia era o Automovel Club do Brasil.

C. M. tanto poderá ser Casa da Moeda, Conselho Municipal, Centro Mineiro, como Club Militar, Collegio Militar.

C. D. poderá ser Corpo Diplomatico, Camara dos Deputados, Casa de Detenção, Club dos Democraticos, etc.

S. F. tanto se presta a indicar Senado Federal ou Serviço Funerario e P. M. indica ao mesmo tempo Prefeitura Municipal, Proprio Municipal, Patrimonio Municipal, Posto Meteorologico, Policia Militar.

C. C. poderá indicar Caixa de Conversão, Colonia Correccional, Casa de Correcção e I. N. serve para duas repartições da mesma especie, a Imprensa Naval e a Imprensa Nacional.

A. M. será Arsenal de Marinha ou Assistencia Municipal e T. N. será Thesouro Nacional ou Theatro Nacional.

Quando lêrmos que ha alguma novidade exposta no M. N. ficaremos sem saber se é no Museu Naval ou no Museu Nacional.

A. P. indica Assistencia Publica, Assistencia Policial e Archivo Publico.

Além dessa atrapalhação toda, ha a interpretação humoristica feita pela irreverente veia comica do nosso povo, acostumado, como elle é, a não levar nada a sério.

Antigamente os serviços de hygiene tinham as iniciaes D. G. S. P. (Directoria Geral de Saude Publica) que o povo dizia ser "dinheiro gasto sem proveito."

Talvez devido a essa interpretação humoristico-satyrica, foi o nome mudado para Departamento Nacional de Saude Publica, cujas iniciaes serviram logo á confecção da phrase "domingo não sae pão".

No Exercito, o uso das abreviaturas obriga a quem necessitar envolver-se em negocios de guerra, estudar um numero enorme de iniciaes que designam os multiplos serviços, unidades de tropa, etc.

Até mesmo os postos já são usados em abreviaturas, acompanhando a instrucção franceza.

O soldado francez chega ao cumulo de não pronunciar nunca o nome dos postos dos officiaes que, para elles, são, "lieu" (lieutenant), "cap" (capitaine), "maj." (major), "colo" (colonel) e "gene" (general).

Como ao posto de "cabo" se chama no exercito francez "caporal", os "poilus" para não confundir "capitaine" e "caporal", chamam a este "capo".

Se as pessoas de um certo cultivo intellectual se vêem atrapalhadas com essa alluvião de iniciaes, o que acontecerá com aquellas que têm a infelicidade de possuir instrucção rudimentar e cerebro pouco desenvolvido!

Essas, depois de appellar em vão para a lei do maximo esforço, terão que abrir mão da decifração e ficarão sem saber do que se trata.

Bom será, porém, que não consigam decifrar e obter uma decifração errada que as leve a um prejuizo.

Uma vez, viajava eu em um bonde, quando um automovel official, conduzindo tres meninos de collegio, abalroou com o vehiculo da Light, quebrando-lhe o estribo e balaustres.

Depois da natural atrapalhação dos primeiros minutos, ficou provada e testemunhada a culpa e impericia do conductor do auto.

No momento de o bonde retomar a marcha, o motorneiro inquiriu do conductor:

— O' Joaquim, tomaste o numaro do carro?

— Elle é do guberno, mas eu tomei-lhe o numaro...

— Qual é elle?

— E' M. G. 24 —

Darcy, filho do sr. Joaquim de Castro e de dona Rachel Prior de Castro.

— Que quer dizer isso?

— Tu és burro, Manoel! Não sabes que um "mê" e um "gê" é Ministerio da Gricultura?...

ASTAROTH.

A EXPOSIÇÃO DOS NOVOS CHEVROLETS

Com a inauguração da exposição dos novos Chevrolets e a julgar pela intensa curiosidade despertada pelas noticias a respeito, grande tem sido a curiosidade do publico, e com o fim de obter informes mais completos sobre os detalhes dos populares automoveis, colhemos os informes que damos abaixo, para que os leitores possam ter uma idéa sobre elles.

O caracteristico do novo Chevrolet em que mais se tem falado e é o mais proprio para justificar o interesse que ha em torno delle é o numero de cylindros, agora augmentado para 6. Aliás, comprehende-se facilmente o motivo desse interesse e dessa modificação: os motores de 6 cylindros têm todas as vantagens sobre os de 4. Entre outras, a sua menor vibração, o que, naturalmente, proporciona maior conforto aos passageiros. Sabe-se tambem que os motores de 6 cylindros são mais silenciosos e "puxam" mais.

Quanto aos outros detalhes, desde algum tempo estavamos informados de que, embora o Chevrolet de 6 cylindros inicie realmente uma nova phase no progresso do vehiculo motor de preço modico, os seus orgãos não tinham sido sensivelmente modificados, sendo de construcção normal, não apresentando nenhuma innovação radical. E' o que ainda hontem nos informaram, no local onde se realiza a exposição. O que se fez foi reforçar certos pontos do carro, para conformal-o com a maior potencia do motor. Por outro lado, o chassis dos antigos modelos de 4 cylindros e o deste de 6 são perfeitamente iguaes.

NOVOS DETALHES — ALGUNS CARACTERISTICOS

Mas, nos novos modelos ha numerosos detalhes novos. Os fechados de cinco passageiros têm agora assentos deanteiros regulaveis. A regulamentação da direcção do facho da luz forte dos pharóes se faz mediante um interruptor accionado pelo pé do motorista.

Dentre os caracteristicos mecanicos podem se citar uma bomba de gazolina AC, que trabalha em conjuncto com um filtro, uma bomba auxiliar de acceleração e filtro de ar AC. A haste da columna da direcção é macissa, para maior firmeza e resistencia. A tampa da coberta do eixo trazeiro tem, na parte interna, um deflector de oleo, para facilitar e tornar mais perfeita a lubrificação do differencial.

As novidades no estylo se reflectem especialmente na nova disposição das molduras e no aspecto da parte deanteira do vehiculo. O cofre do motor é chato, muito elegante. Pertence ao chamado typo Hispano.

A distancia entre os eixos e as dimensões do chassis não foram alteradas, mas notamos, apezar disso, porque a carrosseria é mais larga e comprida, que os assentos são um pouco mais amplos e bem mais commodos.

O motor do Chevrolet de 6 cylindros desenvolve 46 cavallos, com 2.600 rotações por minuto e como tem uma cylindrada de 194 pollegadas cubicas, isto é, um pouco mais de 3 litros e com um diametro de 3 pollegadas e 5|15 e um curso de pistão de 3 pollegadas e 3|4, sabe-se que goza de um particular poder de acceleração e de vibração minima durante a marcha. Tem tambem velocidade maior.

A lubrificação do motor é feita por um systema mixto ou de combinação, de immersão ou salpicadura e de gravidade ou differença de nivel, auxiliada por bomba.

O systema de freios nas quatro rodas é o mesmo que se usava nos modelos de 4 cylindros, havendo apenas modificação nas dimensões, o que os torna ainda mais efficientes e seguros. As rodas de disco fazem parte do equipamento normal dos modelos fechados, assim como os pneus-balão. Os modelos abertos têm rodas de madeira, e, finalmente, os aros dos pharoes deanteiros, como a moldura do radiador, são chromeados, identico ao nickel na apparencia, mas tendo um brilho muito vivo e que quasi podemos chamar indelevel. Tambem são mais duraveis.

UMA NOTICIA

De JUAN JOSÉ DE SOIZA REILLY

ELLA. E junto della, eu. O pateo estava alegre porque estavamos sós... Emquanto Sára lia as noticias do jornal, eu, sem olhal-a, e para torcer o rumo de minhas proprias idéas, observava o vôo das moscas. Subito a olhei... E vi que então seus lindos olhos claros, tão azues, tão bellos e tão maus!..., irradiavam um gracioso furor de bonequinha loira. Suas mãos amarrotaram o jornal e o atiraram longe.

— Que bôbo! — exclamou.

Tremi. Suppuz que houvesse ouvido o que eu, interiormente, me dizia acerca de seu inconquistavel coração. E tive medo.

— Que bôbo! — repetiu ella, sem ver que eu a contemplava.

— Quem?

— Esse jornal... Não traz nenhuma noticia policial de interesse. Nenhum crime selvagem. Nenhum suicidio que chame a attenção. Nada!... Puras bobagens...

— E' possivel? Não póde ser...

* * *

A misericordia que sinto pelos jornaes, por essas grandes cartas que encerram tanta dôr e tanto soffrimento, por essas folhas pallidas inundadas de formigas e onde cada gotta de tinta equivale, muitas vezes, a uma gotta de pranto; essa misericordia lástima que me inspiram os jornaes, me fez recolher o que acabavam de amarrotar as mãos brancas, as mãos adoraveis... E, no silencio, *procurei* nelle as noticias policiaes. Depois, disse:

* * *

— Já que, para satisfazer aos teus nervos, necessitas conhecer successos crueis, selvagens, horriveis, não esperes que os jornaes te dêem noticias bem completas, com detalhes explicitos dos roubos, dos suicidios, dos assassinios. Terás que soffrer mil decepções. E, além disso, para que? Não tens imaginação. Aquelles que possuem, como nós, uma electrica mala de diabolicos nervos, sedentos de emoções, é facil encontrar o que procuram, desde que os ajude o vôo da mente... Olha: nesta pequena noticia que ha aqui, e que tu *despresaste*, temos o exemplo. O tragico nem sempre está no grande, nem no ruidoso, nem no sangrento. A's vezes costuma estar no insignificante... Em cada linha da *chronica* policial existe um drama. Apenas é preciso adivinhal-o. E sentil-o... Escuta o que diz esta noticia:

"Em um banco do Passeio Publico, foi encontrado hontem, por um agente de policia, o cadaver de um desconhecido, de cerca de vinte e cinco annos de edade. Vestia correctamente. A autopsia praticada no necroterio do Instituto Medico Legal demonstrou que o extincto falleceu da ruptura de uma aneurisma."

* * *

— Nada mais. Ahi tens!... Dirás que é uma noticia vulgarissima, que tão depressa se lê como se esquece. Perfeitamente. E' uma noticia escripta á ultima hora pelo *pinche* policial e transmittida da delegacia por um indifferente meritorio... Sim. Bem... Mas pensas assim porque não sabes nada mais que o que o "suelto" diz. Precisarias, porém, perguntar a esse cadaver a causa de seu fim. Precisarias inquirir quem é esse desconhecido de vinte e cinco annos que apparece morto em um banco de jardim, e que depois é trasladado para o necroterio, onde os medicos e os praticantes affirmam que expirou victima de um estalido de seu coração. Precisarias averiguar quem era esse morto anonymo, si tinha mãe, si tinha noiva, que fez quando viveu e por que o coração tão vulgarmente se lhe quebrou em pedaços.

"Eu penso que esse infeliz moço era um homem de genio. Um homem muito joven, mas de alma muito velha. Penso que era um solitario, desses que, como eu, alcançam o que não desejam e que fracassam no caminho do que aspiram. Um desses homens que quando foram meninos soffreram os ardores da fome e o odio do despreso. Desses que nunca riem. Desses meninos grandes a quem ninguem vê chorar, mas que, no emtanto, parece que sempre estão chorando... Eu o imagino em sua infancia. Só. Muito sozinho. Recebendo pancadas, e muito triste por não poder quebrar nenhum brinquedo, porque talvez nunca teve nenhum... Imagino-o, depois, maiorzinho, procurando em toda parte um logar para seu estomago. Depois o vejo mettido em uma lamentavel habitação. Sempre só, muito sozinho, com a cabeça entre as mãos e os olhos lendo. Com demencias de altura, com febre de subir, com loucos anseios de conquistar glorias para sua noiva e pão para sua mãe... E contemplo-o, ainda muito só, lutando, pelejando, soffrendo, com o coração mordido já pela dôr tremenda que nunca finaliza. E, por fim, o vejo chegar fraco, esquálido, sem esperanças, sem vigor, sem animo, como um agonizante que não póde morrer; como um allucinado que nem siquer tem a fortuna de perder a razão. Vejo-o avançar só, muito sozinho, e passo a passo, em uma noite cálida, ante uma luta ironica, para os jardins do Passeio Publico. E vejo como, cheio de uma desesperança formidavel e sob um espantoso desmoronamento de desejos, se deixa cahir em um banco, cansado, como se cansa um elephante. E vejo que cáe ferido. Ferido pela pujança de sua cega ambição. Ferido pela febre de sua propria fé. Ferido pelo fogo de seu barbaro amor... E vejo-o cahir sobre o banco tranquillamente, inevitavelmente, emquanto seu coração, como um velho cavallo que já correu muito, cáe, tambem exhausto. Depois...

* * *

(Depois Sára adormeceu em meus braços).

* * *

Nota: — Fui ao necroterio para ver o cadaver do homem anonymo. Estava na amphitheatro, juntamente com tres mortos mais. Não pude reconhecel-o. Varios estudantes, afim de realizar estudos praticos sobre a pathologia do coração, tinham-lhe arrancado, com suas crueis navalhas, toda a pelle que lhe cobria a cara. Fizeram bem, divertindo-se assim!... Creio que hoje, para averiguar o que um homem tem dentro do coração, é necessario evitar primeiro que se ruborize...

M. C.

O GRANDE INVENTO

De Albert Jean

O professor Laudal mostrou a machina, isolada por uma placa, e declarou, com voz prophetica:

— Eis aqui, senhores, o apparelho que Edison procurou em vão preparar e que foi o primeiro a inventar.

Os jornalistas se aproximaram da mesa, contemplando a complicada trama dos fios electricos e o altofalante.

— A primeira experiencia deste apparelho — continuou o professor Laudal — é só questão de semanas. E espero poder convocar-vos dentro de pouco tempo para que ouçaes as vozes de além-tumulo, cujas vibrações já posso perceber.

— Em summa, querido mestre, estamos deante de um verdadeiro telephone ligado para outro mundo — não é verdade? — perguntou o redactor-chefe do *Universal*.

— Exactamente.

— A voz dos mortos! — murmurou um dos presentes.

— E' isso mesmo — proseguiu Laudal. — E provarei por esse meio ante os mais incredulos que existe a outra vida.

— Mas, que vozes virão animar o apparelho? Poderemos, a nossa vontade, evocar o espirito dos seres que nos foram queridos durante seu passado pela terra? As vozes responderão as nossas perguntas? Poderemos suscitar as confidencias e conselhos dos invisiveis?

— Oh!... Exigis muito! — protestou Laudal. — Sabeis tão bem quanto eu que os espiritos errantes são caprichosos. Meu papel limita-se a dar-lhes uma occasião de manifestar sua presença e sua vitalidade. Só posso assegurar uma cousa: obterei grandes resultados; mas quaes, o ignoro tanto quanto vós.

Quando os jornalistas sahiram do laboratorio, Marcos Richardais perguntou:

— Quando estará terminado o apparelho, mestre?

O professor olhou fielmente seu discipulo, e sentiu-se cheio de vergonha ante a fé ardente que illuminava os olhos do joven.

— Dentro em breve — assegurou, fazendo um gesto vago.

Uma vez que sahiu Richardais, Laudal deu alguns passos pelo laboratorio, e se deteve deante do apparelho.

— Decididamente — murmurou — a tolice humana é insondavel.

Naquelle momento o assaltava um vago remorso. Aquella intrujice de que se ia fazer culpado ante uns pobres homens avidos de illusões pareceu-lhe, de repente, intoleravel.

E esteve quasi destroçando o apparelho embusteiro sobre as lousas de marmore do laboratorio.

Mas sua vontade deteve o gesto já iniciado.

— A' altura a que chegámos, seria uma loucura — murmurou.

Melhor que ninguem, o professor Laudal sabia que os mysterios da vida e da morte sobrepassam ao commum entendimento dos homens.

O apparelho que inventára para entrar em communicação com o infinito era simplesmente uma habil applicação da radiotelephonia disfarçada sob uma habil *mise-en-scéne*.

— Esse pobre Richardais — pensou — crê a pés firmes na realidade de minha invenção. Ha momento em que tenho desejos de gritar-lhe: "Tudo isto é um *bluff*!... Não me olhes com esses olhos de extasis, pobre imbecil!... Sou um homem como os outros, e que especula sobre a credulidade de seus concidadãos..." Mas, não. Elle não me comprehenderia. Julgaria que o enganava, ou, então, me denunciaria... E agora que tenho minha fortuna assegurada, seria uma quéda irremediavel.

Na manhã seguinte, Marcos, com o rosto animado pela febre e com gestos nervosos, que provavam a excitação que o dominava, chegou ao laboratorio e perguntou a Laudal:

— Leu os jornaes?

— Alguns — respondeu o professor.

— *O Universal?*

— Não.

— Ah!... O scepticismo dos jornalistas é uma cousa abominavel — continuou Richardais. — Em signal de agradecimento pela bôa acolhida que tiveram no laboratorio, desnaturalizam suas confidencias e falam ligeiramente de um invento que deve revolucionar o mundo.

— Tranquillize-se, meu filho — aconselhou Laudal. — Nem todas as pessoas têm seu enthusiasmo. Mostre-me o artigo.

A mão de Marcos tremeu ao entregar o jornal.

— Leia, mestre. Está na primeira pagina.

O redactor do *Universal* descrevia com grande brilho de detalhes sua visita ao laboratorio Laudal, falando com fingido respeito das investigações do sabio. Mas a ironia resaltava claramente no final do artigo:

"O professor Laudal não nos occultou que está mais á disposição dos espiritos que estes á sua. E' de receiar, pois, que o apparelho só nos ponha em relação com esses personagens subalternos do outro mundo, que se manifestam commummente por meio dos veladores."

— Mentem!... Mentem!... — exclamou Marcos. — Si os espiritos subalternos se manifestaram até hoje de preferencia, é porque os meios de expressões eram muito rudimentares para tentar a espiritos superiores. Agora, com este apparelho, tudo vae mudar. O que importa é que os espiritos que se acham nas mais altas espheras tenham conhecimento de sua descoberta e saibam as facilidades que vão ter para manifestar-se aos vivos.

Chegou o dia da experiencia publica. Laudal se havia assegurado a exclusividade de uma estação transmissora, cujas ondas se adaptavam estrictamente ás necessidades do apparelho.

O professor e seu discipulo deviam receber os mais celebres espiritistas e os representantes das mais sérias sociedades scientificas.

Laudal disséra a Marcos que estivesse ás oito horas em seu laboratorio. Pouco antes, bateram á porta, e o criado entregou ao professor uma carta em cujo endereço reconheceu, com assombro, a letra de seu discipulo.

Rasgou o envelloppe e leu, espantado, as seguintes linhas:

"Meu querido mestre: Sempre disse você que a intervenção de um espirito razoavel é absolutamente necessaria para que a experiencia seja concludente. Vou matar-me, e meu espirito será o que dentro em pouco, virá animar o genial apparelho que você inventou."

O simulador correu ao laboratorio. Lá estava o apparelho sobre sua placa isoladora.

— Marcos!... Marcos!... Meu filho! — gritou Laudal, que, por sua mentira, havia causado a morte de um homem.

E, quando entraram no laboratorio, os convidados do professor Laudal encontraram ali um pobre louco que chorava e gemia junto aos restos do apparelho destroçado.

M. C.

Varinha de Condão

A ARTE DAS CORTINAS

TODOS sabem o quanto de graça dão as cortinas a uma sala. Porém, não basta mandar fazer ou fazer cortinas para sua casa. E' preciso saber que genero de cortinas, de que fazenda e côr é conveniente para cada vão de janella.

A fazenda depende do aspecto da casa e da mobilia (figs. 1 e 2). Para um "bungalow" de paredes pintadas a gesso e colla, com uma pequena sala mobiliada em estylo de "fumoir", as cortinas desta não deverão ser de brocado ou veludo, como si fossem de um salão nobre, porém de "reps" ou de chitão. Este tambem é aconselhavel para as salas de jantar; e para os quartos, principalmente si de mocinha, melhor ficam as cassas leves e risonhas.

FIG. 1

A côr deve condizer, não só com o tom do aposento, como tambem com o aspecto da mobilia. Um gabinete guarnecido de "boiseries", mobiliado severamente, exige cortinas de côr sobria e escura. Já um quarto de cama de laqué branco ou de peroba, pede cortinas de matizes claros e vivos, e stores de renda.

FIG 2

A côr da parede tambem importa muito na escolha definitiva do tom da cortina. Seria absurdo pôr cortinas verdes num aposento tinto de azul... porém si o quarto fôr, por exemplo, côr de oiro pallido com barra azul, não ficam mal cortinas azues nas portas e janellas.

FIG. 3

Maneira correcta de pôr cortinas em janellas muito altas.

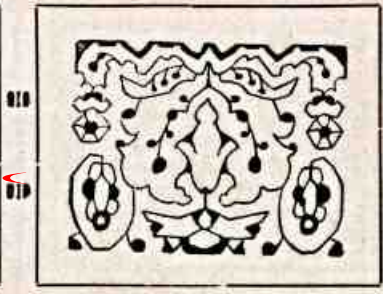
Maneira errada.

Quanto ao feitio das sanefas e disposição das cortinas, devem attender ao tamanho e altura das portas e tambem á altura do tecto.

Quando o pavimento é baixo e as janellas são relativamente altas, deve-se escolher um modelo de cortina com sanefas que diminua apparentemente a altura das janellas (fig. 3).

Si, ao contrario, o aposento é alto e as janellas e portas são largas e baixas, é preferivel não pôr sa-

FIG. 10 FIG. 11

— DE — CINDERELLA

nefas, que as fariam parecer mais chatas ainda, escolhendo um typo de cortinas simples, cahindo apenas de umas argolas corrediças enfiadas num varão de metal ou de madeira (fig. 4). Tambem se póde augmentar visualmente a altura das portas e janellas

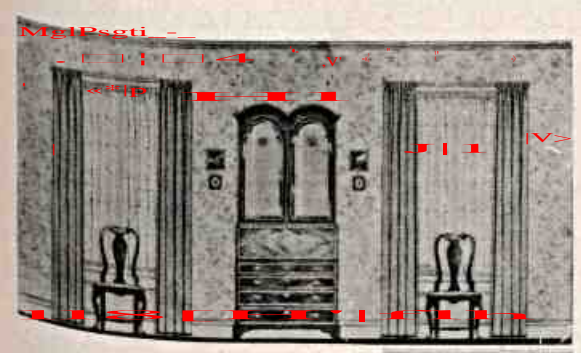



FIG. 4

Maneira certa de pôr cortinas em janellas baixas.

Maneira errada.

collocando as sanefas acima do limite das mesmas (figs. 5 e 6).

Emfim, para as janellas largas e envidraçadas, tão usadas hoje em dia, é mistér escolher um arranjo de cortinas gracioso que as enfeite sem que pareçam pesadas (figs. 7 e 8).

JARDINEIRA... COM AMOR

QUEM não conhece o magnifico poema do escriptor hindú Rabindranath Tagore, "O Jardineiro do amor"? Foi pensando nelle que escrevemos o titulo deste pequeno trecho da nossa conversa fiada com as graciosas leitoras do FON-FON.

Talvez algumas de nossas amiguinhas queiram ser "jardineiras do amor"..., porém outras prefiram simplesmente ser jardineiras... com amor.

Eis porque vamos recommendar a estas ultimas, as gentis amadoras da jardinagem, que nem por isso se esqueçam de que são mulheres. Junto com a pázinha, o regador de boneca, a foice minuscula, e a tesoura de Lilliputh, não esqueçam de levar tambem para as alamedas e canteiros do jardim o mais terrivel e affiado dos seus instrumentos: a faceirice.

Mesmo nessa occupação singela e caseira, ponham um grãozinho de "coquetterie" e fantasia. Façam uma graciosa "toilette" de jardineira, com um chapelão de palha e chitão (fig. 9) que as proteja contra os beijos demasiadamente apaixonados do nosso sol, um aventalzinho (fig. 10) que lhes defenda os vestidos finos contra a humidade da terra e as caricias... dos espinhos.

Si quizerem, poderão fazer uma almofada (fig. 11) para se ajoelharem ou sentarem sobre a relva, tendo do outro lado um grande bolso para guardar os instrumentos de que precisam, e tambem uma especie de cestinha ou sacco (fig. 12) da mesma fazenda do avental, que, pendurado no braço ou a tiracollo no hombro servirá quando forem colher flores para a gloria e a magua de brilharem e fenecerem nos salões, entre musicas, perfumes e mulheres bonitas...

FIG. 9

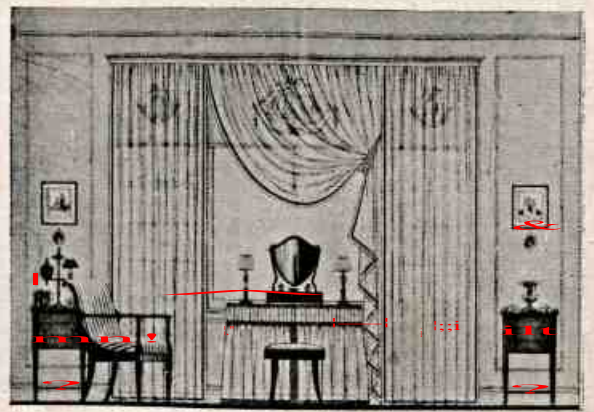



FIG. 7

FIG. 5

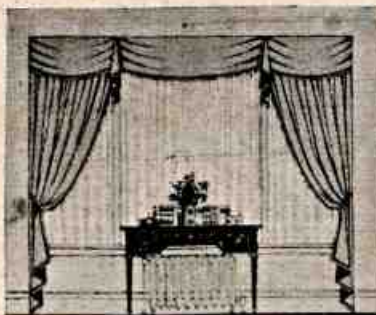



FIG. 8

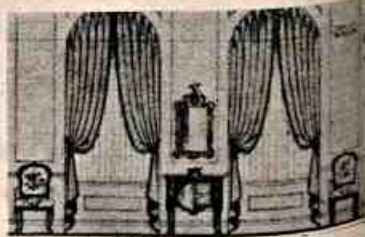



FIG. 6

JANTARES "CHICS"

CADA tempo com seu uso, lá diz o dictado. Até hoje, liamos sempre nos livros de civilidade que, num jantar, a conversa se devia manter animada, sim, porém com discreta vivacidade e muita cortezia. Aconselha a baroneza de Staffe, o arbitro da delicadeza parisiense, a evitarem os convivas os assumptos perigosos, como, por exemplo, a politica, "fonte, diz ella, de desinteresse para as mulheres e de má digestão para os homens".

Ora, ha dias, vimos numa revista franceza, sob o titulo de "Jantares na cidade", a affirmativa contraria. Dizia, mais ou menos, o tal artigo, que emquanto a palestra em torno de uma mesa se mantem apenas sobre o tempo, ou o ultimo acontecimento mundial, o jantar carece de animação, os convidados se aborrecem. E' preciso, proseguia, que se ponham em jogo as paixões e os interesses, que se fale em politica ou em algum thema palpitante de moral... Então, os olhos scintillam, os gestos se animam, e aquelle que convida os demais, póde dizer que seu jantar foi "reussi".

E' verdade que hoje em dia as mulheres entendem de politica, viraram "gente" tambem, e já não são apenas "bonecas", mau grado o nosso companheiro redactor do "Bazar de Bonecas"... Ellas actualmente concorrem, bem ou mal, para os "destinos do paiz", já não sómente ás occultas, com seus encantos, porém á luz do dia, com sua intelligencia. São eleitoras, são advogadas, banqueiras...

E, quanto aos homens, ou bem que a politica já não lhes perturba a digestão, por descrerem della, ou bem que seus estomagos, pelo "training" forçado da vida moderna, estão á prova disso... e de muito mais.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

AGUAS TRAIÇOEIRAS

ERA noite e a chuva caía pesadamente sobre a choupana, que muito mal resguardava aquelles tres entes infelizes.

O pae, que era Victorino, a filhinha e a mãe constituiam o lar. Esta, num catre immundo, deixava repousar o corpo esqueletico, velado por uns esqualidos trapos de panno.

A pobre agonizava. Estava como que immersa em chammas. A febre queimava-lhe o corpo.

Luizinha, rebento santo daquelles dois sêres, dormia a somno solto, emquanto Victorino pensava em ir á botica.

Era quasi impossivel.

O rio, pouco além do terreiro, rugia como um leão enraivecido.

Os relampagos cortavam o espaço como golpes de laminas de fogo.

Mas a necessidade imperiosa o arrastava para a jornada difficil.

Levantou-se da rêde, vestiu-se, poz sobre a cabeça o chapéo de abas caidas e saiu.

Cada gotta d'agua parecia um latego a vergastar-lhe o dorso.

Aos poucos se ia aproximando do "Catingueira", que numa zoada infernal parecia arrancar as arvores e cavar o chão, como numa loucura.

Pisava só sobre lama. Quando a agua lhe attingiu os joelhos, parou e deixou que um relampago abrisse.

Transportou então o seu pensamento para o lar de que era senhor. Viu, com os olhos d'alma, a esposa a gemer, ralada de atrozes dôres, que eram, para elle, o prenuncio de sua breve entrada na eternidade. Depois sua imaginação adejou sobre a filhinha, aquelle anjo puro, gotta de alegria no oceano de tristeza de sua alma.

Subito, uma electrica faixa luminosa rasgou o manto tenebroso da noite, deixando-lhe vêr o lençol d'agua que se estendia em sua frente. Certificára-se de que era o rio.

Arrancou a blusa azul, collocou-a sob o chapéo, amarrando-o com um cordão, que lhe passava por baixo dos queixos, e entrou corajosamente. Quando a areia lhe fugiu dos pés, fez dos fortes braços dois formidaveis remos.

Mas a correnteza era impetuosa e o arrastava incessantemente, arremessando-o ora sobre uma enorme pedra, ora sobre um balseiro. E assim foi aos poucos perdendo as forças até morrer.

Desceu boiando rio abaixo, talvez em procura do oceano immenso, que lhe abriria plenamente o seio, esmeraldina tumba dos naufragos.

. . . .

E lá na tetrica cabana, mal illuminada pela luz de uma lamparina, expirava aquella desventurada mãe, emquanto Luizinha, innocente de sua orphandade, sonhava brincando com os anjos seus irmãos, no recinto doirado do Paraiso.

ANTONIO MARROCOS
(Helianthol)

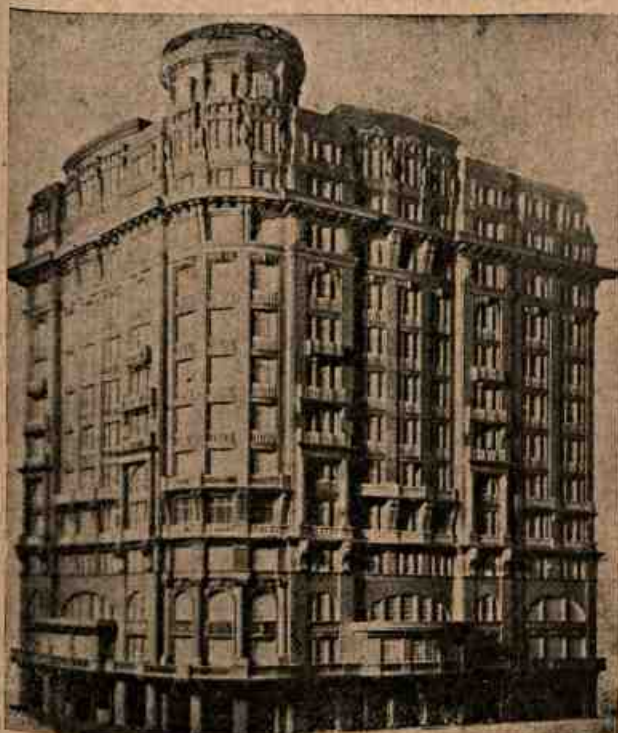
Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

BRAZA DORMIDA

DA PHOEBUS-FILM

Cinema PATHE'-PALACE — Deante d'este trabalho nacional não ha que lançar mão de exigencias de critica, pois que não as comporta. O nosso dever consiste apenas em destacar o que de bom alli deparamos, encorajando os que, com sacrificio, se abalançaram a um emprehendimento tão patriotico. Para honra dos productores e dos artistas, digamos antes de mais que o publico recebeu com respeito e attenção o trabalho da Phœbus, o que é já bastante honroso. Temos visto passar na téla alguns films nacionaes que o publico — um publico sempre disposto á chacóta e a deprimir o que não vem d'outras terras — recebe sempre com môfa, por vezes irritante. Com *Braza Dormida* tal não aconteceu, e, isso é já alguma cousa e justifica a nossa repetida solicitação para que appareçam os films nacionaes amiudadas vezes nas télas cariocas. E' *Braza Dormida* um trabalho perfeito? Não. Mas não precisamos apontar-lhe aqui os senões. Os mesmos realizadores serão os primeiros a notal-os e a corrigil-os em futuras producções. Em todo o caso, por um sentimento que não traz nem sombras de censura, achamos que ha grande necessidade de evitar filmagens em interiores com luz natural. O publico que não sabe d'esses segredos, nem elles lhe importam, sente-se mal em frente d'essa photographia semi-velada, em que objectos e figuras se esbatem n'essa mesma luz com mani-

GRANDES E PEQUENOS ESCRIPTORIOS

De 350$ a 1:200$000

Alugam-se, no novo e grande edificio do cinema ODEON servido por 4 elevadores, salas pequenas e grandes, proprias para profissionaes (medicos, advogados, dentistas, etc.) e para GRANDES COMPANHIAS adaptando-se como for necessario. Todas as salas com agua corrente e quarto de banho completo. Não se alugam salas e nem quartos para morada.

Entrada pelos elevadores da rua do Passeio e da travessa da Sorveteria Americana.

INFORMAÇÕES COM OS MOTORISTAS DOS ELEVADORES

PLACE DE L'OPERA

DEAUVILLE PARIS NICE

LONDON CANNES

ROUPA DE MESA E DE CAMA

ROUPA BRANCA

DESHABILLÉS

ARTIGOS DE MALHA

ENXOVAES

La Grande Maison de Blanc não tem succursal na America

NOS CINEMAS DA AVENIDA —— **(Conclusão)**

festo prejuizo. O film nacional não precisa de *abusar* do inteiror, pois que a natureza brasileira é o seu melhor cooperador.

Da interpretação não queremos distinguir ninguem, pois todos se esforçaram por produzir, sob as indicações do seu director, o melhor que puderam. Devemos, porém, não deixar de falar, não tanto do seu trabalho n'esta pellicula, mas principalmente das bellas qualidades que possue para a arte que abraçou, de Nita Ney, sempre á vontade deante da *camera*, com uma photogenia impressiva, com uma maleabilidade de mascara, com uma *allure*, que se houvesse uma industria cinematographica desenvolvida n'este paiz, lhe garantiriam um logar de destaque. E', na realidade, uma bôa artista. Não lhe chamemos *estrella*, nem outra qualquer bobagem de importação. E' uma artista, e isto basta para dizer do seu valor.

Não vamos, excepcionalmente, dar cotação a esta pellicula. Para nós, ella foi *bôa*, pelo que ella vale em si e dentro do meio em que se organizou. Comparal-a com o que nos manda uma industria farta de recursos, seria falta de senso. Estar aqui a tomar attitudes pedantes, dizendo o que se devia *fazer* por *isto* e por *aquillo*, é uma attitude que nos não serve por demasiadamente estulta. Fiquemos por aqui, com os sinceros parabens da *SELECTA* ao director e aos interpretes da *Braza Dormida*.

LEVA-ME P'RA CASA

DA PARAMOUNT

Cinema IMPERIO — Se dissessemos que este film nos aborreceu, mentiriamos. Se affirmassemos que tinhamos vindo de lá muito contentes, não seria a mentira menor. As primeiras tres partes são tremendamente maçadoras, repisantes dos mesmos motivos, das mesmas *ficelles*, lentas de fazer somno. Da quarta parte em diante, sobretudo quando a acção começa a desenrolar-se entre os scenarios do palco do theatro de revista, o interesse sóbe um pouco, se bem que se não possa dizer que seja d'uma originalidade phantastica, exceptuando a parte propriamente technica do trabalho. Bebe Daniels tem duas ou tres situações que ella vive com alma e que traduz no que sente com muita verdade. E é só. Neil Hamilton esteve muito longe do que deveria ser. E' frio de mais nas suas manifestações artisticas. A scena em casa da *estrella* da revista é uma prova. A direcção, excellente.

Cotação — SOFFRIVEL

ENTRE O PECCADO E O AMOR

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — Melhor seria chamar a esta pellicula "A lua de mel do sr. Menjou", visto o argumento decorrer á margem do seu caso pessoal de amor. Quiz tambem n'este pellicula photographar um pedaço de boulevard e da sua vida, creando um typo de *marcheur*, conquistador banal de *avant la guerre*. N'este ponto o trabalho, se bem que um pouco exaggerado, tem espirito, interesse e vida. Marque-se como nota de bom humor a *trouvaille* final do "Hotel de deux colombiers". Comparando, porém, os valores dos interpretes com o merito do argumento, temos de concluir que elle não está á altura de Menjou, que, demais a mais, teve um trabalho technico sobre a sua mascara que muito o prejudicou. Como nota interessante, enormemente para o bello sexo, as alegantissimas *toiletes* de Margaret Levingston e de madame Menjou, que são na realidade de muito bom gosto e elegancia, caracteristico que aliás marca todo o film, mas que não é bastante para lhe dar valor.

Cotação — SOFFRIVEL

SENHORITA MINHA MULHER

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE' — A velha comedia — velha embora seja de hontem — de Gavault poderia realmente dar um film admiravel, se lhe emprestassem um pouco de vivacidade americana, sem quebrar o colorido tão francez com que nos apparece no original do escriptor da *Menina do Chocolate*. André Roanne foi de todos os interpretes o que esteve mais dentro da psychologia do personagem. A direcção é bôa, mas a technica é pobre. Podia fazer-se muito mais.

Cotação — SOFFRIVEL

BANHOS DE MAR

Costumes completos, americanos, para todas as edades e ambos os sexos, camisas, calções, Sapatos, salva-vidas e toucas.

CASA SPORTMAN

A MELHOR CASA DE ARTIGOS PARA SPORTS

RAUL CAMPOS

Remettem-se Catalogos.

25, Rua dos Ourives, 27 — Rio de Janeiro

Adelgaçar

é um gôsto com as

"Pilules Galton"

Um "Emmagrecedor" perfeito hoje em dia está ao seu alcance. A sua acção melhora a digestão sem perjudicar a saúde. Chama-se : "Pilules Galton".

Papada, bochecha, quadris, barriga, mingoam bem depressa. Rejuvenesce o organismo.

A Sra C., de Perpinhão, escreveu-nos: « *Com um só frasco de "Pilules Galton" perdi nove centimetros de cintura; além d'isso, minha barriga, que era enorme, diminuiu como por encanto.* »

O Snr. E. B., de Montbard :

« *Tenho emmagrecido tres kilos dentro de 17 dias com as "Pilules Galton". Depois tenho obtido resultados muito notaveis, sem abandonar o meu trabalho e sem ser incommodado de fôrma alguma.* »

Assim, pois, quem quizer emmagrecer não deve hesitar : ha de tomar **"Pilules Galton"**; o uso de um frasco bastará para convencêl-o do resultado deveras assombroso (Composição exclusivamente vegetal)

Appr. D.N.S.P. em 26-6-1917 sob o Nº 88

J. RATIÉ, Phᶜⁿ, 45, Rue de l'Echiquier, Paris-Xᵉ

A' venda em todas as pharmacias e drogarias.

O que nem todos sabem

As moças casadoiras de uma tribu do sul da Africa, ao chegar a primavera, reunem-se em grupos de vinte, e, ataviadas com tecidos de certas palmeiras, percorrem a região, empunhando uma vara, a cantar e a dançar. Vão, assim, á procura de marido, forçando os homens, por essa maneira, a augmentar o numero de esposas.

*

Na Edade Média estiveram em voga os raptos collectivos, e as incursões dos mouros, normandos e outros povos faziam da mulher a parte mais preciosa dessa... pilhagem.

*

Dizem os fumantes que para se conhecer as qualidades de um bom charuto basta examinar-se bem a sua folha exterior. O aspecto desta é o melhor indice para determinar a classe do producto. Se é pallida ou está manchada, é que o tabaco interior é de má qualidade.

*

Nem todos os canibaes apreciam a carne humana. Consideravel numero delles despreza a carne do homem, por que a acham de sabor amargo bem desagradavel.

*

O crocodilo foi um dos animaes mais reverenciados pelos povos do Oriente. No Egypto existiu a cidade de Crocodilopolis, construida, segundo a tradição, pelo mesmo pharaó que subjugou os israelitas. Alli estava o santuario dos crocodilos sagrados do lago de Moeris.

Esses saurios eram creados nesse lago com todas as attenções e cuidados, e quando um delles morria era encerrado em uma das immensas necropoles existentes proximo das em que repousavam os pharaós.

ESPIRITO ALHEIO

Devedor (persuasivo) : — Não se altere, meu caro. Suba commigo, e faremos um accordo.

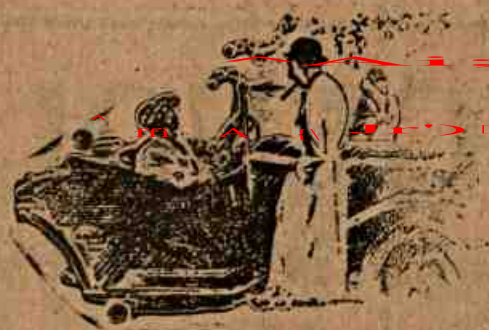
Credor (possesso) : — Qual subir! Já me deve você duzentos mil réis; si eu subir, acabarei emprestando outros duzentos...

Esposa (discutindo o presente de Natal que ha de dar a seu filho) : — Nada de fumo. Queria que fumasse tanto.

Marido (distrahidamente) : — Se lhe deres uma caixa de cigarros igual á do anno passado, perderá o vicio por completo...

Larapio : — Perfeitamente, senhora. Encarregue-se desta peça, emquanto eu dou conta de outra...

Elle : — Não me disseste que as vaccas se assustavam?

Ella : — Sim. Mas sómente quando se vae a pé. No auto, experimenta-se uma sensação de segurança...

— Como conseguiste este esplendido automovel?
— Numa tombola de caridade.
— Tiraste o primeiro premio?
— Não; a tombola era minha...

A visita : — Seu marido escreve com rapidez?

A esposa do poeta : — Qual! Emquanto eu estendo quatro linhas de roupa, elle não escreve uma sequer...

Dialogo Inverosimil Entre Um "Personagem" e Um "Autor"

(Conto... "pirandelliano")

Por Julio Franzoso

MEIA noite. Hora de espectros, hora de novella. O *autor*, defronte de sua mesa de trabalho, rodeado de pequenas montanhas de livros de todos os tamanhos, realiza, um pouco mecanicamente, seu trabalho habitual, o trabalho de todas as noites, o de todos os momentos: escreve. Deixa em liberdade a penna, guiada por sua imaginação, para percorrer livremente toda a planura branca das laudas, virgens ainda, que, á sua passagem, irão cobrindo-se de pontos pretos, de palavras, até chegar, com um pouco de fadiga, a essa outra pagina consoladora que levará a palavra magica — promessa de descanso — que se chama: fim.

Assim, pois, o *autor*, o *conhecido* escriptor, como dizem os jornaes, trabalha na soledade e na quietude de seu gabinete. Os personagens que vivem em seu cerebro, como velhos amigos, estão ali, sobre o papel, photographados com palavras exactas, tal como elle os surprehendeu na vida, na sua passagem entre elles, escolhendo-os, separando-os dos outros, dos vulgares personagens que nada disseram á sua imaginação. Estão ali, sim, com seus defeitos e suas virtudes, com suas paixões e com seus odios. Depois, pouco a pouco, emquanto o relogio avança em sua marcha e começa a aproximar-se de uma hora ainda mais avançada, o *autor*, contra seu costume, sente sobre as palpebras uma leve fadiga, fastidiosa e incommoda.

Começa, para elle, a lucta contra o somno, que naquella noite quer collocar sobre seus olhos um beijo de chumbo antes do regulamentar. Não se quer declarar vencido, e a penna continúa ennegrecendo as brancas folhas do *block*. Já resta pouco de sua tarefa. Presente, com satisfação, que se aproxima do final. Com effeito, marcado e já quasi realizado o casamento de seu protagonista, só lhe falta accrescentar a esse epilogo de pellicula um broche de ouro mais ou menos legitimo, e retirar-se para descansar *até* o dia seguinte. Mas... quem lucta contra o somno? O inimigo é poderoso e vence. Mais tarde, quando o relogio chegou a tocar duas badaladas longas, vibrantes, lugubres, cujo éco musical percorreu todos os recantos da casa, o *autor* não mais as ouviu. Dormia. Dormia profundamente...

....

(E, de repente, o phantastico, o impossivel, o absurdo, transformando-se em realidade. De sobre os papeis emerge uma figura de homem, que vae crescendo lentamente, alargando-se, até que, impossivel de permanecer de pé sobre a mesa, desce della, colloca-se junto ao *autor* e, familiarmente, lhe bate no hombro.)

— Eh? que Ha? Que acontece? — exclama o *autor*, despertando sobresaltado. — Quem és?

— Teu filho! — responde-lhe o *personagem*.

— Meu filho?! Mas, si sou solteiro.

— Mentes! Tens muitos filhos..., pois vocês, os escriptores, affirmam nos jornaes que suas obras são filhos espirituaes; e como eu sou um personagem, ainda mais, nada menos que o protagonista de tua ultima novella, essa que tens ahi sobre a mesa, e cuja tarefa vim interromper-te...

— Agora comprehendo... E's... Eugenio Rios...

— Elle mesmo. Vês como me conheces?

— Com effeito: és um filho de minha imaginação... Podes sentar-te... Desculpar-me-ás o não ter eu preparado ainda em tua honra, pois não te esperava...

— Agradeço tua franqueza... paternal. Estou bem em pé. Além disso, te verás obrigado a expulsar-me de teu lado, pois vim dar-te um pequeno desgosto. Assim, de pé, estou mais perto da porta.

— Escuto-te...

— E' muito simples... E' muito breve.

— Melhor...

(Uma pausa. O *autor* observa o *personagem*. O seu protagonista: Eugenio Rios. Tem trinta annos. E' alto. Elegante. Olhos um pouco sonhadores. Romanticos. O *personagem*, por sua vez, observa o autor. E' como o esperava: delgado, um pouco pallido. Ampla a fronte, onde o cabello começou a escassear, abandonando-a antes do tempo. Os annos deixaram-lhe, na cabeça, um reflexo prateado. Não obstante ser pae e filho, se olharam como inimigos. Calculam suas forças e ahi estão agora frente a frente, como rivaes, como homens.)

— Vim trazer-te uma noticia...

— Vamos a ella...

— A seguinte: não quero casar-me!

Momento de estupefacção. De panico. O *autor* succumbe pela quantidade excessiva de palavras que se agrupam no espaço reduzido da bocca. Depois,

— E o resolveste agora, agora, que tenho minha novella quasi concluida e as primeiras provas de machina corrigidas! Não te parece um pouco tarde?

— De facto, o é... (Mostra o relogio) Mas não tive tempo de vir mais cêdo... Além disso, como preparas sósinho um casamento, sem perguntar-me nada a mim, que sou parte interessada, já que represento a victima?

— Victima? Que é isso?! Que linguagem empregas para dirigir-te a mim!...

— Perdão, papae. Observo-te que agora estamos fora do livro, não é verdade? Falamos sem leitores, de um para outro, apenas. Depois, quando voltar ao papel, dalli te falarei como me mereces.

— E... posso saber a que vem semelhante insolencia em desobedecer-me? Eu te preparei um casamento digno de ti... Escolhi-te uma companheira

— Ideal para ti, que a fabricaste em teu pensamento e a adornaste ali das melhores qualidades; mas não ideal para mim, que estou ao lado della horas e horas e conheço melhor do que tu... Afinal, não caso!

— Por que?

— Porque sou feliz solteiro! Tenho amplas liberdades, vôo aonde me parece, e por isso temo a jaula do matrimonio...

— Mas, eu direi a ella que não te prohiba tuas expansões actuaes. Que te deixe desfructar a liberdade que queiras, até que voltes sozinho a buscar o calor [illegible] do ninho amoroso e os labios puros de tua mulher.

— Não! Queres enganar-me! Conheço-te. Sou teu filho: Eugenio Rios. Vejo claramente o que farás comigo: terminarás tua novella, apresental-a-ás ao concurso municipal, talvez obtenhas um premio, porque [illegible] amigos influentes, e te esquecerás de mim, deixando-me enterrado dentro dessas paginas sem liberdade, e condemnado á angustia eterna de tornar

Dialogo inverosimil entre um "personagem" e um "autor"

(Conclusão)

a ver-te, porque temerás minhas censuras, que serão muito justas. Tem piedade de mim, ao menos por esta vez, e deixa-me solteiro!

— Não posso.

— Quem t'o impede?

— O editor!... Minha novella está annunciada e a *proximamente* não se póde alargar mais... Além disso, preciso de dinheiro.

— E o adquires vendendo minha liberdade? Se fosses um verdadeiro pae, rasgarias esses originaes.

— Impossivel... No emtanto, chegaremos a um accôrdo vantajoso para ambos...

— Não te creio... Escuto-te... Fala...

— Prometto-te formalmente que esta novella terá uma *segunda parte*, e nella te devolverei tua liberdade...

— Por que meios?

— Pelo divorcio! Na segunda parte voltarás a ser livre, irás aonde quizeres, e eu t'o agradecerei sempre, pois assim terminarei esta novella, e depois o motivo de teu divorcio encherá as paginas da outra...

— ... com que pedirás ao editor um novo adeantamento economico. E's meu pae. Conheço-te e creio em ti. Este novo projecto teu merece minha sympathia e minha sinceridade. Mas... quanto tempo esperarei?

— Dois annos! O necessario... Talvez menos. Talvez no proximo anno. Depende... de varias razões.

— Comprehendo... E entre ellas, a mais urgente será a do dinheiro...

— Exactamente. Para que mentir, não é verdade? Não estamos deante de leitores, neste momento. O publico não nos ouve... Falamos como somos na intimidade.

— Então...

— ... te divorciarei convenientemente. Prometto-te.

— Creio-o...

(Um aperto de mão sella o pacto daquella promessa louca. A figura de Eugenio Rios diminue lentamente, até que de um salto sobe á mesa, diminuindo cada vez mais, até que desapparece por completo entre as paginas cheias de letras, do *block*...)

. . . .

(O relógio bate horas. Uma..., duas..., tres... quatro... O *autor* dorme agora mais tranquillo... Sorri, talvez, e é possivel que sonhe...)

M. C.

NOTAS DE CADERNO

DE ERNESTO M. BARREDA

NÃO se póde ser modesto. A nossa gente occorre como a esse personagem de Proust — que, aliás, cito com pouco enthusiasmo — a esse personagem a quem era preciso declarar o preço da joia que se lhe offerecia. Si lhe diziam: "Acceite esta pedrazinha"...., elle tomava um rubi de cinco mil francos por um vidro qualquer. E o mesmo se passa em relação ás cousas do espirito, porque as pessoas só estão dispostas a crer-nos quando falamos mal de nós proprios. Sim: não se póde ser modesto...

* * *

Crava a garra e cura a ferida. E' o mais que se póde exigir de um homem.

* * *

A originalidade é uma braza que se deve apanhar com a mão.

* * *

Augurar ardentemente o que se deseja, é uma suave maneira de prophetizar.

* * *

Dar opiniões é, a principio, uma necessidade. Depois se torna um vicio. E acaba transformando-se em uma profissão: é o cumulo da esterilidade.

* * *

O homem bom... Ora! Minha bondade começa onde tens interesses!

* * *

Geralmente, as pessoas julgam deste modo: "Fazes-me bem, és bom; fazes-me mal, és mau". Poucas seriam capazes de dizer: "Ainda que me faças bem, és mau". E ainda menos — si ha alguma — que pronunciassem estas palavras quasi divinas: "Embora me faças mal, reconheço que és um homem bom".

* * *

A opinião artistica! Não sei com que especie de animal mythologico comparal-a. A's vezes tem tanto de Molière como de Esquillo: um mixto de hypocrita e da furia. Como poucas vezes se enthusiasma! E quando o faz, ou está enganado, ou tem má intenção...

* * *

Por que as mulheres têm tanto medo dos ratinhos que fogem espavoridos procurando sua cova para esconder-se?...

* * *

O renome dos literatos é como o jogo de bolsa. As altas e baixas estão nas mãos delles proprios e obedecem aos interesses privados de cada grupo. Por isso detestam sempre os que jogam por conta propria.

* * *

A vida do artista só se deve consagrar á arte, e não á amizade e ao amor. O amor e a amizade só devem interessal-o como uma fonte de emoções, para produzir obras de arte. Como si se tirasse o fructo de umas vinhas para fabricar o vinho de belleza. E afastasse depois o residuo agridoce...

* * *

Si necessitas da protecção de algum homem rico, procura-a [illegible] relações de dar e obter. Depois, dando, para que elle se convença de que és realmente um homem pobre.

COLLABORAÇÃO

DO MEU DIARIO

NESTES dias estivaes, muito claros, muito limpidos, de uma ardente luminosidade, quando o alto céo, macio e curvo, é como uma redoma de crystal aprisionando a terra verde e florida; nestes dias coruscantes, a sombra da grande inimiga invisivel muitas vezes se debruça sobre minh'alma.

E' que a Vida em seu apogeu, em sua plenitude, me faz sentir vivamente a Morte.

Assim, nos diluculos idecisos ou ao desabrochar das noites de plenilunio, quando a terra se aninha nas gazes d ebruma, quasi sempre a Melancolia, o Sonho, me embala com a sua canção feiticeira — que é magoa e prazer, saudade e esperança.

Mas, só nos dias primaveris quando a symphonia gritante das côres me fere os nervos e dilata os olhos num deslumbrado enlevo, é que sinto a Morte, vejo-a, palpo-a, respiro-a.

Sinto-a na fuga vertiginosa do tempo, que arrasta e consome; vejo-a na confusão orgiaca de côres deslumbrantes, que são os vestidos de uma hora com que a terra esconde suas formas immutaveis; palpo-a no amoroso aconchego da lar, em que tudo que me rodeia e encanta parece indestructivel e eterno, mas está destinado a mudar, terá de mudar fatalmente; aspiro-a nessa atmosphera leve e perfumada, que é um philtro embriagador, que penetra as veias e accelera o sangue, num fremito de insopitavel alegria.

E então, porque tudo que me envolve fala tão eloquentemente da Morte, na sua Inplacabilidade, e da Vida, na sua Belleza e na sua Fragilidade — é que o desejo de viver me empolga, qual uma febre, como si estivesse inscripta, sobre a minha cabeça, a fatidica sentença do banquete babylonico.

Sei lá, quem sabe, afinal, os dias, as horas, os instantes de victoria sobre a Dôr e sobre a Morte?

Sentir a Vida, comprehendel-a, acompanhar o seu declinio, é, de certo modo, sentir a Morte, vivêl-a,, esperar a sua vinda...

MARILDA PALINIA

O SONHO DO MENINO

(DE JUAN JOSÉ DE SOIZA REILLY)

A casa de commodos! Com a alma coroada de rosas, a menina vivia na doce placidez do sonho. Era feliz... Aos quinze annos, sua belleza de virgem loira era uma tentação... Na casa de commodos a adoravam. Para ella foram sempre as flores mais formosas e as phrases mais doces. Sua imagem fluctuava nas insomnias dos rapazes, enchendo-lhes de polvora o sangue... Morava em um quarto com seus paes, dois velhos miseraveis, dois crapulas que esperavam que a fructa amadurecesse para exploral-a... Queriam que ella se casasse com um velho rico... Mas ella, com toda a sinceridade de sua alma selvagem, se apaixonou loucamente, oh! loucamente, por um rapaz muito pobre... Atordoada pelas ameaças paternas, fugiu com elle. Deu-lhe sua alma. Deu-lhe seus beijos. Tudo... Em compensação, o noivo, depois de saborear a illusão do idyllio, a abandonou com um filho. Na miseria... Desesperada, envelhecida, ella procurou trabalhar. Não póde. De toda parte a expulsava o pontapé aggressivo do mundo...

Certa noite, a mãe e o filho sentiram uma fome feroz. O pão havia acabado. Que fazer? Morrer? Não... Ella tomou o menino nos braços. Sahiu á rua... Pediria esmola. Era noite de Natal, e se Jesus gozava em seu presepe, talvez seu filho pudesse ser feliz. Mas não... Os bebados, ao vêl-a, saudaram-na com gritos obscenos. Ella implorava em vão. Rogou... Tudo em vão. Ninguem lhe deu nada. Afinal, cansada, exhausta, desfeita, se deixou cahir, com o menino, no humbral de uma porta. Ambos ficaram adormecidos em um somno de angustia, de vigilia, de fome... E assim, adormecidos, sonharam... Que sonharam elles? Ella sonhou que ainda era joven, e que o noivo a beijava com delirio, na bocca. O menino sonhou que Jesus lhe offerecia caramellos muito doces e pintados com sangue...

VERSOS

EVOCANDO...

... Maceió, sempre foi de todas as cidades
que conheço, a mais triste, a mais adormecida...
pequenina a scismar e espalhando saudades
pelo canteiro ideal de toda a minha vida!

Vejo bem esse dia... Havia suavidades
como o aroma do pó da lembrança pungida; —
é que a cidadezinha olhou-me com bondades,
com meiguice e carinho na hora da partida!

Pareceu-me dizer: "aos combates resiste!
Sempre é muito feliz, todo o judeu errante
que encontra uma choupana abandonada e triste!"

E hoje, quando eu me sinto um mendigo, na porta
da lembrança de amôr de um coração distante,
soffro por ella ser uma belleza morta!

JOSÉ PINHO.

(Do livro em prepáro — *Clarões...*)

BALCÃO DE MIUDEZAS

LETTRA PESSIMA

O famoso lord Curzon era pessimo calligrapho. Certo dia, escreveu uma carta a um velho tio e outra a um companheiro de collegio. Nesta ultima, fazia votos para que o referido parente estourasse depressa, afim de gosar-lhe a riqueza.

Por distracção, trocou os sobrescriptos das epistolas e, quando se deu conta do equivoco, era tarde para remedial-o. Passou tres dias muito afflicto.

Emfim, recebeu a resposta do velho. Dizia o seguinte:

"Querido sobrinho. Tens uma lettra tão ruim que não consegui decifrar tua carta. Mas, como te conheço a fundo, sei que deves chorar tua quebradeira, como sempre... Para que a remedeies, aqui vae um cheque. Tira do dinheiro que te mando um pouco para pagares a um professor de calligraphia."

VIBRAÇÕES AUDITIVAS

O maior numero de vibrações sonoras que o ouvido humano póde receber por segundo é de 41 a 42 mil. Poucas pessôas têm a mesma sensibilidade para perceber os sons em ambos os ouvidos, pois o direito percebe notas mais altas que o esquerdo.

Os sons continuados, porém baixos, têm umas dezeseis vibrações por segundo e os mais altos produzem umas quatro mil.

Os ouvidos das mulheres pódem perceber sons mais altos ou maior numero de vibrações auditivas por segundo do que os dos homens.

Antes ellas ouvissem e falassem menos...

OS VÉOS

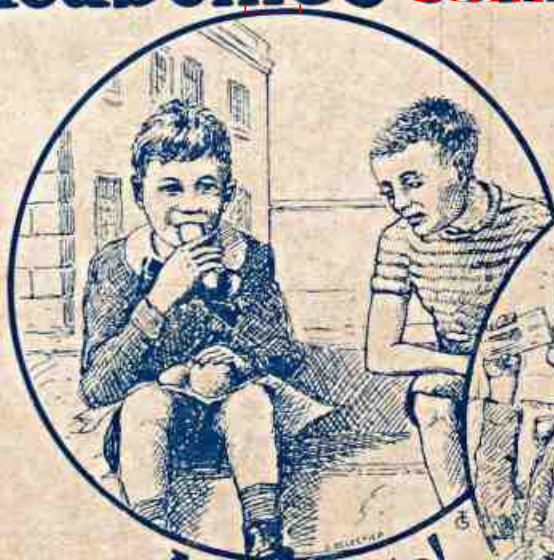
O véo remonta ás mais antigas eras e originou-se no oriente.

Na *Theogonia* de Hesiodo, Minerva, depois de ter vestido Pandora, cobre-se com um véo. Na *Odysséa*, Penelope apparece com seus amigos adornada de véo.

Entre os gregos e romanos as mulheres não appareciam em publico sinão com o rosto velado. A noiva somente tirava o seu véo no terceiro dia das bodas.

As vestaes usavam véos brancos e as recem casadas, vermelhos riscados de branco e vermelho.

Assim, é velho e tradicional o véo das mulheres musulmanas, das noivas e das viuvas christãs.

Acabemos com as merendas desiguaes!

FO'RA COM AS MERENDAS NAS ESCOLAS!!

Um acatado mestre em pediatria e medico escolar brasileiro reconheceu em bôa hora o pouco valor alimenticio das merendas, que os alumnos levam para a escola e que devoram ahi nas horas de recreio, e com alto criterio introduziu, este sabio especialista, *o copo de leite*.

QUE SENSATA E ADMIRAVEL MEDIDA!

Sigamos o exemplo das escolas na America do Norte, onde se dá systematicamente ás creanças, como "lunch", uma bôa chicara do LEITE MALTADO HORLICK e onde, por pesagens continuas, é verificado o augmento do peso nas creanças atrazadas, alimentadas com este leite. Isto seria o complemento ideal desta medida louvavel em todos os sentidos.

O LEITE MALTADO HORLICK não deve ser posto, quanto ao seu valor nutritivo, em parallelo com o leite de vacca. O LEITE MALTADO HORLICK reune em si todas as substancias necessarias para o sustento das nossas funcções organicas, de sorte que o leite de vacca póde ser perfeitamente dispensado.

Paes, mães, Professoras e Autoridades, que tendes de velar pela saude da nova geração de que depende o futuro da Nação, dai aos vossos tutelados o LEITE MALTADO DE HORLICK e em pouco, corôada a vossa iniciativa, vereis creanças sadias, robustas e alegres.

Peçam amostras a

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rua do Ouvidor, 98—Rio de Janeiro — R. S. Bento, 33—S. Paulo